

MÁRCIA QUEIROZ SILVA BACCELLI

ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA

Universidade de Uberaba – UNIUBE

Uberaba - 2003

MÁRCIA QUEIROZ SILVA BACCELLI

ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
Educação da Universidade de Uberaba para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Célia M. de Castro Almeida

UNIUBE

2003

Banca Examinadora

Orientador: 
Celia Maria de Castro Almeida

1º Membro: 
Silvia Maria Cintra da Silva

2º Membro: 
Ana Maria Faccioli de Camargo

Uberaba (MG), 25 de setembro de 2003

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Uberaba

B12a Baccelli, Marcia Queiroz Silva
Artistas uberabenses na escola / Marcia Queiroz Silva
Baccelli – 2003
153 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de
Uberaba, Uberaba, MG.

Orientadora: Célia Maria de Castro Almeida.

1. Arte e educação. 2. Arte – Estudo e ensino – Uberaba
(MG). L. Título.

CDD 707

AGRADECIMENTOS

O que a musa eterna canta

*Cesse de uma vez meu vão desejo
De que o poema sirva a todas as fomes
Um jogador de futebol chegou mesmo
a declarar:
“Tenho birra de que me chamem de intelectual
sou um homem como todos os outros”.
Ah, que sabedoria, como todos os outros,
a quem bastou descobrir:
letras eu quero é pra pedir emprego,
agradecer favores,
escrever meu nome completo.
O mais são as mal-traçadas linhas.*

Adélia Prado

É assim, como diz a poetisa: letras, eu quero para agradecer àqueles que colaboraram a fim de que eu pudesse usar da palavra e tecer esta dissertação.

Agradeço a Deus que me deu a vida e a fé para que jamais pudesse esmorecer no caminho a percorrer.

Agradeço à orientadora, Professora Doutora Célia Maria de Castro Almeida, pela contribuição pessoal e acadêmica, que me orientou na formulação de conceitos sobre arte e educação.

Agradeço a Carlos, meu companheiro, e aos meus filhos, Thiago e Marcela, pelas horas que lhes foram suprimidas, permitindo-me escrever esta dissertação.

Agradeço aos meus pais, Prof. José Thomaz e Terezinha, o incentivo que me proporcionaram em todos os momentos difíceis desta trajetória.

Agradeço a Adriana Pereira Rocha, Professora de Educação Artística que participou comigo do projeto de pesquisa: “Artistas Uberabenses na Escola”.

Agradeço aos artistas uberabenses que franquearam e acolheram em seus ateliês os alunos que os foram visitar.

Agradeço à equipe da 39ª Superintendência Educacional de Uberaba, na pessoa da Delegada de Ensino, Maria Bárbara Cury, que me ofereceu a oportunidade do contato com as Professoras de Educação Artística das Escolas Estaduais de Uberaba, através de reunião realizada na 39ª S.E.

Agradeço aos alunos e alunas, sensíveis artistas do 3º ano do Ensino Médio das Escolas Estaduais “Minas Gerais” e “Edith França”, pela participação efetiva no Projeto “Artistas Uberabenses na Escola.”

Agradeço aos Professores e às Diretoras das escolas “Minas Gerais” e “Edith França”, que permitiram a viabilização da pesquisa em seus estabelecimentos de ensino.

Agradeço à Fundação Cultural de Uberaba, na pessoa de seu Presidente Prof. José Thomaz da Silva Sobrinho, que ofereceu os ônibus para o traslado dos alunos aos ateliês dos artistas, bem como cedeu a galeria da Fundação, na qual se efetivou a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos no projeto “Artistas Uberabenses.”.

Agradeço a Marilene e José Carlos, pelo apoio técnico e gráfico.

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi elaborar, implementar e avaliar uma proposta de educação em artes visuais, centrada na idéia de que o ensino de arte na escola precisa promover experiências que sejam significativas para os alunos e valorizar as produções artísticas do contexto onde se insere a escola. Pinturas de artistas contemporâneos residentes em Uberaba (MG) foram o tema do projeto “Artistas Uberabenses na Escola”. Desenvolvido em duas escolas estaduais da cidade, o projeto envolveu uma professora de arte e seus 280 alunos, distribuídos em nove turmas e matriculados na terceira série do ensino médio. Tomando como referencial teórico a “proposta triangular” de Ana Mae Barbosa (1991), os alunos realizaram atividades de produção artística e de apreciação e contextualização das obras selecionadas. Com o objetivo de mostrar que a arte está presente na vida cotidiana e que ela pode fazer parte de nossa história pessoal, o projeto promoveu visitas dos alunos aos ateliês dos artistas estudados; estes, por sua vez, foram às escolas desenvolver atividades de produção artística com os alunos. As avaliações de alunos e professora indicam que o projeto atingiu os objetivos propostos.

SUMMARY

The objective of the research was to elaborate, implement and evaluate education in visual arts centered in the idea of art teaching in schools needs to promote experiences that are significant to the students and to valorize the artistic productions of the way it is inserted in the school.

Paintings by contemporary artists living in Uberaba (MG) were the theme of the project “Artistas Uberabenses na Escola” (Artists From Uberaba in Schools). It was developed in two statual schools in the city, and it involved na Art teacher and her 280 (two hundred eighty) students placed in nine groups and taking the third grade of high school.

Having as theoretical referencial the “triangular proposal” by Ana Mae Barbosa (1991), the students carried out artistic production activities as well as apreciation and contextualization of selected works. Trying to show. Art is present in daily life and it can be part of our personal story and promoted visits by students to art galleries of the studied artists, who went to the schools develop artistic production activities with the students. The evaluations of students and teacher indicate that the project achieved the proposed objectives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIG. 01 – MIRANDA, Paulo. Exile II . 1998. técnica mista, 2m X 3m.....	31
FIG. 02 – Arantes, Maria Inês. Eterno Querer . técnica mista 88 X 72.....	32
FIG. 03 – Siqueira, Hélio Ademir. Piões . 1995. técnica cerâmica 150 X 150.....	33
FIG. 04 – Fernandes, Ovídio. Desenho de Anatólio Guimarães	35
FIG. 05 – Magalhães, Anatólio. Igreja de Santa Rita . óleo s/ madeira 47 X 35.....	35
FIG. 06 - Magalhães, Anatólio. Casario antigo, ladeira, praças com suas igrejas	35
FIG. 07 – Reis, José Maria dos. Auto Retrato . 1955.....	37
FIG. 08 – Winkel, Van Elizabeth. Fotografia.....	39
FIG. 09 – Winkel, Van Elizabeth. Multiplicação dos pães . 1960. composição em tecido.....	39
FIG. 10 – Fernandes, Ovídio. Nossa Senhora . óleo s/ tela 40 X 30.....	41
FIG. 11 – Ciriani, Maria Helena. fotografia.....	43
FIG. 12 – Ciriani, Maria Helena. Mulher com jarro . bronze 70 cm.....	43
FIG. 13 – Fantato, Hélio. Os pescadores . óleo s/ tela 80 X 70.....	45
FIG. 14 – Siqueira, Hélio Ademir. fotografia.....	47
FIG. 15 – Siqueira, Hélio Ademir. Cosme e Damião . 1994. barro 65 cm.....	47
FIG. 16 – Miranda, Paulo. fotografia.....	49
FIG. 17 – Miranda, Paulo. Exile II . 1998. técnica mista 2 X 3.....	49
FIG. 18 – Escola Estadual Edith França. fotografia.....	57
FIG. 19 – Escola Estadual Minas Gerais. fotografia.....	57
FIG. 20 – Mariano, Cacilda. Mirante . 1998. óleo s/ tela 100 X 80.....	65
FIG. 21 – Ulhôa, Maria Abadia. Flores . 1998. óleo s/ tela 90 X 100.....	67
FIG. 22 – Andrade, Maria Délia Prata de. Mata do Ipê . 1998. óleo s/ tela 90 X 100.....	68
FIG. 23 – Cardoso, Rosalina Ap. de Moraes. Te ver de longe . 1998. óleo s/ tela 90 X 100.....	69

FIG. 24 – Cazadei, Cláudia Kremp. Mirante . 1998. óleo s/ tela 100 X 90.....	70
FIG. 25 – Mariano, Cacilda. Fotografia.....	82
FIG. 26 – VISITA ao ateliê de Cacilda Mariano. 2000. Fotografia.....	82
FIG. 27 – Cazadei, Cláudia Kremp. Fotografia.....	84
FIG. 28 – VISITA ao ateliê de Cláudia Kremp Cazadei. 2000. Fotografia.....	84
FIG. 29 – Barbosa, Maria Abadia Ulhôa. fotografia.....	86
FIG. 30 – VISITA ao ateliê de Maria Abadia Ulhôa Barbosa. 2000. Fotografia.....	86
FIG. 31 – Cardoso, Rosalina Aparecida de Moraes. Fotografia.....	88
FIG. 32 – VISITA ao ateliê de Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso. 2000. Fotografia.....	88
FIG. 33 – Andrade, Maria Délia Prata de. fotografia.....	91
FIG. 34 – VISITA ao ateliê de Maria Délia Prata de Andrade. 2000. Fotografia.....	91
FIG. 35 – PICASSO, Releitura , As Meninas.....	99
FIG. 36 – VELÁSQUES, As Meninas.....	99
FIG. 37 – MAGRITTE, Releitura, Balcão.....	100
FIG. 38 – MANET, Balcão.....	100
FIG. 39 – Abertura da Exposição da Fundação Cultural de Uberaba.....	102
FIG. 40 – Entrada dos convidados na Galeria de Arte da Fundação Cultural de Uberaba.....	102
FIG. 41 – Visita à Galeria de Arte da Fundação Cultural de Uberaba.....	102
FIG. 42 – RELEITURA da obra Mata do Ipê. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° B.....	103
FIG. 43 – RELEITURA da obra Te ver de Longe. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° 1...	104
FIG. 44 – RELEITURA da obra Mata do Ipê. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° A.....	105
FIG. 45 – RELEITURA da obra O Mirante. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° 2.	106
FIG. 46 – RELEITURA da obra Flores. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° C.....	107
FIG. 47 – RELEITURA da obra Mirante. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° D.	108
FIG. 48 – RELEITURA da obra O Mirante. 2000. Desenho dos alunos da turma do 3° E.	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	13
1.1 O ensino de arte na educação escolar: breve histórico	13
1.2 A “proposta triangular” e as recomendações oficiais para o ensino de Arte	16
1.2.1 <i>A experiência de apreciar arte</i>	16
1.2.2 <i>A experiência de contextualizar arte.....</i>	17
1.2.3 <i>A experiência de fazer arte</i>	18
1.2.4 <i>Por um ensino de arte mais significativo para o aluno</i>	20
CAPÍTULO 2	
CENÁRIO DAS ARTES VISUAIS EM UBERABA	26
2.1 Um pouco da história de Uberaba	26
2.2 Artistas uberabenses.....	34
CAPÍTULO 3	
O PROJETO “ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA”	50
3.1 Considerações conceituais sobre a pesquisa desenvolvida.....	50
3.2 O processo de construção do projeto “<i>Artistas uberabenses na escola</i>”.....	51
3.2.1 <i>As escolas “Edith França” e “Minas Gerais”.....</i>	54
3.2.2 <i>A professora de Arte</i>	58
3.3 Pondo em ação o projeto “<i>Artistas uberabenses na escola</i>”	61
3.3.1 <i>Atividades desenvolvidas</i>	63
3.3.1.1 <i>Atividades de apreciação</i>	63
3.3.1.2 <i>Visitas aos ateliês dos artistas uberabenses</i>	79
3.3.1.3 <i>Atividades de produção</i>	98
3.4 Avaliação do projeto <i>Artistas uberabenses na escola</i>	111
3.4.1 <i>Avaliação dos alunos</i>	111
3.4.2 <i>Avaliação da professora</i>	114
3.4.3 <i>Avaliação da pesquisadora</i>	115
CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS	124
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	128
APÊNDICE A – Pensamentos de Josep Tharrats	133
APÊNDICE B – Entrevista com a professora de Arte	134
APÊNDICE C – Depoimentos sobre a exposição de trabalhos realizados pelos alunos	149
APÊNDICE D – Questionário de avaliação respondido pelos alunos	151
ANEXO A – Alguns relatórios de alunos referentes às visitas aos ateliês	153

INTRODUÇÃO

Em uma construção, tijolo a tijolo são agrupados para darem consistência ao soerguimento das paredes de uma casa, que se inicia assim, da base para o alto. De igual modo, ocorre também na construção das idéias de uma dissertação. Começamos a edificar o pensamento a partir de idéias incipientes que, coordenadas, conformaram o projeto desta dissertação.

O princípio deste estudo teve a sua gênese em duas monografias. A primeira, intitulada “Artistas Uberabenses”, foi desenvolvida no ano de 1998, em Curso de Pós-graduação Lato Sensu realizado na Universidade de Franca (SP). Essa monografia foi sobre o projeto que desenvolvemos em 1998, como professora da Oficina de “História da Arte”, da Fundação Cultural de Uberaba, que tinha por objetivo aproximar a criação artística contemporânea do ensino da arte. A segunda monografia, intitulada “O Olhar”, foi realizada no Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Tais monografias tratam de obras de artistas uberabenses, particularmente aqueles que expressam seus olhares sobre a cidade, retratando pontos pitorescos da mesma. Sobre a segunda monografia o Professor Doutor Carlos Rodrigues Brandão formulou uma observação: para ele o trabalho ficaria mais completo se tivéssemos estabelecido um diálogo com os artistas. Levando em conta essa consideração, e pensando que a escola não pode estar separada da arte, propusemo-nos desenvolver uma proposta de ensino artístico que tomasse como tema os artistas uberabenses, numa abordagem que possibilitasse a aproximação desses artistas com a escola. E foi assim que começamos a estruturar a pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado.

Uberaba é um celeiro de artistas, mas poucos são conhecidos dos alunos que freqüentam a escola de ensino fundamental e médio. Daí a importância do desenvolvimento de um projeto centrado nos artistas uberabenses, pois muitos alunos admiram a arte universal, mas olvidam a realidade que está tão próxima deles.

A arte não pode estar isolada do nosso cotidiano. Por isso, entendemos que o objetivo do ensino escolar de arte não é formar artistas mas formar apreciadores das artes, ou seja, formar o conhecedor, o fruidor das manifestações artísticas presentes em uma sociedade.

Os alunos, qualquer que seja a camada social à qual pertençam, têm direito a manifestar sua própria cultura, mas também o direito de acesso à cultura das elites. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando, ao lado de uma produção de boa qualidade, há também uma boa capacidade de entendimento dessa produção pelo público.

Levando em conta essas afirmativas, consideramos a necessidade de elaborar uma proposta para o ensino das artes visuais no ensino médio centrada na leitura de obras de artistas plásticos de Uberaba.

A idéia de trabalhar com os artistas uberabenses decorreu do entendimento de que a aproximação entre conteúdos escolares e experiências vivenciadas no cotidiano favorece a construção de conhecimentos.

Partindo do pressuposto de que a escola não pode estar divorciada da realidade vivenciada pelos alunos, e que os assuntos que se aproximam mais das experiências concretas dos alunos despertam maior interesse nos mesmos, a proposta foi elaborada com o intuito de explorar novos caminhos para o ensino de arte na escola.

Para tanto foi elaborado o Projeto “Artistas uberabenses na escola”, que buscou aproximar os conteúdos artísticos da vida cotidiana dos alunos.

O projeto foi pensado a partir dos pressupostos de que o currículo não pode ser algo fechado e acabado, mas deve ser aberto aos diferentes conhecimentos e experiências, e que a arte pode ser significativa e viva dentro da escola. No projeto, buscamos integrar o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica através do contato direto com as produções de artistas uberabenses. Um contato que possibilitasse aos alunos exercitarem a sua

sensibilidade e conhecerem a arte; o que envolve o exercício conjunto do pensamento, da intuição, da sensibilidade e da imaginação.

Assim sendo, a pesquisa desenvolvida teve por objetivo elaborar, implementar e avaliar uma proposta de educação em artes visuais para o ensino médio desenvolvida através do projeto “Artistas uberabenses na escola”, centrada na idéia de que o ensino de arte na escola precisa promover experiências que sejam significativas para os alunos, possibilitando-lhes o contato direto com as produções artísticas, em especial as que se referem ao contexto histórico cultural dos alunos.

O estudo foi orientado pelas questões:

- O contato direto com artistas e suas obras pode provocar nos alunos um maior interesse pela arte?
- Como se dá o processo de leitura da obra de arte visual entre os alunos do ensino médio?
- Que conhecimentos, habilidades e valores os alunos desenvolvem em atividades de apreciação artística?
- Que elementos na obra de arte visual despertam maior interesse entre os alunos?
- Qual tipo de obra visual preferido pelos alunos?
- Na escola, que fatores interferem no desenvolvimento de atividades de apreciação?

CAPÍTULO 1

ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DO ENSINO ESCOLAR DE ARTE NO BRASIL

1. 1 O ensino de arte na educação escolar: breve histórico

Sob o ponto de vista de ensino da arte, na primeira metade do século XX coexistiram o academicismo, herdado do século anterior, e a livre expressão, trazida pela modernidade, repetindo-se no Brasil as tendências metodológicas em conflito na maioria dos países. A busca do equilíbrio entre estes posicionamentos antagônicos se deu a partir dos anos 50, com questionamentos que desafiaram e provocaram a pesquisa e a discussão conceitual sobre a arte na educação escolar. Tais questionamentos refletiram-se nos movimentos de profissionais preocupados em discutir a dimensão institucional da arte nos currículos da educação básica no país.

Na realidade brasileira, o ensino de arte na educação básica ainda tem se ressentido de uma certa precariedade no que diz respeito à formação docente e à posição da área em relação aos outros conhecimentos curriculares.

Uma situação facilmente observável diz respeito à postura reducionista e periférica do ensino de arte na escola, na medida em que prevalece seu uso como atividade ornamental e episódica: decora-se, com o trabalho dos alunos, as dependências escolares por ocasião de eventos que fazem parte de seu calendário.

Por outro lado, algumas tentativas mais comprometidas com o entendimento de que o ato criador é fundamental para o ser humano estão presentes em experiências que partem da iniciativa dos próprios professores que, no entanto, principalmente nas escolas públicas, continuam

enfrentando dificuldades para realizar um ensino artístico de boa qualidade, dificuldades que refletem o pouco valor conferido à arte nos currículos da educação básica.

No Brasil, nos anos 70, o ensino artístico privilegiou a aprendizagem reprodutiva de modelos e técnicas, o plano expressivo e processual dos alunos e a execução de tarefas pré-fixadas e distribuídas em planejamentos desvinculados da realidade da escola e do aluno.

Neste período, o ensino artístico se fez presente nos currículos escolares por força do artigo 7º da Lei Federal nº 5.692/71, o qual definia como componentes curriculares obrigatórios no currículo pleno de todos os estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, além das disciplinas do núcleo comum, as então denominadas “atividades educativas”: Educação Moral e Cívica, Educação Física, Ensino Religioso, Programas de Saúde e Educação Artística.

Nos primeiros anos de implantação da Lei 5.692/71 os antigos professores de Educação Musical e Desenho tentaram adaptar-se aos novos objetivos conferidos à Educação Artística, desenvolvendo atividades múltiplas, como exercícios musicais, plásticos, corporais, mesmo sem terem tido formação para isto. Por parte das secretarias estaduais e municipais de educação houve uma tentativa de capacitar estes professores em cursos de curta duração, norteados pelos guias curriculares oficiais lançados na época.

Para atender à nova lei foram criados novos cursos de Licenciatura em Educação Artística, mas a maioria deles tinha um caráter eminentemente técnico e, em geral, não foram capazes de oferecer uma sólida base conceitual capaz de preparar os futuros professores para atender aos objetivos expressos na Lei 5.692/71.

Ana Mae Barbosa (1999, p.10) diz-nos que “durante os primeiros sete anos, a Educação Artística foi um caos, uma inutilidade, uma excrescência no currículo, com professores despreparados, deslocados e menos preparados pelo sistema escolar”.

A partir dos anos 80, sob a liderança de Ana Mae Barbosa, constituiu-se o movimento “arte-educação”, com a finalidade de conscientizar e integrar professores e artistas na luta por uma maior

valorização do ensino de arte nas escolas de educação básica. O movimento conseguiu mobilizar educadores das várias linguagens artísticas – música, teatro, dança e artes plásticas – que atuavam tanto na educação formal como não formal. O movimento permitiu que se ampliassem as discussões sobre o compromisso, a valorização e o desenvolvimento profissional do professor de arte, bem como sobre a importância das artes na hierarquia das disciplinas escolares.

As idéias do movimento arte-educação foram difundidas no país por meio de encontros promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares.

Com a promulgação da Constituição de 1988, iniciaram-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Aconteceram, então, muitas manifestações de educadores, contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade do ensino artístico na educação básica, no que foram atendidos. A justificativa para a inclusão da arte no currículo da educação básica é respaldada pelo fato de que fatores culturais e sociais presentes no processo educativo são mediados também pelas manifestações artísticas presentes no contexto sócio-cultural.

Os professores também reivindicaram a substituição da denominação Educação Artística por Arte, pleiteando ainda que esta deixasse de ser considerada atividade e fosse incluída na estrutura curricular da educação básica como disciplina, com conteúdos próprios, ligados à cultura artística, pois “a produção artística, além de sua concretude física, material, é também uma manifestação imaginativa, cognoscitiva, logo comunicativa e cultural de seus criadores”, fundamental ao processo educativo (FUSARI & FERRAZ, 1993, p. 52-53).

As artes oferecem uma forma de conhecimento especial que, infelizmente, ainda não é reconhecido como importante, mesmo após a nova LDB. A escola é uma instituição (não a única) na qual o conhecimento em arte pode ser construído. No entanto, isto ainda não é assumido plenamente, tanto que sua posição no currículo escolar não tem a mesma importância que outras disciplinas, como a Matemática, a História, a Biologia etc.

1.2 A “proposta triangular” e as recomendações oficiais para o ensino de Arte

Na década de 90 também se constituem diferentes tendências teóricas sobre o ensino de arte. Entre as várias propostas para o ensino artístico na educação básica disseminadas no Brasil, na transição do século XX para o século XXI, destacam-se os estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano e a abordagem metodológica que tem por premissa básica a integração entre o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. Segundo esta abordagem, cada tipo de conteúdo da arte pode ser ensinado através de três tipos de experiência que, ao serem articuladas, promovem uma aprendizagem significativa: a experiência de apreciar arte, a experiência de contextualizar arte e a experiência de fazer arte (BARBOSA, 1991).

1.2.1 A experiência de apreciar arte

A sensibilidade apreciativa articula-se com o desenvolvimento da habilidade de ver e ouvir o mundo circundante, os fatos, os seres com os quais o educando se relaciona e comunica-se. Esta leitura da realidade, por sua vez, não se dá impunemente: veicula valores, interesses, expectativas, necessidades da sociedade, desafiando a compreensão dos alunos e, até, provocando sua maior participação.

Compartilhamos com Ana Mae Barbosa (1991) e Denise Santos (2002) o pressuposto de que quando os conteúdos curriculares, de modo geral, e a arte, em particular, não se voltam para esta necessidade de desenvolver a habilidade de leitura da realidade - no caso através das

manifestações artísticas -, deixam de cumprir o papel formativo que a educação escolarizada tem, o qual, em última instância, está voltado para a formação para a cidadania.

Sobre a apreciação, recomendam estas autoras que nela não se considere apenas as obras elaboradas segundo os códigos hegemônicos, que privilegiam a arte européia, mas que se leve à apreciação dos alunos a produção artística de múltiplas culturas, inclusive as manifestações estéticas da vida cotidiana.

No entanto, conforme Mara Ferraro (1999, p. 76-78), na tentativa de colocar em prática esta concepção de educação artística fundada na apreciação, os educadores brasileiros têm levado para a sala de aula mais os mestres do passado que a arte contemporânea, o que, para esta autora, é um equívoco, pois a arte contemporânea possibilitaria um diálogo mais efetivo do educando com seu tempo e espaço.

Ao ressaltar a necessidade de se abrir espaço no currículo escolar para a arte contemporânea, a autora assume uma posição que vai ao encontro de teorias educativas que salientam a necessidade de os conteúdos curriculares serem articulados ao contexto imediato dos escolares, a fim de tornar a aprendizagem mais significativa.

1.2.2 A experiência de contextualizar arte

Segundo os PCNs (1997), as formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas em imagens poéticas (visuais, sonoras, corporais ou de conjuntos de palavras, como no texto literário ou teatral). O artista seleciona, escolhe, reordena, recria, reedita os signos, transformando e criando novas realidades.

É no terreno das imagens (forma, cor, som, gesto, palavra, movimento) que a arte realiza sua força comunicativa. A obra de arte pode significar coisas diferentes, resultantes da experiência de apreciação de cada um. Além da objetividade da obra revelada em forma de alegoria, de

formulação crítica, de identificação ideológica, de elaboração poética, ela ganha outros significados no contato com cada espectador.

A apreciação das manifestações artísticas, enquanto objetivo do ensino de Arte, na escola, entretanto, não pode se reduzir à análise formal da obra de arte. Daí a necessidade de a apreciação ser contextualizada através de conhecimentos da história da arte. A apreciação requer do professor sistematizar e organizar conceitos teóricos que possibilitem aos alunos estabelecer um diálogo com o conjunto de soluções estéticas presentes nas diferentes obras de arte. História, reflexão e conhecimento específico das diferentes linguagens artísticas além de possibilitarem ao aluno conhecer os aspectos constitutivos da obra de arte, de maneira contextualizada, sedimentam, o *status* do ensino da arte na escola.

A manifestação artística tem, em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico, seu caráter de criação e inovação. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas. Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana. Daí a importância da contextualização para a apreciação.

O objetivo da contextualização é estabelecer conexões e relações entre diferentes obras de arte e o contexto no qual foram produzidas. A história vai sendo, assim, reconstruída a partir da análise de cada obra examinada pelos alunos.

1.2.3 A experiência de fazer arte

Além de buscar facilitar a familiarização e interação dos alunos com a produção artística, o ensino da arte compreende um outro aspecto, o “fazer artístico”. A experiência discente se completa quando “põe a mão na massa”. O aluno, a nosso ver, passa a entender que exprimir a si e

ao mundo não é algo próprio apenas de alguns “iluminados”, distintos da maioria por possuírem certas habilidades que diferenciam dos demais, conquistando admiração e aplausos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propostos pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC explicitam que,

[...] ao fazer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo; além disto, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e, também, contribuem com as outras disciplinas do currículo. (BRASIL, 1997, p. 44).

O “fazer arte” na escola, também não pode se reduzir às práticas decorativas, mas deve redimensionar-se em função do desenvolvimento da capacidade criadora, crítica e imaginativa de cada aluno, sem se restringir ao desenvolvimento de talentos que possam vir a se profissionalizar como artistas. Trata-se de experiência que contribui para promover uma satisfação e realização pessoal e, conseqüentemente, para a inclusão do sujeito num grupo social.

Desde que cada obra de arte é, ao mesmo tempo, produto cultural de uma determinada época e criação singular da imaginação humana, cujo sentido é construído pelos indivíduos a partir de sua experiência, a arte na escola situa o fazer artístico dos alunos como elemento cultural e histórico de humanização, pois pontos de interação podem ser estabelecidos entre o fazer artístico dos alunos e o fazer de artistas consagrados.

Aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística realizada pelos alunos, mas também a compreensão *do que e como fazem* e *do que e como os outros fazem*, o que ocorre pelo desenvolvimento da percepção estética e que se dá no contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura na história humana e como conjunto de relações.

Ana Mae Barbosa (1991) trabalha com a idéia de que a arte não está isolada do cotidiano das pessoas, da sua história pessoal. Demonstra esta autora que a educação escolar não deve se preocupar em mostrar a “evolução” das formas artísticas através do tempo, de maneira linear,

mas, deve, sim, contextualizar a obra de arte, explorando as circunstâncias de sua produção, pois a arte não está separada da economia, da política, dos padrões sociais que operam na sociedade.

Esta autora reafirma seu posicionamento mostrando que idéias, emoções e linguagens diferem de tempos em tempos, de lugar para lugar, mas nunca se apresentam descoladas dos condicionantes próprios do cenário que as contextualizam. Daí ser possível e desejável se reconstruir a história da arte, a partir de cada obra de arte examinada pelos alunos.

1.2.4 Por um ensino de arte mais significativo para o aluno

Segundo Ana Mae Barbosa, “uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade, há também uma alta capacidade de entendimento dessa produção pelo público.” A arte é um aspecto relevante da cultura de uma sociedade, mas reserva-se um espaço bem pequeno para ela na escola.

Por outro lado, para que o aprendizado artístico faça sentido, é necessária a compreensão daquilo que é ensinado. Para tanto os conteúdos de arte precisam ser transpostos didaticamente, de maneira adequada. A ordem dos ensinamentos precisa considerar os conhecimentos anteriores dos alunos e seu nível de desenvolvimento cognitivo. O que importa é que a escola possa ensinar arte com propostas que ajudarão ao aluno prosseguir aprendendo por si mesmo – ou seja, a escola deve proporcionar os meios para que prossigam aprendendo, sozinhos, por toda a vida (DELORS et al. 1999).

Atualmente educadores defendem a idéia de que a arte pode promover o acesso às diferentes culturas (MASON, 1999, 2001; ALMEIDA, 2000).

Trata-se de uma proposta que está, implicitamente, desafiando a escola a romper com seu comportamento elitista, que considera o acesso à arte erudita como privilégio de alguns, o que reforça a posição de domínio de uma determinada classe social, também no campo da arte.

Isto significa dizer que as práticas artísticas na escola, ao se assumirem críticas, podem se constituir recurso de combate à exclusão social, uma das grandes preocupações presentes nas políticas educacionais vigentes no país (FERREIRA, 1999, p. 20-23).

Considerando-se que só uma pequena porcentagem da população brasileira visita museus ou assiste a concertos, por que o acesso à arte, negado à vasta maioria dos estudantes pertencentes a uma camada social de excluídos, não poderia tornar-se possível através da escola? Por que determinados grupos sociais não têm direito à cultura erudita?

A transformação requerida esbarra não apenas nas condições concretas intra-escolares, mas, sobretudo, na questão relativa à formação docente, já que ao professor compete fazer a mediação entre os saberes dos alunos e os conteúdos artísticos. (FERREIRA, 1999, p. 22-23).

Para Ana Mae Barbosa (1991, p. 19) a arte é fundamental na educação de um país que se desenvolve, pois ela possibilita uma forma diferente de interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, de exercitar a habilidade de julgar e de formular significados. Nisto reside, para a autora, a possibilidade de se desenvolver o pensamento divergente, pilar básico para se captar a realidade circundante, desenvolver a capacidade criadora e transformar esta mesma realidade.

Sob este enfoque, é necessário considerar que a escola constitui-se a instituição que, por excelência, tem condição de tornar o acesso à arte possível para a maioria dos estudantes na sociedade brasileira, fugindo à regra de se sonegar ao povo os códigos eruditos que presidem o gosto da camada dominante.

Para tanto, a educação escolar não pode reduzir esta preocupação ao trabalho em *ateliê*, ou seja, ao fazer arte, pois apenas a produção de arte não é suficiente para a leitura e julgamento da qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que cerca as pessoas. O aluno deve aprender a fazer julgamento, apreciando a obra através de suas qualidades. Como o cotidiano está, cada vez mais, dominado pela imagem, a escola tem que alfabetizar para a leitura da

imagem, preparando a criança para a leitura da imagem iconográfica fixa ou em movimento (cinema, televisão).

A “proposta triangular” para o ensino escolar de arte de Ana Mae Barbosa (1991, p. 35) está fundada num tripé - história da arte, leitura da obra de arte e fazer artístico -, assim justificado:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

Conforme Lucimar Bello P. Frange (2003), a proposta de Ana Mae Barbosa está respaldada “[...] em três abordagens epistemológicas: *Escuelas ao Aire Libre*, no México; *Critical Studies*, na Inglaterra (Rod Taylor) e DBAE – *Disciplined Based Art Education*, nos Estados Unidos (Elliot Eisner, Brent Wilson, Ralph Smith, Marjorie Wilson).”.

Segundo a proposta triangular o trabalho prático de produzir arte ajuda a aprender como criar imagens; a história da arte ajuda o educando a entender algo do lugar e do tempo, ou seja, do contexto onde a obra de arte foi produzida e a leitura da obra de arte desenvolve a habilidade de ver e interpretar o mundo visual, sendo que a estética esclarece as bases teóricas para julgar a qualidade do que é visto.

No que se refere à leitura da obra, Ana Mae Barbosa recomenda que não seja prescritiva e não privilegie a objetividade em detrimento da subjetividade. Para ela a análise das características formais do objeto não alija o olhar e a interpretação própria, de modo a dar um significado à história, que não tem uma significação em si mesma. Conhecer, sob este enfoque, emerge do envolvimento existencial e total do aluno numa interação que o leva não apenas a conhecer, mas também, a ser, enquanto sujeito cognoscente que toma consciência de si e do mundo.

Também Bernard Berenson (1972, p. 14) discute a relação entre apreciação estética e história da arte. O filósofo considera que a História da Arte reconta as aspirações e ideais humanos de um dado momento e espaço que tomaram forma através da arte. Para este autor, a apreciação da

obra de arte deve se preocupar com o significado deste movimento de transformar anseios, sonhos, expectativas em algo significativo culturalmente, sem reduzir a leitura da obra ao que poderíamos chamar de relato factual, linear e descritivo.

Insiste o autor que no ato de apreciar o sujeito é afetado, trata-se de uma experiência pessoal que se dá quando da relação do sujeito com a expressão criadora do artista. Neste sentido, Berenson (1972, p. 14-24) defende que as atividades criadoras têm o potencial de ampliar os horizontes da consciência, na medida em que aquele que aprecia passa por uma experiência singular, sem nenhuma relação racional com as intenções do artista; aquele que aprecia “vive” a obra de arte, não se limitando a uma interação conceitual imposta por interpretações de críticos e teóricos.

Assim, em seu entendimento de que a história da arte é a história da arte com experiência, o autor reafirma a compreensão de que a questão não é apenas focar o acontecido num dado tempo e lugar, mas as razões, os sujeitos, as aspirações, os efeitos e influências do que se produziu artisticamente (BERENSON, 1972, p. 37).

Isto significa dizer que o autor só reconhece a busca de sentido que se dá através da Teoria e da História da Arte, quando, conscientemente, este processo é usado como meio de se compreender o que, hoje, é a sociedade; humanizada pela produção e pela fruição da arte. Como as obras de arte são entidades vivas, com as quais o homem se depara e estabelece interlocução, a história da arte tem o privilégio de documentar dinamicamente cada oportunidade que acontece quando as novas gerações as apreciam e com elas se deleitam (BERENSON, 1972, p. 39-49).

Conforme Berenson (1972, p. 216) “a arte de um período só expressa aquilo que seus profissionais conseguem dizer, e isto depende não só de seu gênio individual, da condição de seu ofício, e de suas preferências e curiosidades, mas também de seus talentos”. Assim, a arte tem uma importância que justifica sua inclusão no currículo escolar, pois nesta interlocução o espaço escolar pode e deve oferecer e oferecer através da apreciação artística, o conhecimento da realidade social -

a partir das condições individuais e coletivas da produção artística-, a formação de atitudes e habilidades e até o próprio fazer artístico do educando, que se reconhece, também, com potencial e necessidade de participar das manifestações culturais e artísticas de seu meio.

Esta parece ser, também, a posição oficial, expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte:

1[...] a arte situa o fazer artístico como fato e necessidade de humanizar o homem histórico, brasileiro, que conhece suas características tanto particulares, tal como se mostram na criação de uma arte brasileira, quanto universais, tal como se revelam no ponto de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexplicável (BRASIL, 1997, p. 45)

Atenta ao que foi e é significativo para a sociedade a história da arte contribui para a compreensão do que somos, pois “A história é a estória de como o homem está sendo humanizado” (BERENSON, 1972, p. 245). Assim, ao ser contemplada no currículo escolar a história da arte possibilita a interligação entre a leitura da obra de arte, a leitura de mundo e a leitura que o aluno faz de si mesmo, enquanto sujeito que se faz e se humaniza tanto pela produção como pela fruição cultural.

ArmindoTrevisan (1999, p. 21), ao falar da apreciação da obra de arte diz que “[...] o gozo estético e o gozo artístico fazem parte dos meios pelos quais uma pessoa obtém relativa plenitude existencial. Eles têm, em última análise, a ver com felicidade”.

Alicerçando a atividade estética está a admiração, algo que advém diretamente de uma capacidade instintiva de fruição da natureza, ou seja, um olhar sem preconceitos que abre espaço para a contemplação e envolve a pessoa, como um todo, num estado de deleite e identificação com o objeto por ela percebido. Nesta condição as preocupações próprias do cotidiano são subdimensionadas; daí que a apreciação estética tenha este componente capaz de proporcionar a experiência da felicidade, ainda que apenas por um tempo limitado, quando permite que os sujeitos

se reencontrem consigo mesmos, num certo estado de simplicidade e maravilhamento próprio da infância (TREVISAN, 1999, p. 34).

Como apreensão instantânea e totalizadora, a emoção estética é a própria apreensão da unidade, a percepção global das partes em relação. Assim, a emoção estética não diz respeito a uma visão excessivamente analítica, nem a um estado de consciência apenas técnico. Por outro lado, é por isto que a apreciação estética, lidando com o sentimento subjetivo, humaniza, centra o estado de consciência no próprio ser, assim resgatando sua unidade de ser que pensa-age-sente (TREVISAN, 1999, p. 107-110).

Ao contrário da espontaneidade da emoção estética, a apreciação da obra de arte carece do aprender a ver. A leitura visual está na base da interpretação o que, segundo Trevisan (1999, p.119) supõe que “[...] nossos olhos são também culturais. Nascem incompletos como o próprio organismo, que necessita ser introduzido no mundo por outros seres humanos”.

Considerando-se as reflexões de Berenson e Trevisan, podemos afirmar que a proposta triangular de Ana Mae Barbosa (1991) aponta para uma concepção integradora de ensino artístico, na qual a história da arte, a análise da obra de arte e o fazer artístico correspondem tanto às necessidades da formação integral do educando como às necessidades da arte enquanto conhecimento a ser aprendido e valorizado no contexto da cultura da sociedade em que é produzida.

CAPÍTULO 2

CENÁRIO DAS ARTES VISUAIS EM UBERABA

2.1 Um pouco da história de Uberaba

Uberaba é o resultado de privilegiada localização geográfica no Triângulo Mineiro, limita-se ao norte com Estado de Goiás pelo Rio Paranaíba; ao sul com o Estado de São Paulo pelo Rio Grande; à leste pela Serra da Mata da Corda e Rio Paranaíba e à oeste, na confluência dos Rios Grande e Paranaíba, com os Estados de Goiás e Mato Grosso.

A cidade originou-se de um povoado formado nas imediações da casa construída por volta do ano 1811, pelo Sargento Mór Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, situada às margens do Córrego das Lajes; além de ter sido passagem dos bandeirantes que se dirigiam a Goiás, em busca de ouro.

A vocação pela terra revelou-se desde os primeiros tempos. As principais atividades econômicas, no início, eram as lavouras de subsistência e, sobretudo, a criação de gado bovino.

Foram pecuaristas de Uberaba que trouxeram da Índia as raças zebuínas em 1898.

A economia calcada na criação de gado Zebu, atingiu a fase auréa entre 1919 a 1920.

Genericamente chamadas hoje de Zebu Brasileiro, essas raças foram aprimoradas, tornando-se o maior patrimônio genético de nossa pecuária, dando a Uberaba projeção e liderança nacional e internacional na área de criação de gado zebu.

Com o passar do tempo, a cidade tornou-se também importante pólo comercial, de 1860 a 1910 com intercâmbio e influência em todo o Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Norte e Alta Mogiana Paulista, Sudeste de Goiás e Mato Grosso do Sul.

Uberaba projetou-se, também, no campo do ensino, com escolas que atraíram estudantes de todas as regiões, como o Colégio Nossa Senhora das Dores fundado em 1885, Grupo Brasil

inaugurado em 1905 e a Fundação do Instituto Zootécnico de Uberaba inaugurado em 1895. Em um trabalho Colégio Marista Diocesano de Uberaba foram constatados 568 goianos que estudaram neste estabelecimento de ensino no período de 1901 a 1950.

Etambém na área de assistência médica, odontológica e hospitalar, tornando-se centro de atendimento à saúde utilizado pela população de todo o Brasil Central.

Com sua condição de cidade de porte médio, Uberaba apresenta atualmente atividades básicas diversificadas, com uma atividade industrial em grande desenvolvimento nos últimos anos.

No campo cultural, a cidade abriga vários museus.

O Museu de Arte Sacra funciona na Igreja de Santa Rita, construída em 1854 e tombada pelo patrimônio histórico. Possui rico acervo em peças barrocas, que contam a história da Igreja Católica no município e região.

Possui também o Museu do Zebu, que registra a história da pecuária zebuína. A idéia de criação deste museu foi lançada na exposição de 1980, denominada “Saga do Zebu”, idéia que veio se concretizar em fins de 1983, resultando de entendimentos entre as Secretarias de Estado da Agricultura e de Cultura, através da Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais e da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ).

Somando-se à contribuição cultural destes museus, mantida pela iniciativa privada, Uberaba conta com a Casa do Folclore, onde se encontra, o maior acervo de música de viola da América Latina, bem como importante acervo sobre a catira, uma dança tradicional da região.

A Fundação Cultural de Uberaba é um dos órgãos mais importantes a fomentar a arte no município. Esta instituição, vinculada à Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal, através de convênio datado de 19 de dezembro de 1983, está localizada na Univerdecidade, no Núcleo de Difusão Cultural “Itamar Franco”, nome dado em homenagem ao ex-Presidente da República, Itamar Franco, que autorizou a construção e a doação do imóvel para o poder público municipal.

Neste Núcleo de Difusão Cultural funcionam: a parte administrativa, salas para oficinas, galerias de arte, estúdio e outros departamentos, como museus, arquivo, setor de cultura itinerante, bibliotecas pertencentes à Fundação Cultural.

Cabe à Fundação Cultural elaborar e executar o plano municipal de cultura, como também, incentivar as manifestações culturais e artísticas na comunidade, promover cursos de aperfeiçoamento nas diversas áreas artístico-culturais, de acordo com as necessidades identificadas na comunidade, desenvolver pesquisas para resgatar a memória da cidade de Uberaba, promover oficinas, exposições, festivais, conferências e intercâmbios culturais.

Sob sua responsabilidade funcionam, regularmente, oficinas de artes plásticas, desenho, cerâmica, canto coral, história da arte e música, discriminadas no Quadro I.

QUADRO I

OFICINAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA

Oficinas de arte	Professores	Local
Artes Plásticas	Hélio Ademir Siqueira	Fundação Cultural
Coral	Marly Gonçalves	Fundação Cultural
Cerâmica	Aguimar José Luís	Fundação Cultural
Desenho	Paulo Miranda	Fundação Cultural
Gravuras	Maria de Lourdes Guimarães	Fundação Cultural
História da Arte	Márcia Queiroz S. Baccelli	Fundação Cultural
Música	Reginaldo O. Costa Almeida	Fundação Cultural
Teatro	Miguel Jacob Neto	Associação dos Deficientes Físicos de Uberaba

Em convênio com a Ordem dos Músicos do Brasil funcionou na Fundação Cultural de Uberaba até 1999, uma Oficina de Música, que teve como professor o maestro Paulo Constâncio, oferecendo espetáculos musicais uma vez por mês, nas principais praças da cidade. Além desta oficina, a Fundação Cultural, em convênio com a Ordem dos Músicos, mantém a Escola de Viola “Gaspar Correa”.

Com o apoio das instituições de arte de Uberaba, particularmente da Fundação Cultural de Uberaba, têm se multiplicado, na cidade, os eventos e espaços de difusão das artes visuais, como salões e galerias de arte.

A Galeria de Arte “Reis Júnior” foi implantada em junho de 1982, por alguns professores da Universidade de Uberaba, sob a coordenação do Prof. Marco Antônio Escobar. A galeria promoveu um número significativo de mostras artísticas, além de palestras, projeção de filmes e outras atividades.

Em 1983, este projeto ampliou-se, oferecendo o setor didático para melhor atender aos alunos das escolas de educação básica e de ensino superior. Teve como objetivo preservar e promover os valores culturais ligados às artes plásticas, caracterizados nas manifestações artísticas representativas da cidade e região. Houve, em relação a este projeto, um interesse muito grande por parte da comunidade, que dele participou ativamente, mas, infelizmente o projeto não teve continuidade.

Em 1995 e 1996 foram organizados pela Fundação Cultural de Uberaba os 1º e 2º Salões de Artes Plásticas “Cidade de Uberaba”. Os salões expõem obras selecionadas por um júri e se configuram uma oportunidade para os artistas apresentarem-se ao público. Acontecimentos assim, voltados para as artes plásticas, revelam e descobrem jovens artistas. Nestes salões, destacaram-se os trabalhos dos artistas Paulo Miranda (fig.1), Maria Inês Arantes (fig.2) e Hélio Ademir Siqueira (fig.3), premiados nas exposições.

Também em 1996, foi realizada em Paris, na Galeria “Debret”, de 04 a 26 de setembro, uma exposição de artistas de Uberaba. A exposição revelou a sensibilidade dos artistas e as particularidades de uma das regiões brasileiras mais autênticas, o Triângulo Mineiro.

O organizador da exposição, Jorge Alberto Nabut, jornalista e crítico de arte, considerou que “[...] realizar, na França, uma exposição de artistas da cidade de Uberaba, não é somente a

concretização de um sonho, mas também o reencontro de um país que nos influenciou, apesar da distância, durante dois séculos.’’¹

Todo este movimento cultural que Uberaba vive, nos dias atuais, tem uma história que se inicia em 1835, quando aconteceram as primeiras representações teatrais na cidade, em palcos improvisados, constituídos por um assoalho elevado e por diversas filas de tábuas assento em cepos de madeira, formando bancos, para acomodar a platéia. A cobertura e as paredes desses espaços improvisados eram sempre de folhas de coqueiros.

Superando as dificuldades financeiras, construiu-se, em maio de 1864, por ocasião de uma festa do Divino, o primeiro teatro de Uberaba. Na construção, grande parte do material empregado foi fornecido por fazendeiros e pessoas da cidade. O pano de boca foi pintado pelo tabelião Luís Beltrão de Sousa Fleury, inspirado no acontecimento histórico que determinou o batismo desta parte de Minas Gerais com o nome de Sertão da Farinha Podre.

A pintura representava uma paisagem cortada por um riacho desde o segundo ao primeiro plano, margeado por diversas árvores, dentre as quais uma se destacava por ter, pendentes de seus galhos, saquitéis contendo víveres. Ao redor descansavam caçadores e cães. Dentre aqueles, um, em pé, sustentava na mão esquerda um dos saquitéis e, com a direita em forma de concha, contendo farinha, próxima da boca, mostrava visíveis sinais de contrariedade.

Segundo conta a história do surgimento do povoado, este quadro retratava o momento em que o caçador verificava o estado de conservação de víveres deixados por uma caravana ou bandeira que por ali passara, meses antes, saída do Desemboque em direção aos desconhecidos sertões do Oeste. Estando a farinha apodrecida, o lugar passou a ser conhecido como Sertão da Farinha Podre. A pintura deste episódio da história local foi considerada a primeira manifestação artística uberabense e, desta forma, Luís Beltrão é considerado o primeiro dos artistas uberabenses.

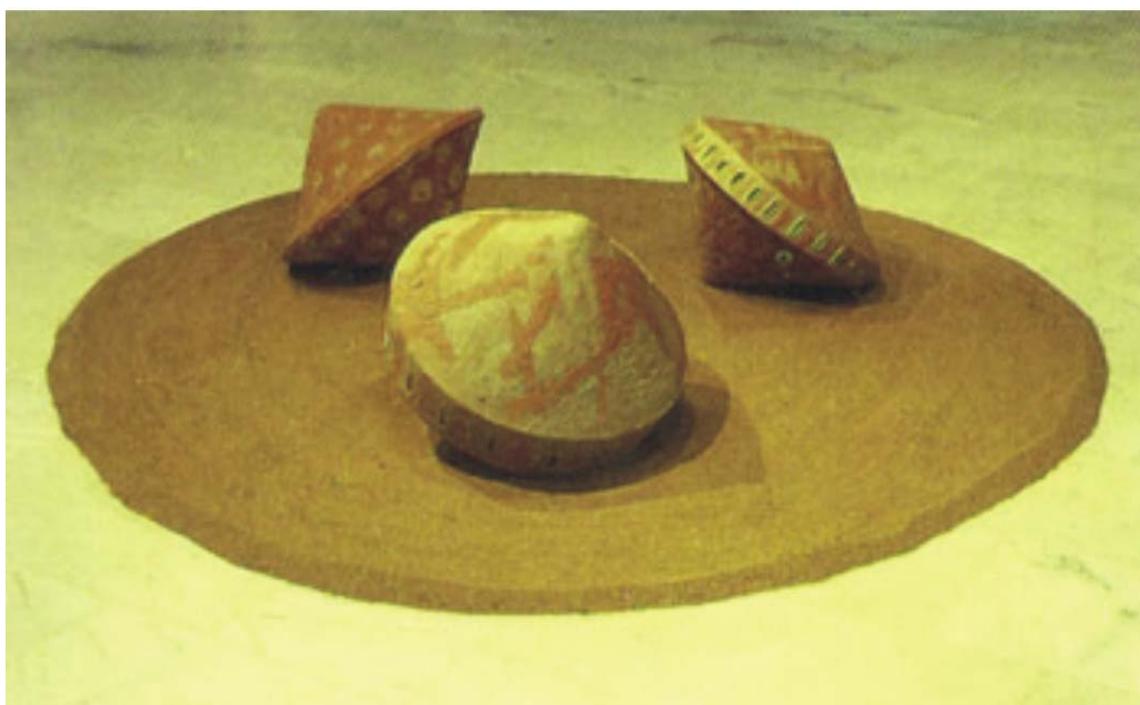
¹ Catálogo da exposição Triangle des Arts, 1996.



(FIG. 1) 3º Prêmio Paulo Miranda – Uberaba-MG
“Exile II” - 1995



(FIG.2) Menção Especial do Júri – Maria Inês Arantes – Uberaba – MG
“Eterno Querer” - 1995



(FIG. 3) Menção Especial do Júri – Hédio Ademir Siqueira – Uberaba-MG
“Piões” - 1995

2.2 Artistas uberabenses

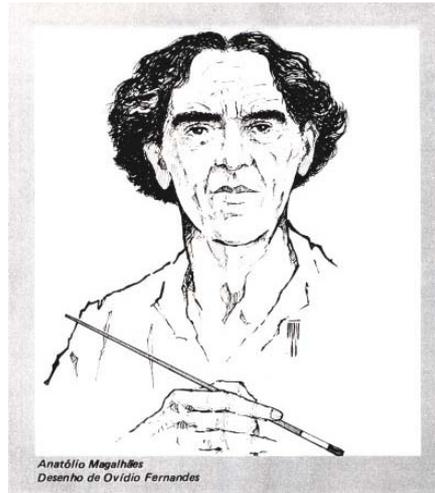
ANATÓLIO PEREIRA MAGALHÃES

Tendo nascido em Uberaba, em 13 de fevereiro de 1883, numa família na qual ser artista nunca era a exceção, mas a regra (nada menos do que quatro pintores, três escultores e dois músicos), não admira que, desde cedo, tenha mostrado inclinação para o desenho e a pintura. Dedicou-se também à fotografia, tendo sido mesmo um dos pioneiros dessa atividade entre nós, abandonando-a depois para dedicar-se exclusivamente à pintura.

Sem formação acadêmica, Anatólio Pereira Magalhães (Fig. 04) criou sua obra à revelia de qualquer escola, de qualquer tendência ou qualquer tradição artística, a partir da observação direta da natureza.

Dir-se-ia que o artista se comportou mais como um fotógrafo do que propriamente como um artista, quando se consideram as inúmeras versões que costumava fazer de um mesmo motivo, como é o caso das quase duas mil reproduções em tela ou toretes de madeira, representando, sempre de um mesmo ângulo, a tradicional Igreja de Santa Rita (Fig. 05).

Anatólio registrou com a máxima fidelidade possível (e isso a pintura, na época, podia fazer melhor que a fotografia), aspectos de sua cidade natal: as ruas sem calçamento, o casario antigo, os tipos populares, as ladeiras e as praças com suas igrejas (Fig. 06).



(FIG. 4) Anatólio Magalhães



*“Igreja de Santa Rita”
Óleo s/ Madeira 47x35
Assinado abaixo à
esquerda: “Anatólio”*

(FIG. 5) Igreja de Santa Rita - 1958



(FIG. 6) O Casario antigo, ladeiras,
praças e suas igrejas

JOSÉ MARIA DOS REIS JÚNIOR

Nascido em Uberaba, em 1903, José Maria dos Reis Júnior foi pintor, desenhista, historiador, crítico e professor de arte (Fig. 07).

No Rio de Janeiro frequentou, entre 1919 e 1922, a antiga Escola Nacional de Belas Artes, onde recebeu orientação de Modesto Brocos, em desenho; e de Rodolfo Amoedo, em pintura.

Autor de “A Retirada da Laguna”, Reis Júnior foi o único pintor Uberabense que se destacou no cenário artístico nacional, sendo citado no importante *Dicionário de Artes Plásticas no Brasil*, de Roberto Pontual (1969).

Artista de vanguarda, já em 1923 se impôs como autor criativo e seguidor de um caminho próprio. No cinqüentenário da Semana de Arte Moderna, em 1972, um quadro seu figurava na mostra do Museu de Arte de São Paulo: o retrato do artista palhaço Piolim. Em 1923 realizou sua primeira exposição individual, no Palace Hotel, em Uberaba, quando expôs “A Retirada da Laguna” encomendada pela Câmara Municipal, em cuja casa ainda hoje se encontra. Executou painéis e cartões para vitrais destinados ao Teatro e Cassino Parque Balneário de Santos e painéis para o teatro de Poços de Caldas. Exímio retratista, pintou retratos de Antônio Carlos de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt. Em viagem pela Europa, como bolsista, atuou como crítico de arte dos Diários Associados. Publicou, em 1914, a primeira edição de *História da Pintura no Brasil* (1969), livro de amplo âmbito e mais de trezentas ilustrações.



José Maria dos Reis Júnior. Auto-retrato de 1955, Acervo FIUBE / Galeria de Arte Reis Júnior, doação do artista (Foto: Arquivo GALERJ).

(FIG. 7) José Maria dos Reis

ELIZABETH VAN WINKEL

Elizabeth Van Winkel (Fig. 08) nasceu em Rotterdam, na Holanda, e emigrou para o Brasil em maio de 1952. Em 1939, ingressou na Academia de Belas Artes e Ciências Técnicas, em Rotterdam, na Holanda, tendo concluído o curso em 1944.

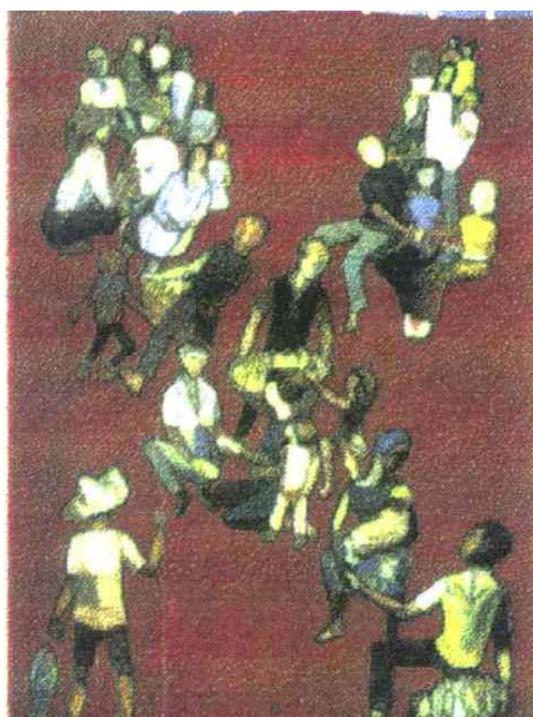
A partir de 1970 a artista executou várias obras para residências, igrejas e hospitais nas cidades de Uberaba, Uberlândia, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo.

Participou de várias exposições: 1962 - XVIII Salão Municipal de Belo Horizonte; 1964 - I Salão de Arte Moderna do Distrito Federal – Brasília; 1968 - XVIII Salão Paulista de Arte Moderna, São Paulo; 1971 - XXXVI Salão Paulista de Belas Artes, São Paulo; 1976 - Individual Jockey Club de Uberaba; 1996 - Salão de Artes Plásticas “Cidade de Uberaba”; 1996 - Galeria “Debret”, Paris, Triangle des Arts; 1997 - Galeria de Arte da Fundação Cultural de Uberaba “Arte Plural”.

Elizabeth ganhou vários prêmios, entre eles o Prêmio Aquisição, em 1962, e o I Prêmio “Governador do Estado”, em 1968 (Fig. 09).



(FIG. 8) Elizabeth Van Winkel



(FIG. 9) Mutiplicação dos Pães - 1960

OVÍDIO FERNANDES

Nasceu em 1925, em Sobradinho, distrito de Uberlândia (MG), e veio para Uberaba com seis meses de idade.

Aprendeu pintura com seu avô, Lino Magalhães, e com Joaquim Gasparino Magalhães e Anatólio Magalhães. De 1936 a 1940 fez um curso com Grambery, indo, em 1941, para Belo Horizonte (MG), onde formou um grupo com Sabato Mazoldi, Wilson Figueiredo, Paulo Mendes Campos, Otto Lara de Resende e Pereira Zeca. Em 1944, estudou com Guignard e, 1951, com Gregory, no Rio de Janeiro.

A partir de 1952 dedicou-se à decoração de interiores em São Paulo, organizando, em 1965, uma agência de publicidade. Trabalhou como artista gráfico *free-lancer* para empresas como Mesbla, Bayer, Lutz Ferrando e outras agências. Mais tarde voltou a Uberaba, onde atuou intensamente como retratista, revelando a paisagem urbana e seus tipos populares. A sua arte é o relato do cotidiano da cidade.

Executou pinturas a óleo, com bico de pena, pastel e aquarela. Trata-se de um dos mais notáveis artistas uberabenses, pelo vigoroso traço revelado, principalmente nos desenhos.

Ovídio foi também o documentarista da paisagem urbana, o cronista urbano que percebia, com cores, os detalhes de uma realidade esquecida. Fez inúmeras exposições em Belo Horizonte e em Uberaba (Fig. 10).



(FIG. 10) Nossa Senhora

MARIA HELENA CIRIANI

Uberabense, Maria Helena Ciriani (Fig.11), atualmente professora de artes na Casa do Artesão, em Uberaba, estudou na Escola Normal Oficial de Uberaba. Fez também o curso de Letras e Pedagogia nas Faculdade Integradas de Uberaba. É escultora autodidata e, no começo de sua carreira, teve influência de Esmeralda Crema e Anita Válio. Teve também influência da família, principalmente do seu avô, que fazia esculturas para escolas de samba no Rio de Janeiro.

Expôs suas obras em diferentes lugares: Fundação Cultural e Galeria de Artes Belgrávia, em Uberaba; Fundação Roberto Marinho, no Rio de Janeiro; Galeria de Arte Lutece, em São Paulo; Centro Artesiano Mineiro, em Belo Horizonte; além de outras exposições em Brasília, Goiânia, Ribeirão Preto e Araraquara.

Também participou da exposição Triângulo das Artes, realizada na Galeria Debret, em Paris.

No Salão de Artes de Araraquara (SP) conquistou medalha de ouro. Recebeu menção honrosa e o prêmio Aquisição em São Paulo, Piracicaba e Poços de Caldas. Recebeu medalha de ouro conferida pelo Jornal da Manhã, de Uberaba, aos melhores artistas da cidade.

Suas esculturas são adquiridas por colecionadores do Brasil e do exterior (Fig. 12). As 25 peças de seu presépio de Natal – que durante três anos ficaram expostas na Igreja Santa Rita –, foram adquiridas por um colecionador em Belo Horizonte e expostas no Centro de Artes Mineira de Belo Horizonte. Outra escultura sua, de três metros e meio de altura, representando a Medalha Milagrosa, está exposta na torre desta igreja.



(FIG. 11) Maria Helena Ciriani



(FIG 12) Mulher com jarro - 1998

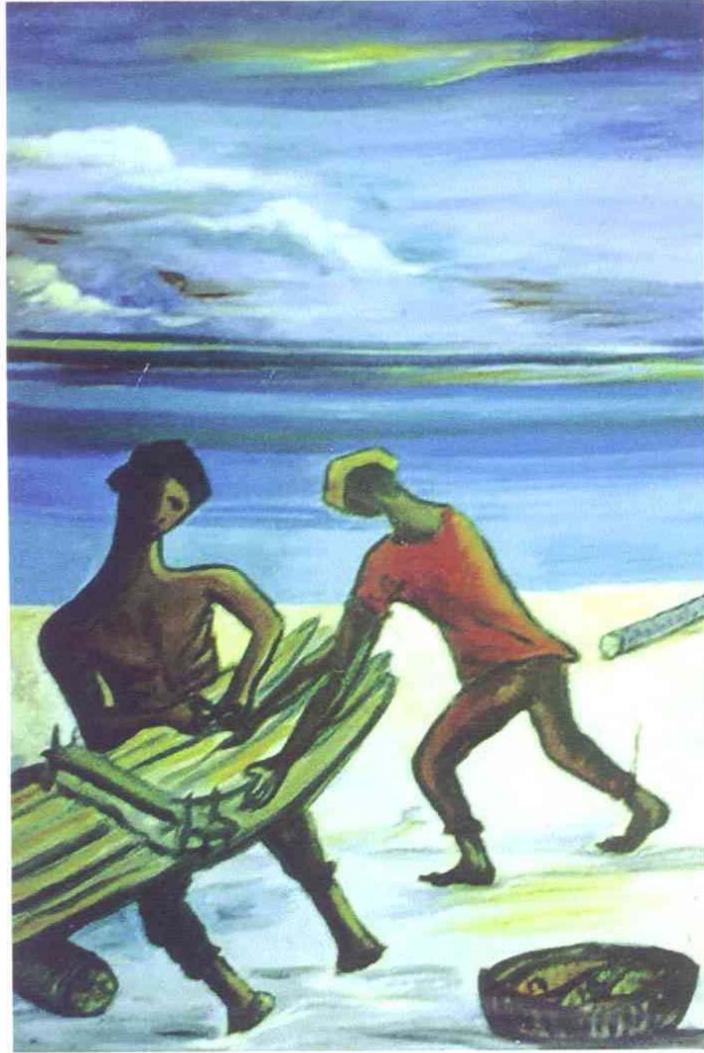
HÉLVIO FANTATO

Nasceu em 9 de agosto de 1920, em Uberaba, onde faleceu em 1997, aos 76 anos.

Em 1942, resolveu dedicar-se amadoristicamente à pintura. Logo a seguir, foi descoberto como pintor, por seu primo Moacir Laterza, catedrático na Universidade Federal de Minas Gerais.

Expôs suas obras no Jockey Club de Uberaba, onde ocorreu sua primeira exposição individual, em 1964. Em 1969 participou de uma exposição promovida pela “Folha de São Paulo”, em São Paulo; em 1980 fez uma exposição individual no Jockey Club de Uberaba. Sua primeira mostra retrospectiva, reuniu noventa peças, entre quadros e esculturas, por ocasião da inauguração da Galeria de Artes “Reis Júnior”, no Campus II da Universidade de Uberaba. Além disso, realizou uma mostra de telas e esculturas no Shopping Center “Urbano Salomão”, em Uberaba, além da exposição “Pinturas e Esculturas”, na Fundação Cultural de Uberaba. Participou da coletiva 1º Salão de Artes Plásticas Cidade de Uberaba, realizada em Paris, na Galeria Debret, promovida pela Fundação Cultural de Uberaba e pelo Museu de Arte Sacra.

Várias esculturas do artista foram adquiridas pela Prefeitura Municipal de Uberaba e estão expostas em praças e avenidas da cidade. Sua obra também pode ser admirada em diversas cidades do país, como Brasília, São Paulo, Santos, Campinas, Ribeirão Preto e Uberlândia. Em 1986, recebeu da Prefeitura Municipal de Uberaba o diploma de Honra ao Mérito (Fig. 13).



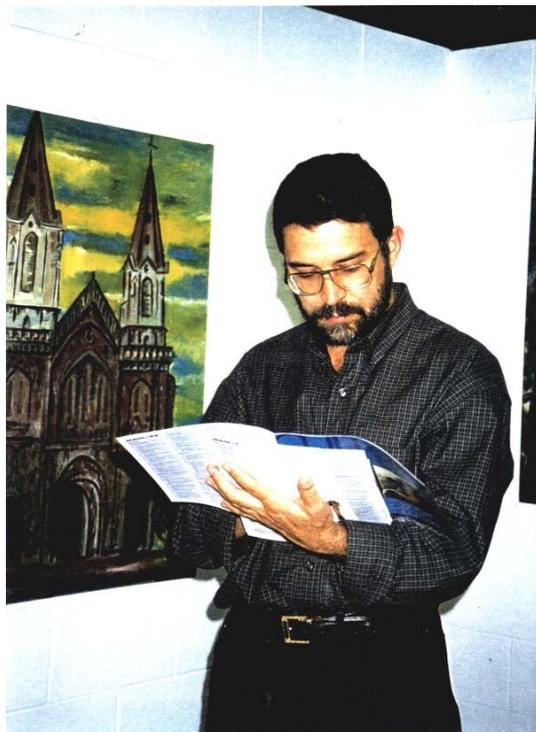
(FIG. 13) Os Pescadores

HÉLIO ADEMIR SIQUEIRA

Hélio Siqueira (Fig. 14), desenhista, pintor, ceramista, gravador, professor, tecelão e agente cultural, é atualmente o artista plástico uberabense de maior renome.

Nasceu em Ouro Fino (MG), em 1950. Com quatorze anos ingressou no Seminário “Seráfico Santo Antônio”, onde iniciou estudos de desenho e pintura com o capuchinho Frei Leopoldo. Concluídos os primeiros estudos, foi transferido para Uberaba, onde concluiu o Curso Clássico no Colégio Marista Diocesano, em 1971. Formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia “Santo Tomás de Aquino”, em 1975. Frequentou os Festivais de Inverno em Ouro Preto, promovidos pela UFMG, de 1973 a 1979, e em 1991, quando foi orientado pelos artistas: José Maria Ribeiro, Marisa Trancoso, Aldo Malagoli, Aberardo Zaluar, Alúcio Carvão, Jarbas Juarez, Iara Tupinambá, Álvaro Apocalipse, José Lima, Nello Nuno, Amílcar de Castro e Karim Lambert.

Foi professor de Educação Artística em vários estabelecimentos de ensino de Uberaba: Colégio São Tarcísio, Colégio Tiradentes, Colégio Nossa Senhora das Dores, Colégio Nossa Senhora das Graças e Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi. Estimulado pela criatividade dos alunos desses estabelecimentos de ensino, criou a Feira de Arte/Participação, em 1981, importante movimento de arte, que coordenou durante dez anos. É pertinente lembrar que esse movimento cultural, de caráter não oficial, foi considerado o maior e mais popular evento de toda a região. De 1972 a 1982, ensinou pintura no Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi, estimulado pela então Diretora Alda Loes Frateschi. Em 1976 inicia-se sua participação em importantes exposições e Salões Nacionais: XII Salão de Arte Contemporânea de Campinas (SP), com a obra “Diálogo”; XXXV Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, com a obra “Interferência na Paisagem”; XXI Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, com a obra “Sem Título”. Recebeu o Prêmio Brasília de Artes Plásticas, com a obra “Sudário”; obteve 3º prêmio na III Bienal Nacional de Santos, com a obra “Piões”, e foi o artista convidado do 1º Salão de Artes Plásticas do Triângulo, realizado em Patrocínio (MG), em 1987 (Fig. 15).



(FIG.. 14) Hélio Siqueira



(FIG. 15) Cosme e Damião - 1995

PAULO MIRANDA

O artista nasceu em Adamantina (SP), em 1964 (Fig. 16).

Freqüentou cursos dos Festivais de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e estudou com Hélio Siqueira, Orlando Castano, Karin Lambrecht e Franz Kracjeberg.

Realizou várias exposições individuais: em 1989, na Fundação Cultural de Uberaba; em 1990, no Itaú Galeria, Goiânia; em 1991, na Galeria Guilherme Litra, em Pelotas (RS); em 1992, na Galeria da Caixa Econômica Federal de Uberlândia; em 1994, Museu de Arte Contemporânea de Americana (SP).

As suas principais coletivas foram: 1º Salão de Artes Plásticas do Triângulo, em Patrocínio (MG), 1987; Salão de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto (SP); Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco, 1991; Mostra do Desenho Brasileiro, Curitiba (PR) 1991; Utopias Contemporâneas, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte (MG), 1991; no Museu de Arte de São Paulo (SP); na Bienal Nacional de Santos, (SP); na Galeria Debret, em Paris.

Recebeu vários prêmios, entre os quais se destacam: o Prêmio Conjunto de Obras, no 1º Salão de Arte Contemporânea de Araraquara (SP); Prêmio Aquisição, no XV Salão de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto (SP); Prêmio Aldo Locatelli, no II Salão Nacional de Artes de Pelotas (RS), e Prêmio UNESCO de Fomento às Artes, em São Paulo (Fig. 17).



(FIG. 16) Paulo Miranda



(FIG. 17) Exile II - 1995

CAPÍTULO 3

O PROJETO “ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA”

3.1. Considerações conceituais sobre a pesquisa desenvolvida

Começamos por recorrer a Sérgio Luna (1996, p.15) quando diz que a “[...] pesquisa visa a produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente e fidedigno.” Trata-se, para ele, de produzir conhecimento que preencha lacuna existente em uma determinada área do conhecimento. Identificar esta lacuna irá exigir do pesquisador sensibilidade para questionar um fenômeno, uma prática; dependerá muito da capacidade de imersão do pesquisador numa dada realidade.

Sob o ponto de vista daqueles que defendem a pesquisa ação, a problematização de uma realidade se dá no decorrer do processo de investigação, ao invés de antecederem o início da pesquisa, como ocorre nas metodologias tradicionais, .

Para os que assim se posicionam esta imersão na situação natural a ser pesquisada aumenta a relevância dos conhecimentos produzidos, ao mesmo tempo que favorece maior compromisso do pesquisador com a produção do conhecimento em processo, ou seja, com a transformação que a realidade identificada exigir.

Assim, conclui Sérgio Luna (1996), este gênero de pesquisa supera o caráter meramente acadêmico de muitos procedimentos convencionais, fazendo com que, além de conhecimento novo, ele se constitua uma forma de prestação de serviços à comunidade, que ocorre durante o desenvolvimento da pesquisa.

É nessa perspectiva da pesquisa ação que desenvolvemos o estudo cujo relatório constitui a matéria prima da presente dissertação de mestrado, estudo que teve como objeto um projeto de ensino artístico, denominado “*Artistas uberabenses na escola*”.

Neste estudo, que se insere na categoria de pesquisa ação, os dados foram recolhidos em nove turmas de ensino médio de duas escolas públicas de Uberaba, através de entrevistas, observações e questionários. Durante o processo de investigação os dados coletados permitiram elaborar as indagações que foram norteando as diferentes fases da pesquisa.

Os procedimentos metodológicos de pesquisa exigiram o contato direto e prolongado da pesquisadora com o ambiente e com a situação investigada, num intenso trabalho de campo, período em que procuramos “captar a perspectiva dos participantes”, fator que marca o gênero de pesquisa escolhida. Ao procurar captar a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa buscamos evitar tomar educadores, alunos e artistas como meros fornecedores de informações. Isto porque, segundo Thiollent (1994, p. 15) toda pesquisa ação é participativa, exigindo uma ação efetiva dos envolvidos; ação não trivial, mas uma problematização que exige investigação e, sobretudo, reflexão sobre a problemática constitutiva da atenção de todos os envolvidos.

Assim se deram as coisas: as pessoas envolvidas – artistas plásticos de Uberaba, uma professora de Educação Artística e seus alunos – deram seus depoimentos e desenvolveram ações várias, ações estas que promoveram uma interação entre os diferentes participantes da pesquisa (pesquisadora, estudantes, professora e artistas), que assim vivenciaram de forma reflexiva um projeto comum. Projeto que não se pretendeu concretizar apenas para fazer acontecer um evento, mas para que, através do processo de sua elaboração, implementação e avaliação, fosse possível construir conhecimentos válidos para o ensino da arte na escola de educação básica.

3.2 O processo de construção do projeto “*Artistas uberabenses na escola*”

O projeto “*Artistas uberabenses na escola*” foi inspirado no projeto “*Arte no cotidiano e na escola*”, desenvolvido em Campinas (SP) pela professora Célia Maria de Castro Almeida (2000).

No início de março de 1997 foi traçado um amplo programa para as Artes Plásticas em Uberaba, através da Fundação Cultural de Uberaba. Através de exposições individuais e coletivas,

oficinas, palestras, concursos, apresentações de vídeo sobre arte, curso de desenho, cerâmica, pintura, tapeçaria, história da arte, arte para criança os artistas uberabenses mostraram seus trabalhos. Em janeiro de 1997 todos os segmentos das artes visuais em Uberaba foram convocados: pintores, desenhistas, fotógrafos, escultores para trabalhar sobre o tema: “Um olhar sobre a cidade”. Os artistas que se sentissem motivados, deveriam produzir trabalhos que refletissem os aspectos mais envolventes da cidade, tais como: a paisagem, os becos, as ruas, as pessoas, os aspectos arquitetônicos, enfim a alma da cidade. Os artistas através de suas obras expressaram seu amor a Uberaba.

Com este resultado dos trabalhos realizados fizemos a nossa escolha de trabalharmos com estes artistas e suas obras São trabalhos de artistas uberabenses que abriga uma linguagem contemporânea, traduzindo um percurso e uma análise do nosso universo criativo.

Iniciou-se o projeto com a realização de uma reunião com os professores de Educação Artística de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e médio, da rede estadual de ensino de Uberaba, ocorrida no Salão da 39ª Superintendência Regional de Ensino, no dia 11/08/2000.

Esse encontro teve como objetivo informar aos professores sobre a proposta e convidá-los a participar de um projeto de ensino artístico cujo foco seria o estudo de obras de artistas plásticos de Uberaba.

Foram convidados para essa reunião professores de trinta estabelecimentos, mas a ela compareceram apenas dez professores e seis representantes da 39ª Superintendência Regional de Ensino.

Após breve apresentação dos objetivos da reunião – convidar os professores a participarem de um projeto de pesquisa – fizemos um trabalho de sensibilização, através de uma dinâmica com balões de borracha, tendo por objetivo desenvolver a reflexão de que todos nós necessitamos uns dos outros, para a realização de nossos propósitos. O convite à participação no projeto implicaria

em um compromisso de trabalho, dado que os seus participantes só atingiriam seus objetivos através da colaboração mútua.

A seguir, os participantes foram convidados a refletir sobre alguns pensamentos de Joseph Tharrats (1996, p.09 – História Geral da Arte – Pintura I) sobre a arte (Cf. Apêndice A).

Cada um dos pensamentos de Joseph Tharrats foi discutido com as professoras, as quais emitiram suas opiniões sobre as diversas maneiras de compreender-se a arte. Desta forma, a sensibilização se completou com uma reflexão de modo a se promover a “imersão” daqueles que seriam, também, sujeitos no processo que seria desencadeado na pesquisa. Ou seja, pretendia-se, com esta reunião, que a participação dos professores na pesquisa se desse, desde o início, de maneira consciente, e não apenas de forma mecânica, unicamente a serviço dos objetivos propostos pela pesquisadora.

No citado encontro tivemos também a oportunidade de discutir alguns conceitos sobre arte e estética, através de exemplificações sobre o que foi a arte no passado e o que é a arte no presente.

O que é a arte? A arte nós a sentimos e a vivemos no dia a dia. Ela indica um papel essencial no desenvolvimento humano. A manifestação artística é típica do homem, é através de sua sensibilidade e de seu desejo de comunicação que o próprio homem gera a arte. O artista é o espelho do mundo e a arte é a assinatura deste homem. A arte é portanto uma atividade social.

Finalizamos o encontro analisando a obra “Mirante”, da artista Uberabense Cláudia Kremp. Essa atividade de leitura da obra de arte foi realizada com o objetivo de demonstrar aos professores uma das atividades que seriam desenvolvidas com seus alunos, caso viessem a participar do projeto “*Artistas uberabenses na escola*”.

A reunião também serviu para conversamos sobre o compromisso dos professores que aceitassem participar do projeto: participar de reuniões semanais para planejamento das atividades que seriam realizadas com seus alunos.

Infelizmente, apenas uma professora aceitou o convite para participar do projeto. As demais alegaram falta de tempo para os encontros semanais, por trabalharem em várias escolas e, por esta razão, não poderiam assumir o compromisso de dispor de horário para encontros semanais para planejamento e discussão do projeto.

De fato, observamos que os professores de Educação Artística das escolas públicas trabalham em várias escolas. Para complementarem a carga horária de 18 horas de jornada semanal de trabalho também lecionam, às vezes, outras disciplinas. Sendo assim, o projeto foi desenvolvido apenas nas duas escolas onde atuava a professora que aceitou participar do mesmo: Escola Estadual “Minas Gerais” e Escola Estadual “Edith França”.

O projeto foi desenvolvido durante o ano de 2000 e atingiu 280 alunos de 17 e 18 anos, matriculados em nove turmas de terceiras séries do ensino médio dos períodos matutino e noturno.

3.2.1 As escolas “Edith França” e “Minas Gerais”

Escola Estadual Edith França

A Escola Estadual “Edith França”, (Fig. 18) foi criada pelo decreto nº 6262 de 05 de maio de 1961, com a denominação de Grupo Escolar Professora Edith França de acordo com a legislação vigente.

Recebeu esta denominação em homenagem a professora Edith França que exerceu o magistério com abnegação durante vários anos na cidade de Uberaba.

A escola funcionou primeiramente na rua Goiás, S/N, depois teve de mudar para a rua Mato Grosso em uma casa alugada pelo Estado onde permaneceu até 11/09/1995, quando mudou para o novo prédio da escola, situado à rua Ceará nº 665 e que foi oficialmente inaugurado no dia 27/11/1995.

A maioria da comunidade escolar da Edith França, é formada de assalariados, impedindo-lhes a aquisição de bens materiais e culturais.

Há pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, eles sempre alegam falta de tempo, excesso de trabalho, irmãos menores, exigindo da escola não só a educação cultural, mas também a moral afastando da família qualquer tipo de culpa pelo comportamento do aluno, seja de ordem disciplinar ou curricular.

Nas reuniões de pais e mestres a freqüência dos pais é mínima. Os alunos não demonstram muito interesse pelo estudos, com raras exceções, mas reconhecem a importância dos estudos para um futuro melhor. A maioria dos pais e alunos demonstram satisfação com a escola.

O número de alunos matriculados é de 475 em 2 turnos.

O quadro de pessoal é composto de 24 professores regente, 1 secretária, 2 auxiliares de secretaria, 1 supervisor, 1 orientador, 1 diretor, 1 assistente de turno e 5 serviçais.

As turmas são em número de 13 assim distribuídas:

Matutino: 1 sala de 5ª série, 1 sala de 6ª série, 1 sala de 7ª série, 1 sala de 8ª série, 1 sala de 1º colegial, 1 sala de 2º colegial e 1 sala de 3º colegial.

Noturno: 1 sala de 1º colegial, 1 sala de 2º colegial e 2 salas de 3º colegial.

Escola Estadual Minas Gerais

A Escola Estadual “Minas Gerais”, (Fig. 19) está localizada na cidade de Uberaba, na Praça Frei Eugênio, 473 e se destina ao Ensino Fundamental e Médio.

Foi criada em 04 de abril de 1927, pelo decreto 7.960 e 16.244 de 04/10/1927.

É uma escola tradicional da cidade de Uberaba, cuja clientela atende alunos de um nível sócio econômico muito variado, de uma posição social mais baixa (assalariado) até a classe média.

As famílias depositam nesta escola muita esperança, na certeza de que os alunos construam conhecimentos e valores indispensáveis, ao processo de desenvolvimento, socialização e formação da cidadania.

A Escola Estadual Minas Gerais vem de encontro aos anseios da coletividade, oferecendo um ambiente físico e humano de qualidade através de estruturas e funcionamentos adequados.

A sua proposta pedagógica apresenta uma seqüência de projetos atendendo as necessidades dos alunos como por exemplo:

Paziando – ano todo (sobre paz)

Hora cívica – apresentação dos alunos

Semana Cultural

Feira de Conhecimentos

Integração da família e escola

Ensino na Educação Fundamental

Todas as atividades sócio-educativas, tem a participação de toda a comunidade escolar.

O atual número de alunos matriculados é de 1524 em 3 turnos.

O quadro de pessoal é composto de 53 professores regentes, 1 secretária, 7 auxiliares de secretaria, 3 supervisor, 2 orientador, 1 diretor, 2 vice diretor, 3 bibliotecária auxiliar, 14 serviçais.

As turmas são em número de 34 assim distribuídas:

Matutino: 12 turmas – sala de Ensino Médio, 05 turmas 1º ano, 04 turmas 2º ano, 03 turmas de 3º ano.

Vespertino: 11 turmas – Ensino Inicial – ciclo básico – 3 turmas, ciclo básico – 3 turmas, 3º ano 03 turmas, 4º ano 02 turmas.

Noturno: Ensino Médio 1º ano 04 turmas, 2º ano 04 turmas, 3º ano 03 turmas.

A comunidade participa das atividades envolvidas pela escola, principalmente o ensino fundamental. Os pais no ensino médio participam muito pouco das atividades da escola.



(FIG. 18) Escola Estadual "Edith França"
Fotografia - Marcia Queiroz Baccelli, 2000



(FIG. 19) Escola Estadual Minas Gerais
Fotografia - Marcia Queiroz Baccelli, 2000

3.2.2 *A professora de Arte*

Para o desenvolvimento do projeto contamos com a colaboração da professora de Arte das escolas “Edith França” e “Minas Gerais”, Adriana Maria Pereira Rocha, que em depoimento nos contou um pouco sobre sua vida pessoal e profissional (Cf. Apêndice B).

A entrevista com a professora Adriana Pereira Maria Rocha foi realizada pela pesquisadora e pela orientadora que participaram da mesma. Ela foi feita de uma só vez, sendo a entrevista gravada e em seguida transcrita.

A professora Adriana contou-nos que seu interesse pela arte manifestou-se desde a escola primária. Lembra-se que, nesta época, escreveu e encenou peças de teatro.

Anos mais tarde, ingressou no Conservatório Estadual de Música “Renato Frateschi”, onde fez os Cursos Técnicos de Piano e Educação Artística. Com esta qualificação lecionou música para o maternal e para classes de 1º a 4º série em uma escola particular, que dispunha de instrumentos musicais e toda a adequação de materiais necessários ao seu trabalho.

Depois de alguns anos, já estando os filhos mais crescidos, cursou a Faculdade de Direito e fez também a complementação pedagógica (Licenciatura Plena de Pedagogia), necessária para lecionar Educação Artística, passando, então a exercer a advocacia e a lecionar Educação Artística nas escolas de Uberaba.

No período em que participou do projeto (2000) sua atividade docente era dividida entre várias escolas públicas, nas quais lecionava Educação Artística de 5ª a 8ª e no ensino médio, e o Conservatório Estadual de Música “Renato Frateschi”, onde dava aulas de Teclado.

Na entrevista Adriana afirmou que no começo do seu trabalho como professora, apesar de oferecer aos alunos o melhor que podia, sua preocupação maior era poder trabalhar e ter seu próprio dinheiro. A partir do ano de 2000 sua preocupação mudou de foco: a vontade era, como professora, passar para os jovens alunos que existe arte no dia-a-dia, que existe o belo. Segundo

Adriana, tal intenção foi alcançada, pois os alunos lhe enviavam bilhetes agradecendo-lhe por ter-lhes oferecido a possibilidade de conviverem com a arte que, até então, não fazia parte de suas vidas.

Inquirida sobre quais seriam, na sua opinião, os problemas relativos ao ensino de arte em escola pública, a entrevistada relacionou inúmeros:

- desvalorização da educação, principalmente por parte daqueles que estão investidos de poder em nosso país, pois as leis ficam apenas no papel, tal como ocorreu com os Parâmetros Curriculares Nacionais, cuja implantação ainda deixa muito a desejar;
- falta de sala adequada para o ensino de arte;
- tempo de aula escasso (50 minutos);
- número excessivo de alunos nas salas de aula, que são muito pequenas;
- não valorização do profissional que se empenha na realização de projetos.

Indagada sobre sua prática, Adriana informou que o planejamento das suas aulas geralmente é elaborado semestralmente. Nos finais de cada semana a professora faz uma reflexão do que foi realizado, verificando se o conteúdo foi aprendido, analisando se seria preciso fazer alguma mudança no plano inicial, avaliando-se e avaliando os alunos.

No tocante à avaliação da aprendizagem, informou que ela se dá através da observação do desempenho e envolvimento dos alunos nas aulas:

Eu avalio assim: observando o interesse deles. Esse é um item primordial, se eu estou conseguindo chamar a atenção de todos. [...] Bom, são duas formas. Primeiro eu avalio a turma como um todo. Observo o interesse, a participação deles, se eu consegui aglutinar o maior número de alunos possível para realizar essa tarefa e olho também, de forma particular, aquele que noto mais disperso, que não pára atento, que, às vezes, faz por fazer, que logo eu já decoro o nome dos meninos todos, já conheço todos rapidinho. No ano passado, eu tinha 280 alunos e sabia o nome deles todos. Então procuro trabalhar mais com estes.

Preocupada com o interesse dos alunos, afirmou recorrer, sempre que possível, ao uso de recursos audiovisuais: *slides*, vídeos, transparências, para “prender a atenção” e conquistar a participação de todos. Também informou que tentou, algumas vezes, integrar o ensino de arte com outras áreas do currículo, tendo articulado ensino artístico com a Literatura.

A comunidade escolar, de acordo com a professora, participa muito pouco dos eventos artísticos promovidos pela escola, ficando esses restritos às datas do calendário escolar: Dia dos Pais, Dia das Mães, Folclore etc. Segundo a professora, “Cada um está ilhado: aqui está o aluno, aqui está o professor, aqui está a direção da escola e aqui estão os pais”.

Durante a entrevista a professora Adriana revelou ter uma postura crítica e clareza sobre o papel dos professores de arte:

Eu gostaria que a Arte hoje ensinada na escola pública tivesse o seu lugar como realmente merece. Porque, além de ela fazer parte da nossa vida, da nossa história, e vai continuar fazendo nosso futuro, ela ainda permite a integração que se pode fazer com as outras disciplinas. É transformar. Isto traz um melhoramento muito grande em termos de passar estes conhecimentos do professor para o aluno. Talvez falte uma preparação maior do professor de Educação Artística, e falte também uma conscientização que saia do papel, que saia da lei, que realmente [esteja] voltada para o reconhecimento da Arte, dessa disciplina, dentro da escola.

Acho que a soma de tudo isto vai florescer, porque não basta, como no meu caso, ter boa vontade de realizar, sendo que faltam determinados elos, vamos dizer, da corrente. Às vezes, você prejudica; às vezes, você tem criatividade; mas, às vezes, você é brechado por mecanismos, seja da escola ou seja por parte da comunidade escolar.

Na opinião da professora Adriana, o ensino de Arte na escola pública precisa ser valorizado. Tal valorização irá requerer não apenas uma melhor formação inicial e contínua do professor de Educação Artística, como o reconhecimento de que a Arte é uma disciplina tão importante quanto

todos os outros componentes curriculares. Reconhece que o problema de desvalorização da disciplina é histórico, vindo desde o início da implantação do ensino artístico na educação escolar.

Acredita a professora que os Parâmetros Curriculares possam provocar a reflexão e a transformação do ensino de artes nas escolas, mas entende que as mudanças neles propostas dependem muito do profissional que atua nas escolas.

O diálogo estabelecido com a professora através da entrevista possibilitou-nos conhecer suas práticas, preocupações e posicionamentos a respeito do ensino da Arte. Possibilitou-nos, ainda, desenvolver com ela uma reflexão acerca de determinados fundamentos teóricos metodológicos que haveriam de nortear a proposta “*Artistas uberabenses na escola*”, em cujo desenvolvimento ela teria uma participação muito significativa.

3.3 Pondo em ação o projeto “*Artistas uberabenses na escola*”

Participamos da implementação do projeto junto a professora visitando as escolas, conversando com as diretoras, e participando de algumas aulas, apenas observando-as, querendo com isso que a professora ficasse a vontade com os alunos na realização do projeto: *Artistas Uberabenses na Escola*.

Realizamos reuniões periódicas com a professora todas as semanas, para repassar informações e orientações sobre as atividades que deveriam ser desenvolvidas e auxiliamos com materiais impressos e livros sobre arte.

Sob o ponto de vista metodológico, o projeto respaldou-se na “proposta triangular” de Ana Mae Barbosa (1991), segundo a qual o ensino de arte deve contemplar igualmente a apreciação e contextualização da obra de arte e o fazer artístico.

Após inúmeras leituras, chegamos a um consenso de que a arte na escola não pretende formar o artista, mas o conhecedor, aquele que frui a obra de arte. Partindo do pressuposto de que só uma pequena porcentagem de nossa população visita museus ou assiste a concertos, espetáculos

de dança ou teatro, entendemos que a educação escolar deve preocupar-se com a formação do apreciador de arte e facilitar o acesso dos alunos às várias manifestações artísticas.

Neste projeto definimos que as atividades de apreciação - centro principal deste projeto - seriam desenvolvidas a partir do referencial teórico de Ana Mae Barbosa, para quem “A leitura de uma obra de arte não pode transformar-se num simples questionário, pois leva a leitura a um nível mediocrizante e simplifica a condensação de significados de uma obra de arte, limitando a imaginação do apreciador (BARBOSA, 1991, p. 19).

Considerando o objetivo de formar o apreciador de obras visuais, o projeto “Artistas uberabenses na escola” fundamentou-se, também, na idéia de que a apreciação das obras artísticas não deve centralizar-se num repertório constituído apenas por produções do passado, mas deve contemplar a arte produzida no presente e, em especial, as produções que possam ser apreciadas na sua forma original, e não através de suas reproduções.

Partindo deste pressuposto, o projeto tomou, como temática central, pinturas de artistas uberabenses contemporâneos. A idéia central do projeto era dar a conhecer os artistas da própria cidade, em vez de trabalhar apenas com os grandes vultos de todos os tempos em artes plásticas. Seria uma oportunidade de permitir aos alunos conhecer a realidade que lhes é próxima, aprendendo a valorizar os artistas locais.

Participamos ativamente da pesquisa, contatamos os artistas, colocando-os a par do projeto que desenvolveríamos. Eles tiveram uma aceitação muito grande e sentiram-se felizes e alegres em participar do Projeto Artistas Uberabenses na Escola.

Durante todo o processo da implementação do projeto foram realizadas reuniões com a professora de arte, nas quais foi discutida a programação de cada atividade que ia ser realizada com os alunos, sempre dando ênfase à importância do conhecimento da arte local, trazendo-a para o cotidiano da sala de aula. As reuniões semanais com a professora de Arte nos permitiu refletir sobre o processo de implementação do projeto, sobre os resultados obtidos em cada aula, avaliando

as atividades e replanejando as atividades propostas aos alunos. A participação dos alunos no desenvolvimento do projeto foi valorizada o tempo todo, a fim de torná-las significativas e estimulantes para os mesmos. Através de conversas informais a professora encorajava os alunos mostrando-lhes que a arte pictórica, está ao alcance de cada um realizá-la.

3.3.1 Atividades desenvolvidas com os alunos

3.3.1.1 Atividades de apreciação

A primeira atividade desenvolvida nas escolas foi a apresentação de reproduções de 13 obras de pintores uberabenses:

- “Mata do Ipê”, de Maria Adélia Prata de Andrade,
- “A Multiplicação dos Pães”, de Elizabeth Van Winkel,
- “Cosme e Damião”, de Hélio Ademir Siqueira,
- “Exile II”, de Paulo Miranda,
- “Flores”, de Maria Abadia Ulhôa Barbosa,
- “O Mirante”, de Cacilda Mariano,
- “Mirante”, de Cláudia Kremp Cazadei,
- “Mulher com jarro”, de Maria Helena Ciriani,
- “Nossa Senhora”, de Ovídio Fernandes,
- “O olhar sobre a cidade”, de Raquel Machado,
- “Os pescadores”, de Hélivio Fantato,
- “Te ver de Longe”, de Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso,
- “Uberaba Fauve”, de Mirna Sabino.

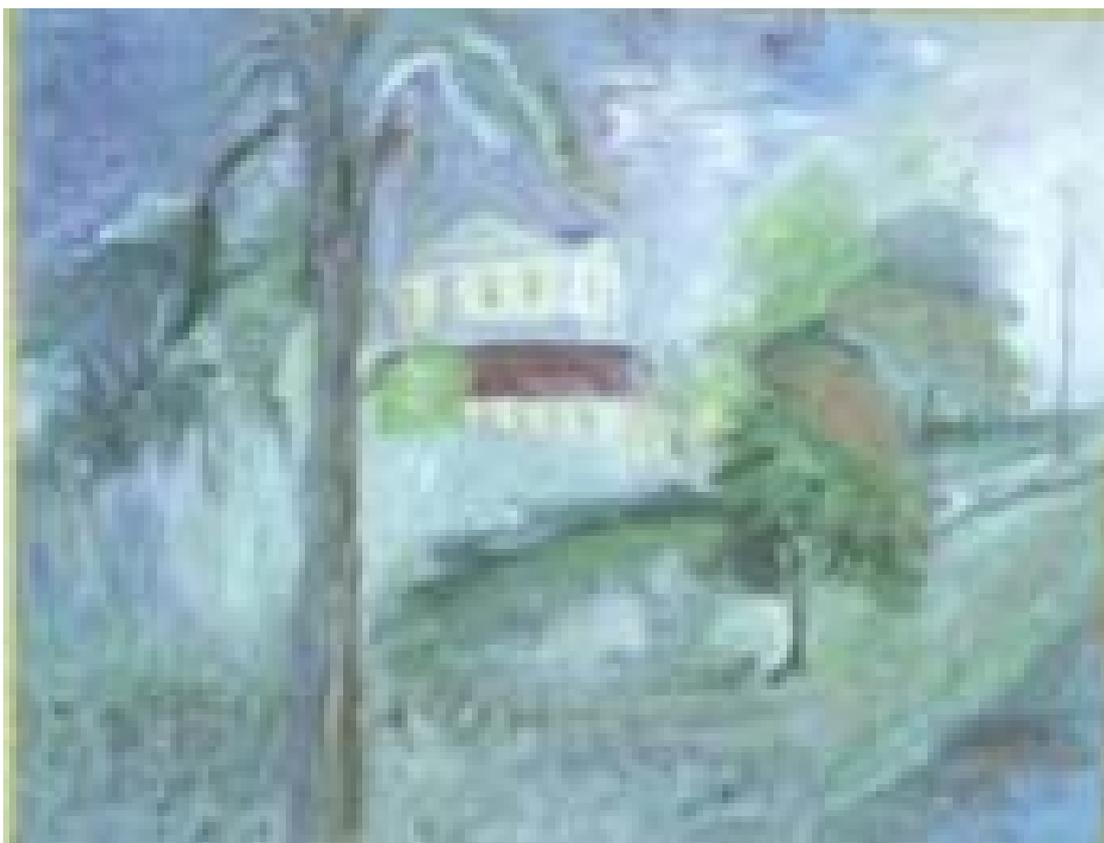
Dois critérios nortearam a seleção destas obras: a relevância do artista na comunidade e na história da arte Uberabense e a anuência destes artistas em participar do projeto.

Feita a apresentação das obras, a turma foi convidada a escolher uma delas. Algumas das obras foram escolhidas por mais de uma turma, conforme pode-se observar no Quadro II.

QUADRO II - OBRAS ESCOLHIDAS PELAS TURMAS

Obra	Artista	Turma	Escola
“Mirante”	Cláudia Kremp Cazadei	3° D (Noturno) 3° 3 (Noturno)	Escola Est. “Minas Gerais” Escola Est. “Edith França”
“Mata do Ipê”	Maria Adélia Prata de Andrade	3° B (Matutino) 3° A (Matutino)	Escola Est. “Minas Gerais” Escola Est. “Minas Gerais”
“Te ver de longe”	Rosalina Aparecida de Morais Cardoso	3° 1 (Noturno)	Escola Est. “Edith França”
“Flores”	Maria Abadia Ulhôa Barbosa	3° C (Noturno)	Escola Est. “Minas Gerais”
“O Mirante”	Cacilda Mariano	3° E (Noturno) 3° 2 (Noturno) 3° (Matutino)	Escola Est. “Minas Gerais” Escola Est. “Edith França” Escola Est. “Edith França”

"O Mirante" (100 x 80), óleo sobre tela da pintora Cacilda Mariano (Fig. 20), é uma obra expressionista, figurativa, que retrata o local que dá nome à obra. Organizam-se os elementos da obra de modo simétrico; nela as linhas verticais, horizontais e circulares criam uma tensão vertical. O traço é contínuo e o contorno é delineado; há predominância das cores complementares, principalmente do verde; a textura é lisa e há efeito de profundidade. O conteúdo da obra sugere alegria.



(FIG. 20)) O Mirante – 1998

"Flores" (90 x 100), óleo sobre tela da pintora Maria Abadia Ulhôa Barbosa (Fig. 21), é uma obra figurativa que mostra uma tendência impressionista, apesar do colorido exuberante das cores primárias, com predominância de cores complementares. O jogo das cores dá uma idéia de volume. Podemos notar na obra retas horizontais e verticais com predominância das curvas circulares. O contorno é delineado e a tensão da obra é vertical. A posição da luz é frontal e de fonte aparente. A textura é lisa e o equilíbrio é simétrico.

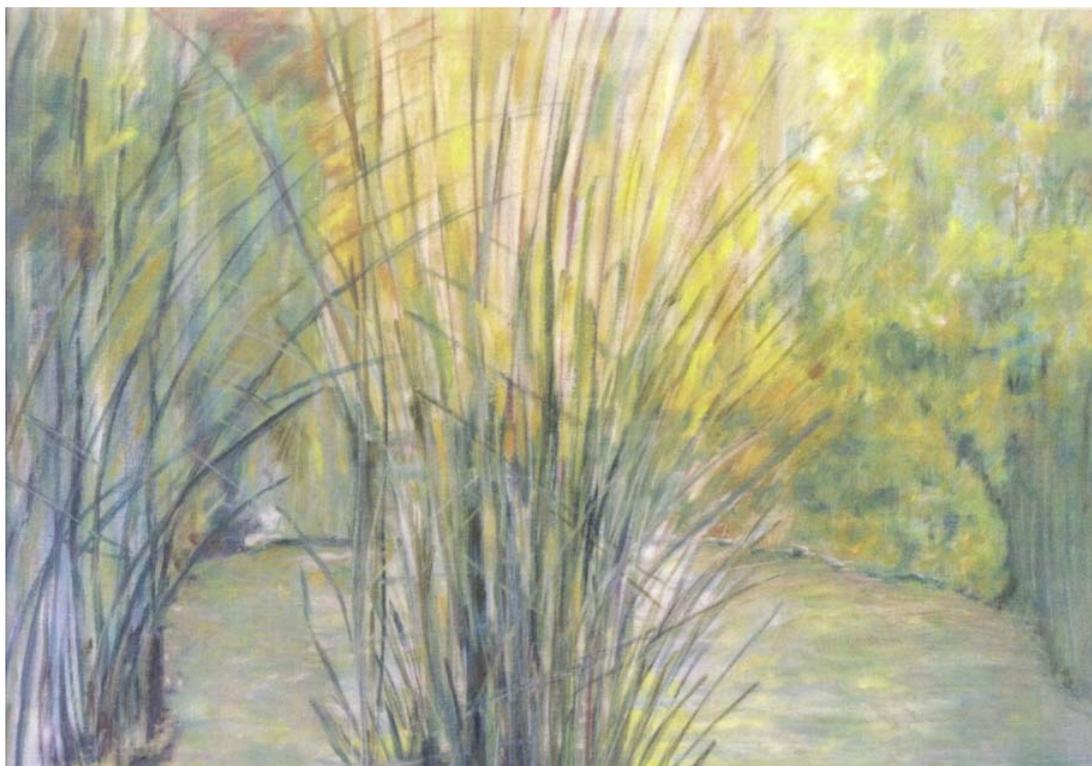
"Mata do Ipê" (90 x 100), óleo sobre tela da pintora Maria Adélia Prata de Andrade (Fig. 22) é uma obra figurativa, impressionista, na qual se pode perceber o fascínio que o estudo da luz natural exerce sobre a pintora. Há predomínio de retas e a tensão da obra é vertical. A forma é aberta, as cores são complementares e o jogo de luz e sombra é real, produzindo efeito de profundidade no jogo de cores. A textura da obra é lisa, o equilíbrio é simétrico.

"Te ver de longe" (90 x 100), óleo sobre tela da pintora Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso (Fig. 23), é uma obra figurativa, apresentando tendência impressionista. Nela observa-se o emprego de cores vibrantes e luminosas, o uso de cores complementares, jogo de luz e sombra - com emprego de luz real e frontal -, transpondo do claro para o escuro. Aparecem retas horizontais, oblíquas, circulares, com predominância das retas verticais que produzem uma tensão vertical mas sem retirar da obra o equilíbrio simétrico. O traço é contínuo, o contorno é definido e a textura é lisa.

"Mirante", de Cláudia Kremp Cazadei (Fig. 24), é uma obra figurativa, com tendência expressionista. Nela percebemos retas horizontais, verticais, com predominância das oblíquas. O traço é interrompido, o contorno delineado e definido. A tensão da obra é vertical e sua forma é aberta. Há predominância de cores complementares, com relevância da cor verde. Pode-se notar luz e sombra; a fonte é real e a posição da luz é zenital. A obra apresenta textura lisa, e no que se refere ao equilíbrio ele é assimétrico, pois o lado esquerdo do quadro tem mais volume.



(FIG. 21) Flores - 1998



(FIG. 22) Mata do Ipê - 1998



(FIG. 23) Te Ver de Longe - 1998



(FIG.24) Mirante - 1998

Após a seleção de uma dentre estas cinco obras, os alunos de cada uma das nove turmas foram convidados a redigir um texto no qual deveriam expor sua visão particular da obra escolhida pela turma, a partir da pergunta: O que você sente ao olhar para esta obra?

Ressaltamos que esta primeira leitura² da obra feita pelos alunos foi feita de uma maneira livre, ou seja, a professora não passou aos alunos nenhuma informação sobre a obra ou artista, de modo a permitir que os alunos expressassem livremente seus sentimentos em relação à obra. Os resultados das leituras feitas pelos alunos podem ser conferidos nos quadros apresentados a seguir.

QUADRO III - LEITURAS DA OBRA “O MIRANTE” (FIG. 20), DE CACILDA MARIANO

ALUNOS DO 3º 2 (NOTURNO) DA ESCOLA ESTADUAL "EDITH FRANÇA"

Daniela	Lugar para descansar, pôr as idéias no lugar, paz e alegria.
Silvio	Paz, alegria. Ar livre, cercado de árvores e paisagens.
Ana Cristina	Paz interior, tranqüilidade, harmonia.
Paula	Os tons de azul me fazem sentir saudade de um tempo que já passou.
Angélica	Ar puro, bastante árvores e natureza.
Andréia	Sossego, descanso mental e corporal, beleza, alegria.
Vanessa	Vida. Natureza. Paz, serenidade, pureza, simplicidade.
Lílian	Lugar calmo, tranqüilidade absoluta.
Luísa	Paz interior, amor intenso, lugar maravilhoso para se viver bem.

Sete alunos afirmaram que a obra lhes transmitiu tranqüilidade, paz, referindo-se, portanto, ao conteúdo da obra. Dos nove alunos, apenas um aluno referiu-se às cores da tela: “Os tons de azul me fazem sentir saudade de um tempo que já passou”, mas não no sentido técnico e sim para relacionar a cor a um sentimento.

² Somente após esta primeira leitura da obra é que a professora apresentou uma pequena biografia da artista cuja obra foi escolhida pela classe (Cf. Apêndice B).

QUADRO IV - LEITURAS DA OBRA “O MIRANTE” (FIG. 20), DE CACILDA MARIANO

ALUNOS DO 3º E (NOTURNO) DA ESCOLA ESTADUAL “MINAS GERAIS”

Rejane	Lugar tranqüilo, para descansar nas horas vagas, repor energia.
Maria de Lourdes	Traz lembranças de minha infância, feliz, alegre, sempre a sorrir.
Tânia	Triste, pois estava afastada de tudo, abandonada.
Sandra	Lugar onde há tranqüilidade. Muito verde, Paz, harmonia.
Wellington	Muito bonita. Muito verde.
José	Transmite tristeza, sossego e tranqüilidade.
Vanessa	Representa paz e tranqüilidade, um lugar para relaxar.
Patrícia	Tranqüilidade, sossego após um dia de trabalho.
Elizabeth	Lugar lindo para relaxar, tirar o cansaço (lugar calmo).
Valdirene	Lugar lindo, relaxante, refrescou meu pensamento.
Adriana	Lugar triste, isolado, onde me senti sozinho.
Sheila	Parece triste e isolada.
Simone	Triste, sem vida, apagada.
Mário	Me lembra uma casa de senhor de escravos.
Juliana	Solidão, ausência de vida, de amor, alegria.
Maria José	Parece triste.
Leonardo	Passa tranqüilidade; lugar perfeito para se viver.
Ideliando	Passa solidão, casa velha e solitária.
Thalyta	Calma, tranqüilidade. Verde aconchegante.
Alessandro	Traz paz, tranqüilidade.
Elton	Lugar muito tranqüilo. Bastante verde e ar puro.
Juciara	Sinto tristeza, casa solitária.
Fernanda	Passa tranqüilidade, perto da natureza sem poluição.
Márcio	Lugar distante, sombrio, assombrado.
Cátia	Casa abandonada, triste. Vazia.

Vinte e cinco alunos apreciaram a obra, dos quais treze mencionaram a paisagem como sendo alegre e tranqüila, enquanto oito a consideraram uma obra triste. Apenas três comentaram sobre o assunto da obra - “Casa abandonada”, “Me lembra uma casa de senhor de escravos”, “casa solitária” - e quatro alunos referiram-se à cor, mas sempre relacionando tanto o assunto quanto a cor a um sentimento (“Verde aconchegante”).

Interessante observar-se como uma mesma obra pode suscitar sentimentos opostos como “alegria” e “tristeza”. Na base deste posicionamento pode estar a relação que se estabelece, de imediato, da visão da obra com que vem à mente do apreciador, sobre o ponto de vista das reminiscências. Esta análise é válida, também, para os indicadores apresentados no seguinte.

QUADRO V- LEITURAS DA OBRA “O MIRANTE” (FIG. 20), DE CACILDA MARIANO

ALUNOS DO 3º (MATUTINO) DA ESCOLA ESTADUAL “EDITH FRANÇA”

Élida	Casa antiga de uma fazenda, transmite muita paz.
Fabiana	Sentimento de paz.
Walquíria	Transmite paz e tranquilidade.
Vanessa	Calma, tranquilidade, harmonia.
Raquel	Uma paisagem emocionante.
Luís Gustavo	Casa no campo. Transmite muita harmonia.
Wendel	Casa abandonada, velha e triste. Sentimento de vergonha e tristeza.
Cálita	Tranquilidade, prosperidade. Visão ampla do que está à volta.
Sérgio	Obra muito interessante.
Andréia	Paz. Um lugar gostoso de viver.
Vanessa e Geliane	Tranquilidade em meio à natureza.
Rafael	Estado de paz. Obra muito bonita.
Patrícia	Simplicidade e sentimento de paz.
Lidiane	Imagem de um lugar tranqüilo e cheio de paz.
Andréia F.	Obra muito triste.

Dez alunos disseram que a obra lhes transmitiu sentimentos de paz, tranquilidade e harmonia. Dois mencionaram sentimento de tristeza; outros dois afirmaram que a obra lhes causou sentimento de vergonha e prosperidade, respectivamente. Apenas dois alunos fizeram menção à qualidade da obra, que consideraram “bonita” e “interessante”. Também apenas quatro alunos mencionaram o assunto da obra: “casa antiga de fazenda”, “casa no campo”, “casa abandonada” e “paisagem”. Nenhum dos alunos fez menção às cores, técnica ou estilo da artista.

Observamos que no processo de leitura da arte visual o que mais afeta os alunos são os sentimentos que experimentam quando se deparam com seu objeto de apreciação. Alguns se sentiram instigados em saber o que o artista pretendeu comunicar, ou curiosos a respeito da técnica empregada. Mas, para a maioria dos alunos a leitura da obra ficou restrita às emoções por ela despertadas.

QUADRO VI - LEITURAS DA OBRA “FLORES”(FIG. 21), DE MARIA ABADIA ULHÔA BARBOSA

ALUNOS DO 3º C (NOTURNO) DA ESCOLA ESTADUAL “MINAS GERAIS”

Ana Paula	Algo que traz calma e muita inspiração.
Rafael	Imagem de paz, bonita e romântica, não pelo vaso, mas pelas flores.
Vivian	Algo macio e repleto de ar, harmonia e de solidariedade.
Renata	Sentimento de liberdade, pureza, lugar suave, calmo.
Chily	Sentimento puro e verdadeiro (como carinho, afeto, ternura e amor)
Jonemar	Sentimento triste; traz saudade, lembranças e recordações ruins, lembranças da morte de alguém que amo.
Paula	Sensação de paz, sensação de calma, liberdade.
Sarah	Traz paz ao meu interior; atrai a felicidade e purifica o ar.
Kellen	Traz muita inspiração, paz, alegria, tranquilidade.
Túlio	Símbolo de fraternidade.
Íris	Sentimento triste. Flores apagadas.
Solange	Más inspirações, lembranças tristes.
Leandro Pereira	Tranquilidade, clareza, emoção.
Leandro Gouvêa	Sensação de suavidade, profundidade, harmonia.
Saulo	Paz, alegria. Ar puro.
Camila	Coisas boas (vida, alegria, ar de felicidade).
Gilberto	Flores entristecidas.
Luzinete	Forte símbolo de amor; inspira paz, harmonia.
Karine	Traz paz, harmonia, ao mesmo tempo tristeza e desilusão.
Grazielle	Sensação estranha (flores tristes).
André	Inspiram vida e paz espiritual.
Lucivane	Paz, alegria, tranquilidade; inspira vida.

Vinte e dois alunos afirmaram terem gostado da obra. Seis alunos acharam-na triste. Apenas dois alunos referiram-se ao assunto da obra “flores “. Nenhum aluno se referiu às cores e à forma da pintura, revelando, faltar-lhes informações e recursos para enriquecer esta leitura com uma outra ordem de compreensão que vá além do objetivamente “visto”.

QUADRO VII- LEITURAS DA OBRA “MATA DO IPÊ” (FIG. 22), DE MARIA ADÉLIA PRATA DE ANDRADE

ALUNOS DO 3º A (MATUTINO) DA ESCOLA ESTADUAL "MINAS GERAIS"

Tatiane	Retrata um lugar belo, mas é uma pureza de verdes matos e dá idéia de distância. Tonalidades diversificadas de cores.
Adeilton	Sentimento de entrega, ficar perto da natureza, longe de tudo, sem ninguém.
Simone	Sentimento de tranqüilidade. Lugar calmo e cheio de vida.
Kátia	Parte tranqüila da cidade, longe do movimento e do barulho.
Frederico	Lembrança de uma época, quando ia pescar com o avô, na roça.
Adele	Um lugar vazio, um recanto qualquer.
Juliana	Tranqüilidade, isolamento. Vegetação verde e flores amarelas. Cores, contrastes, formas.
Gizelle	Sentimento de paz, solidão. Lugar calmo.
Aline	Sentimento de paz e de tristeza.
Luciana	Serenidade. Traços indefinidos.
Marcelo	Lugar calmo e muita paz.
Cíntia	Calma e paz.
Simone	Lugar muito verde. Lago entre muitas plantas. Lugar de meditação.
Francynmy	Sentimento de calma.
Mariana	Algo indefinido. Sentimento de nostalgia.
M. Dolores	Ambiente tranqüilo, paz de espírito.
Letycia	Aspecto de calma. O artista pinta o que está sentindo.
Arnaldo	Transmite calma. Lembra muito um lugar calmo.
Leonardo	Não sinto nada, olhando esta obra.
Thiago	Sentimento de tranqüilidade. As cores não são muito fortes.
Doracy	Paz, tranqüilidade. Lugar pouco freqüentado.
Francilene	Impressão de estar sozinho.
Ana Paula	Lugar com solidão, quase sem vida.
Maria Isabel	Não me causou sentimentos profundos, por ser um lugar triste.
Keila	Achei interessante, bonito e criativo. Sentimento de solidão.

Vinte e quatro alunos disseram que a obra lhes transmite paz e calma, sendo que alguns revelaram ter sentido tristeza, enquanto outros se referiram ao sentimento de nostalgia. Apenas uma aluna disse que o quadro é “bonito e criativo”. Um aluno mencionou o assunto da obra: “parte tranqüila da cidade longe do movimento e do barulho”. Dois alunos fizeram referência à composição formal da obra, mencionando as cores “vegetação verde e flores amarelas” e “As cores não muito fortes”.

Na leitura desta obra repetiram-se as mesmas impressões dos alunos, acrescentando-se a identificação, por um deles, do espaço retratado e referência à composição formal da obra feita por outro. O que reforça a análise de que aquilo que mais lhes desperta interesse permanece no plano de sua relação pessoal com o que busca na obra de arte. Indica então, que a fruição da produção artística tem a ver com a dimensão formativa da personalidade do aluno, “tocando” sua

sensibilidade. Assim como, quando exposto à violência de noticiário e/ou de filmes sensacionalistas, sentimentos correspondentes afloram, o que se pode inferir é que a identificação com a serenidade da obra do artista gera experiência similar, podendo abrir espaço para introspeções valiosas na construção de comportamento mais humanos e de maior sensibilidade. Por outro lado, percebe-se que não existe por parte dos alunos nenhum interesse em indagar sobre o conteúdo ou técnica utilizada pelo artista. Como primeiro momento do projeto consideramos natural esta reação mais relacionada ao prazer que o contato com a obra de arte pode ou não proporcionar a uma pessoa.

QUADRO VIII - LEITURAS DA OBRA “MATA DO IPÊ” (FIG. 22), DE MARIA ADÉLIA PRATA DE ANDRADE

ALUNOS DO 3º B (MATUTINO) DA ESCOLA ESTADUAL “MINAS GERAIS”

Hivana	Sentimento de solidão, melancolia.
Ana Paula	Busca da paz para a alma, ar mais puro.
Jênifer	Cores tristes e escuras, sem alegria.
Janaína	Cores alegres e bem radiantes.
Thaís	Sentimentos estranhos, confusos.
Michele	Paz em um dia ensolarado.
Fernando	Liberdade e paz de espírito.
Ellen	Tranqüilidade, paz da natureza, um paraíso.
Eliézer	Tristeza, solidão. Cores claras.
Leilane	Passa tranqüilidade, ao mesmo tempo tristeza (isolamento).
Taliana	Liberdade, tranqüilidade, harmonia.
Priscila	Sentimento de paz, harmonia com a natureza.
Nurian	Lugar tranqüilo, para descansar, especial.
Koberna	Sentimento de paz, alegria, prosperidade.
Gustavo	Tranqüilidade de natureza. O amarelo transmite beleza.

Quinze alunos mencionaram, em suas apreciações sentimentos de tranqüilidade, solidão.

Dez alunos disseram que a obra transmite alegria e tranqüilidade. Três alunos referiram-se ao tema da obra como sendo a representação de tristeza e desolação. Três alunos citaram as cores, salientando o amarelo.

QUADRO IX- LEITURAS DA OBRA “TE VER DE LONGE” (FIG. 23), DE ROSALINA APARECIDA DE MORAES CARDOSO

ALUNOS DO 3º 1 (NOTURNO) DA ESCOLA ESTADUAL "EDITH FRANÇA"

Elton Carlos	Pintura moderna. Preservação da natureza.
Johny Leni	Mistura da cidade urbanizada com o verde da natureza. Preservar a paz que existe no campo.
Elisa	Uma divisão entre a natureza e o meio urbano.
Fernanda	O verde valoriza os prédios. Local tranqüilo, o quadro me passa paz.
Aressa	Transmite paz, tranqüilidade. Natureza, Saúde.
Raquel	Preocupação com a natureza. Usou cores claras e mais forte.
Leiliane	Paisagem urbana, que preservou aspectos ecológicos.

Sete alunos comentaram o assunto da obra como representação da “divisão da natureza com o meio urbano”. Uma aluna ressaltou que a obra evidencia necessidade de preservação da natureza (“paisagem urbana, que preservou aspectos ecológicos”). Um outro se referiu à “Natureza como saúde”. Dois alunos referiram-se às cores: “O verde valoriza os prédios”, “O verde da natureza”. É bem possível que muitos tenham sido influenciados pelo fato de, hoje, ser grande a preocupação com o meio ambiente. O que demonstra que o sentimento experimentado durante a apreciação extrapolou a reação pessoal descontextualizada para se entrecruzar com a condição sócio histórico, ou seja com tudo aquilo que, hoje, desafia cidadãos, instituições e o futuro. Recorrendo à reflexão de Ana Mae Barbosa, desenvolvida no primeiro capítulo do presente estudo, pode-se perceber que, nesta interpretação, os alunos integraram outros conhecimentos curriculares, bem como foram capazes de captar os problemas da realidade circundante.

QUADRO X - LEITURAS DA OBRA “MIRANTE” (FIG. 24), DA ARTISTA CLÁUDIA KREMP CAZADEI

ALUNOS DO 3º 3 (NOTURNO) DA ESCOLA ESTADUAL "EDITH FRANÇA"

Bruno	Traz liberdade, paz, sossego.
Nilsa	Me traz vontade de sair viajando sem olhar para trás.
Vanusa	Caminho que a gente não sabe o que vai passar, os altos e baixos.
Karim	Sentimento de tranqüilidade, descanso e paz interior.
Maria Cristina	Representa esperança de um mundo melhor, grandes surpresas.
Ana Cláudia	Lugar onde os jovens vêm para distrair-se e sonhar.
Andréa	Paz de espírito, vontade de lutar, superar os medos.
Valter	Local onde se fica feliz com as paisagens, onde a vida é melhor.
Sander	Sentimento de paz, próximo à natureza, felicidade, céu azul.

Nove alunos responderam que apreciaram muito a obra, ressaltando o sentimento de paz e tranqüilidade que ela transmite. Um aluno afirmou que a obra lhe deu “vontade de sair viajando

sem olhar para trás”. Um aluno afirmou que a obra o colocava “próximo à natureza, traduzindo felicidade”. Referindo-se ao assunto da obra, uma aluna disse que ela indicava um “caminho que a gente não sabe o que vai passar”. Nenhum aluno mencionou diretamente as cores e a forma da composição plástica, permitindo concluir-se que, tal como nos grupos anteriores, a maioria dos alunos desta turma fez uma leitura emocional da obra. Tal fato nos permite aventar a hipótese de que a ausência de determinadas habilidades necessárias à apreciação artística decorre do fato de que esta foi a primeira experiência de apreciação dos alunos e também pelo acesso restrito às manifestações artísticas.

QUADRO XI - LEITURAS DA OBRA “MIRANTE” (FIG. 24), CLÁUDIA KREMP CAZADEI

ALUNOS DO 3° D DA ESCOLA ESTADUAL “MINAS GERAIS”

José Augusto	A obra é uma tela real, uma pintura que existe; leva a uma esperança, à surpresa.
André Luís David	Um caminho sem destino, a curva lembra um infinito.
Rodrigo Aureliano	Paisagem solitária.
Paula Katiana	Transmite muita naturalidade, pois o homem modificou pouca coisa.
Thalita	Saudade, tristeza, esperança, vontade, desejo, amor.
Lucinei	Uma imagem de muito perigo e ansiedade.
Edlaine	Sentimento de futuro, sentimento de perda; fizeram para ser uma atração e até hoje está parada.
Sheila	O céu quer expressar a paz, o verde simboliza a vida, a estrada a revolução.
Ademir	Uma preparação emocional boa.
Michelle	Esperança, liberdade, solidão, saudade, insegurança.
Cristiane	Toda a obra nos transmite algo bom, às vezes ruim; vai variar de acordo com o humor daquele momento.
Fernanda	Solidão, esperança, medo e insegurança.
Andréia	O horizonte a seguir nos traz harmonia, tranquilidade.
Samira	É como se eu estivesse vivendo num lugar tranquilo, de muita paz.

Treze alunos apreciaram a obra, e dois alunos referiram-se explicitamente ao assunto da obra: “A obra é uma tela real, uma pintura que existe”. “Um caminho sem destino”. Um aluno projetou-se no futuro quando assim se expressou: “Sentimento de futuro, sentimento de perda”. Somente um aluno fez alusão à cor, mas relacionando-a a emoções: “O céu quer expressar a paz, o verde simboliza a vida e a estrada”.

Ao analisar-se as falas dos alunos a respeito da obra apreciada pode-se concluir que, além de uma completa inexperiência com a atividade de apreciação, lhes faltam estudos de história da

arte ou uma experiência mais freqüente do fazer artístico que lhes possibilitasse uma análise mais objetiva da obra.

3.3.1.2. Visitas aos ateliês dos artistas uberabenses

Visitar os ateliês dos artistas cujas obras foram escolhidas pelos alunos demandou uma série de preparativos: replanejamento do horário de aula dos alunos e elaboração de um roteiro de entrevista, que foi feito pelos alunos, em conjunto (a professora anotava na lousa as perguntas sugeridas pelos alunos e, ao final, a classe escolheu as melhores questões).

O roteiro de entrevista definido foi o seguinte:

- Qual o seu nome completo?
- Idade?
- Onde nasceu?
- Como se tornou pintor?
- Há quanto tempo pinta?
- Como escolhe os temas de suas obras?
- Teve diferentes tipos de trabalho?
- Qual artista/obra de que mais gosta?
- Além de artista, é professor?
- Gosta de ensinar?
- Como acha que deve ser o ensino da arte?
- Quais suas considerações sobre a obra escolhida pela classe?
- Quando foi ela pintada?
- Por que este tema?
- Qual a técnica utilizada?
- Onde está o original da obra?

Foram visitados os ateliês de Maria Adélia Prata Andrade, Cláudia Kremp Cazadei, Rosalina A. de M. Cardoso, Maria Abadia Ulhôa Barbosa e Cacilda Mariano, conforme o cronograma abaixo. Durante as visitas foram realizadas as entrevistas, registradas em áudio e fotografia. Após as visitas os alunos, organizados em grupos, elaboraram relatórios sobre as visitas (Cf. ANEXO A).

QUADRO XII - CRONOGRAMA DE VISITAS AOS ATELIÊS

Dia	Escola	Artista	Horário	Turmas
27/10/2000	Minas Gerais	M. Adélia Prata Andrade	9:30	3º-B Matutino
31/10/2000	Edith França	Cláudia Kremp Cazadei	7:15	3º-3 Noturno
01/11/2000	Edith França	Rosalina A. de M. Cardoso	7:15	3º-1 Noturno
06/11/2000	Minas Gerais	M. Abadia Ulhôa Barbosa	19:30	3º-C Noturno
07/11/2000	Minas Gerais	Cláudia Kremp Cazadei	19:30	3º-D Noturno
08/11/2000	Minas Gerais	Maria Adélia Prata Andrade	7:30	3º-A Matutino
08/11/2000	Edith França	Cacilda Mariano	19:30	3º - Matutino
08/11/2000	Edith França	Cacilda Mariano	19:30	3º-2 Noturno
09/11/2000	Minas Gerais	Cacilda Mariano	19:30	3º-E Noturno

Antes das visitas ocorrerem, os alunos receberam algumas informações sobre as artistas, conforme se segue.

CACILDA MARIANO (Fig. 25 e Fig. 26)

A artista nasceu em Paracatu (MG), em 16 de maio de 1949. Fez seu estudos primários no Grupo Escolar “Minas Gerais” e o Curso Normal no Colégio Estadual “Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco”. É formada em Odontologia (curso concluído em 1975), e pós-graduada em Prótese pela Universidade de Uberaba. Fez cursos de pintura a óleo sobre tela com os professores: Marcos Jamal, em 1992; Odete Peixoto, em 1994; e Glenda Garbe Assunção Facure, em 1998. Entre 1997 e 1999 fez vários cursos na Fundação Cultural de Uberaba: desenho de observação, grafite, carvão, pastel, colagem, construção de fornos de papel, óleo sobre tela, cursos que foram ministrados por artistas de Uberaba como Hélio Ademir Siqueira e Paulo Miranda. Também cursou Estética e História da Arte Contemporânea com a crítica de arte e historiadora

Almerinda Lopes. Em 1998, fez curso de cerâmica com a professora Ivani Bessa. Participou, em Ouro Preto, em 1999, do 31º Festival de Inverno da UFMG, durante o qual fez cursos de pintura acrílica e guache com o professor e artista plástico da UFMG, Jarbas Juarez.

Cacilda Mariano participou de várias exposições coletivas: em 1992, Artes Plásticas no Projeto Artes; em 1997, Pinturas Abstratas, na Fundação Cultural de Uberaba; em 1997, Arte Plural na Fundação Cultural de Uberaba. Em 1998 participou de várias exposições: Um olhar sobre a cidade, na Fundação Cultural de Uberaba; na Ordem dos Advogados do Brasil, em Uberaba; Artes Plásticas no Projeto Artes, e Um Natal Antropofágico (cerâmica) na Fundação Cultural de Uberaba. Em 1999 participou da exposição Paisagem Urbana - Portões, na Fundação Cultural de Uberaba. Neste mesmo ano fez uma exposição Individual, na Tribuna do Povo, TV Universitária e na Ordem dos Advogados do Brasil, em Belo Horizonte.



(FIG. 25) Cacilda Mariano
Fotografia – Márcia Queiroz Silva Baccelli, 2000



(FIG. 26) Visita ao ateliê de Cacilda Mariano
Fotografia – Márcia Queiroz Silva Baccelli, 2000

CLÁUDIA KREMP CAZADEI (Fig. 27 e Fig 28)

Cláudia Kremp Cazadei nasceu em São Paulo em 1948. E em 1994, iniciou-se em aquarela, com a Profa. Maria Helena Pinto Cruz; em 1995 fez o curso “Todos os caminhos levam ao desenho”, com o Prof. Hélio Ademir Siqueira; em 1996, Escultura em Argila, com o Prof. de Arte Barroca Aguiar José Luiz; em 1997, Curso “Iniciação ao desenho de observação”, com o Prof. Paulo Miranda; em 1997, Workshop de escultura em argila com o Prof. e artista plástico Gian Battista Algarotti; em 1998, Curso de História da Arte com a Profa. Márcia Queiroz Silva Baccelli; em 1998, Curso de pintura, “Óleo sobre tela”, com o Prof. Hélio Ademir Siqueira; em 1999, Aperfeiçoamento da técnica de “Óleo sobre tela”, com a Profa. Maria Abadia Ulhôa Barbosa; em 2000, curso de “Escultura com materiais alternativos”, com o Prof. Aguiar José Luiz; em 2000, oficinas de “Gravura Experimental”, com a Profa. Maria de Lourdes Guimarães.

Em abril de 2000, foi classificada e participou do salão da Pinacoteca “Alfredo Pucci”, em Franca; em novembro de 2000, recebeu “Menção Honrosa” no III Salão de Artes Plásticas “Alfredo Mucci” em Extrema, MG.



(FIG. 27) Claudia Kremp Cadazei
Fotografia – Adriana Maria Pereira Rocha, 2000



(FIG. 28) Visita ao ateliê de Cláudia Kremp Cadazei
Fotografia – Adriana Maria Pereira Rocha, 2000

MARIA ABADIA ULHÔA BARBOSA (Fig. 29 e Fig. 30)

A artista nasceu em Uberaba (MG) em 20/08/1941. Pintora autodidata, frequentou o ateliê do artista plástico Hermínio do Valle, em 1972, em São José do Rio Preto (SP).

Participou de inúmeros salões e exposições de arte: em 1974, XXII Salão de Belas Artes de Piracicaba, (SP); em 1975, XXIII Salão de Belas Artes de Piracicaba, (SP) e coletiva em São José do Rio Preto (SP); em 1976, XXVI Salão de Belas Artes de Piracicaba (SP) e participação do 40º Salão Paulista de Belas Artes; em 1979, participação do XXVII Salão de Belas Artes de Piracicaba (SP); em 1987, participação na exposição de Primavera na Belgrávia, Uberaba (MG); em 1988, participação na FENAVEM (SP), Individual na Belgrávia Arte Uberaba (MG) e na 7º Feira de Arte de Uberaba (MG); em 1989, participação na 8º Feira de Arte de Uberaba (MG); em 1990, participação na 9º Feira de Arte de Uberaba (MG); em 1994, Individual na Galeria de Arte da Fundação Cultural de Uberaba-(MG); em 1996, participação em diferentes eventos na cidade de Uberaba (MG) - Mostra Dezessete, Salão Brasileiro, Mostra das Três Marias, Salão do Uirapuru Iate Clube, e Mostra de Artistas Uberabenses, na Fundação Cultural de Uberaba (MG); ainda em 1996, participação na Mostra de Artistas Uberabenses na Galeria Ido Finotti, em Uberlândia (MG); em 1997, Triangle dês Arts, Galerie Debret, Paris-França, Triângulo das Artes, na Fundação Cultural de Uberaba e Arte Plural na Fundação Cultural de Uberaba; em 1998, exposição individual - Maria Ulhôa Pinturas - na Fundação Cultural de Uberaba.



(FIG. 29) Maria Abadia Ulhôa
Fotografia – Márcia Queiroz Silva Baccelli, 2000



(FIG. 30) Visista ao ateliê de Maria Abadia Ulhôa Barbosa
Fotografia – Márcia Queiroz Silva Baccelli, 2000

ROSALINA APARECIDA DE MORAIS CARDOSO (Fig. 31 e Fig. 32)

Nascida em Santa Vitória (MG) em 22/10/1963, e hoje vive em Uberaba (MG), tendo adotado o nome artístico de Lina Cardoso. Sua formação artística iniciou-se quando fez, no ano de 1995, curso de pintura a óleo sobre tela, na Instituição Escola de Artes Odilon Fernandes e Professora Dulce Fernandes. Em 1997 fez vários cursos na Fundação Cultural de Uberaba: Curso de Desenho de Observação, com o Prof. Hélio Ademir Siqueira; Curso de Cerâmica, com o Prof. Aquimar José Luiz; Curso de Estética e História da Arte, com a Dra. Almerinda da Silva Lopes.

Prosseguindo em sua formação, em 1998 realizou vários cursos: Pintura a Óleo sobre Tela, com o Prof. Hélio Ademir Siqueira; História da Arte, com a Profa. Márcia Queiroz Silva Baccelli; Cerâmica, com a Profa. Ivani Bessa. Além destes, cursados na Fundação Cultural de Uberaba cursou Pensar a Escultura, com Luiz Hermano, de Uberlândia (MG). Em 1999, cursou Pintura a óleo sobre tela com modelo vivo, sob orientação do Prof. Edmar de Almeida; pintura a óleo sobre tela, com o Prof. Hélio Ademir Siqueira; Forno de Papel (Paper Kiln), Curso experimental de escultura contemporânea, com o Prof. Aquimar José Luís, todos na Fundação Cultural de Uberaba.

Tem participado de várias exposições coletivas: Natal Antropofágico, na Fundação Cultural de Uberaba (MG), em 1998; Panorama, produção plástico visual do Triângulo Mineiro e Uberlândia (MG), em 1999; Exposição Acervo de Uberaba, Inauguração da Reforma da Caixa Econômica Federal (Óleo sobre tela); Mostra coletiva de Artes Plásticas, Universidade de Uberaba; Participação do II Salão Nacional da Pintura Contemporânea Brasileira, no espaço cultural Leonardo Da Vinci, tendo realizado, também, uma exposição individual no Espaço Cultural Shopping Uberaba (colagem e escultura).



**(FIG. 31) Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso
Fotografia – Márcia Queiroz Silva Baccelli, 2000**



**(Fig 32) Visita ao ateliê de Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso
Fotografia – Adriana Maria Pereira Rocha, 2000**

MARIA ADÉLIA PRATA DE ANDRADE (Fig. 33 e 34)

Mineira de Uberaba (MG) nasceu em 23/03/1936, Maria Délia Prata de Andrade é escultora, pintora e ceramista. Sua paixão pela arte começou cedo, com muitos lápis de cor e pincéis, que lhe serviam de instrumento para expor suas emoções e vivências. A partir de 1963, participou de sua primeira mostra coletiva de pintura. Em 1980 iniciou uma nova fase, passando a trabalhar com a cerâmica. Nesta fase, o reencontro com as origens: vaqueiros, bois, santos, caminhão “pau-de-arara”. Pouco a pouco, o real foi se distanciando e as esculturas deixaram de se preocupar com o material e passaram a externar os sentimentos. Vieram, então, a argila, a madeira-bronze, mármore, concreto, sucata, ferro, plástico... Na década de 90 volta às telas, mostrando seu diálogo interior, sua interação com o outro e, principalmente, com a natureza, o universo.

Sua formação artística inclui cursos sobre Arte Experimental, realizado no Musée de L’Art Brutt Lausanne-Suíça, sobre Escultura Contemporânea, realizado em Parc de Sculptures, Martigny-Suíça, Pensar a Escultura, com Luiz Hermano, promovido pela Secretaria de Cultura de Uberlândia, realizados em 1998. Neste mesmo ano e seguinte cursou Óleo sobre tela, com Hélio Ademir Siqueira, na Fundação Cultural de Uberaba. Em 1999 foi aluna de Abadia Ulhôa, em curso de pintura a óleo sobre tela. Em 2001-2000, participou de curso sobre História da Arte Contemporânea, com Hélio Ademir Siqueira, na Fundação Cultural de Uberaba; Participou de várias exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Uberlândia e Uberaba, e possui trabalhos em acervos particulares de Portugal, Inglaterra, Japão, Espanha, África do Sul, Suíça e França. Suas atividades artísticas incluem várias exposições: em 1987, “Arte Plural”, na Galeria de Artes Fundação Cultural de Uberaba; em 1998, “Um Olhar Sobre a Cidade”, na Galeria de Artes da Fundação Cultural de Uberaba; em 1999, XXIII Salão de Artes Plásticas Contemporâneo de Franca, Pinacoteca Municipal de Franca; II Prêmio Maimeri Brasil, Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo; “Significado do número 7”, na Galeria de Artes, “Cecília Palmério”, Universidade de Uberaba; em 2000, 24º

Salão de Artes Plásticas Contemporâneo 2000, Franca; IX Salão Brasileiro de Belas Artes 2000, Ribeirão Preto; III Salão de Artes Plásticas “Alfredo Mucci”, Minas Gerais; MAC-21-2000, Feira Internacional de Arte Contemporânea, Marabella, Espanha; em 2001, “MAC-21 Feira Internacional de Arte Contemporânea” “Art-e-mail 2001”, Marbella, Espanha.



(FIG. 33) Maria Adélia Prata de Andrade
Fotografia – Márcia Queiroz Silva Baccelli, 2000



(FIG. 34) - Visita ao ateliê de Maria Adélia Prata de Andrade
Fotografia – Adriana Maria Pereira Rocha, 2000

Relatórios dos alunos do 3º A Matutino e 3º B Matutino da Escola Estadual “Minas Gerais”, sobre visitas ao ateliê de Maria Adélia Prata de Andrade, realizadas em 27/10/00 e 08/11/2000.

O ateliê da artista localiza-se na sua própria casa, em ambiente considerado pelos alunos como "aconchegante". Também entenderam que a artista foi muito comunicativa e respondeu às perguntas com muita clareza. Segundo os alunos: “Maria Adélia é pessoa sensacional, super alto astral, que demonstrou uma grande satisfação de sua obra ter sido escolhida.”

No ateliê, os alunos puderam apreciar esculturas e pinturas, algumas obras da artista em estágios iniciais e outras já finalizadas.

Sobre a obra escolhida pela turma - “Mata do Ipê” -, a artista contou que o quadro representa uma parte da cidade de Uberaba. Explicou, ainda, que "a escolha do tema depende do que o artista vive naquele momento; ele faz a sua história e acompanha a história também.”

Nos relatórios os alunos teceram comentários sobre as obras observadas no ateliê: “Vimos diferentes tipos de artes, mas com grande tendência para a arte contemporânea” (Relatório do Grupo 1)³.

Aos alunos a artista relatou que, no começo de sua carreira, teve de lutar muito contra o preconceito, pois, na época, as pessoas ligadas à arte eram vistas como indivíduos ociosos, vadios. Conforme os alunos (Relatório do Grupo 5), “Ela fez um curso de artes que começou com 30 pessoas, cada qual de uma idade diferente. Chegando ao final dessa etapa, apenas seis pessoas permaneceram e ela era uma delas.”

Na entrevista Maria Adélia ressaltou que a arte não pode ser a única fonte de renda de uma pessoa, pois, comercialmente, não dá para viver fazendo arte, no entanto não deixa de ser uma riqueza cultural para quem sabe apreciar e entender (Relatório do Grupo 2).

Os alunos ainda relataram que Maria Adélia aprecia muito a arte contemporânea e executa suas obras com emoção, ressaltando o comentário da artista de que “quase todo o mundo gosta de arte, o que é preciso é despertar as pessoas para a arte”.

³ Alguns dos relatórios sobre as visitas aos ateliês, elaborados pelos alunos, podem ser conferidos no ANEXO A.

Relatórios dos alunos do 3º 2 Noturno e 3º Noturno, da Escola Estadual “Edith França”, e do 3º E Noturno da Escola Estadual “Minas Gerais”, sobre visitas ao ateliê de Cacilda Mariano, realizadas em 8/11/00 e 9/11/00.

Conforme os alunos, a artista plástica recebeu-os com muita simpatia e gentileza.

Falando sobre sua carreira, a artista ressaltou que sempre teve o apoio de toda a sua família. Tendo cursado Odontologia e feito especialização em Prótese, trabalhou nesta profissão durante 10 anos, mas a abandonou porque percebeu que o seu futuro não era trabalhar na Área de Saúde, mas sim trabalhar com a arte. Para ela, o valor financeiro não é tão importante quanto a sua satisfação pessoal.

Segundo os alunos (Relatório do Grupo 7), “Cacilda começou a carreira de pintora, empregando nanquim. Trabalha também com acrílico, mas prefere a tinta a óleo, pois pode retocar suas obras.”

Durante a visita, a artista falou sobre a obra "O Mirante", escolhida pelos alunos. No relatório do Grupo 11, pode-se ler: “Cacilda nos disse que 'O Mirante' é um cenário presente na vida dela; em sua casa, ela sempre vê o Mirante como se fosse seu vizinho”.

Os alunos também escreveram que "o seu estilo é expressionista, pois gosta de pintar o que sente", e em suas obras de arte, ela projeta os seus sentimentos. Também observaram que as "cores são em tons fortes". A artista plástica explicou aos alunos que o seu trabalho é feito por etapas. Na 1ª, ela desenha; na 2ª, coloca as cores; e, por fim, passa todo esboço para a tela. (Relatório do Grupo 21).

Conforme os alunos, ela gosta de pintar ao ar livre, o que faz, às vezes, até mesmo de madrugada, momento em que fica mais inspirada para realizar suas pinturas. Os alunos contaram que "ela também faz esculturas com argila", e um deles perguntou-lhe: “Se tiver de escolher entre pintura e escultura, qual escolheria?”, ao que ela respondeu: “É muito complicado, porque gosto dos dois trabalhos. Mas se realmente tivesse que escolher, seria a pintura” (Relatório do Grupo 24).

Os alunos também se interessaram em saber quais os artistas preferidos pela artista, tendo anotado que Cacilda Mariano aprecia os escultores Brennard, Rodin e Camille Claudel e, como pintores, Van Gogh, Matisse e Carlos Brecher.

Relatórios dos alunos do 3º 1 Noturno da Escola Estadual “Edith França” sobre visita ao ateliê de Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso, realizada em 01/11/2000.

O ateliê da artista localiza-se nos fundos de sua casa e, conforme os alunos, é um ambiente "muito agradável", inclusive porque "o muro de sua casa foi todo ilustrado por ela, contendo uma paisagem".

Conforme os alunos a artista, desde criança, gostava muito de desenhar, mas as dificuldades financeiras eram muitas. Depois que casou, com o incentivo do marido, começou a estudar desenho e também escultura.

Questionada pelos alunos a respeito do que a levou a fazer arte, a artista respondeu que “foi a vontade de ser alguém e de poder transferir de si para os outros a emoção”.

Relatam os alunos (Relatórios dos Grupos 15 e 16) que “Ela gosta de desenhar igrejas, paisagens, sempre usando cores vivas, porque demonstram alegria, felicidade paz”.

A preocupação com as emoções que podem ser transmitidas através da pintura foi um assunto que instigou os alunos, que perguntaram à artista: “Quando você está triste, passa tristeza para a pintura?”, obtendo a resposta “Não, eu sempre transmito alegria à minha obra” (Relatório do Grupo 15). Sobre a obra escolhida pela turma - “Te ver de longe” -, a artista informou aos alunos que nela buscou "evidenciar a solidão das pessoas no mundo”.

Registraram os alunos que a artista ressaltou ser caro o material que usa, e que, por enfrentar algumas dificuldades financeiras, faz arte com fins comerciais.

Os alunos ainda registraram que a artista explicou que confecciona as suas próprias telas para a pintura, e que também faz escultura e todo tipo de arte.

Relatórios dos alunos do 3º 3 Noturno da Escola Estadual “Edith França” e 3º D Noturno da Escola Estadual “Minas Gerais”, sobre visitas ao ateliê de Cláudia Kremp Cazadei, realizadas em 31/10/00 e 07/11/00.

Conforme os relatórios dos alunos, Cláudia iniciou o seu trabalho artístico desenhando. Depois, interrompeu-o por alguns anos, para cuidar dos filhos e da família (Relatório do Grupo 28).

Durante a visita ao ateliê os alunos descobriram que a artista iniciou sua arte em aquarela, passando depois a trabalhar com tinta a óleo e que, além da pintura, também faz esculturas em argila.

Conforme os alunos, a artista manifestou contentamento por ter sua obra "O Mirante" sido escolhida pelos alunos (Relatório do Grupo 30). Segundo eles, “O Mirante” foi uma das suas primeiras obras e é o mais importante trabalho realizado (Relatórios dos Grupos 29 e 30). O tema da obra foi escolhido porque queria pintar um assunto diferente do empregado em suas primeiras obras: vasos com flores, peixes e esculturas.

Os alunos ainda contaram que seus quadros "buscam temas concretos e não-abstratos". Inquirida pelos alunos, a artista informou-os que já fez muitas reeleituras de pintores famosos, por ela considerada como um exercício excelente para desenvolver a técnica do desenho e a expressão.

Os alunos também se interessaram em saber quais os artistas preferidos pela artista, tendo anotado que Cláudia Kremp gosta de Gauguin.

Relatórios dos alunos do 3º C Noturno da Escola Estadual “Edith França”, sobre visita ao ateliê de Maria Abadia Ulhôa Barbosa, realizada em 06/11/00 .

Segundo os alunos, no ateliê de Maria Abadia, que fica em sua própria casa, “Tivemos oportunidade de contemplar belas obras artísticas, pintadas por ela e seus alunos” (Relatório do Grupo 34).

Os alunos observaram que ela gosta de assinar suas obras como Maria Ulhôa e que gosta de pintar o cotidiano.

Na entrevista os alunos descobriram que Maria Abadia é de Uberaba, mas mudou-se para a cidade de São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, onde conheceu um professor de artes que lhe ensinou muito. Posteriormente, tendo retornado a Uberaba, montou seu ateliê e começou a dar aulas de pintura.

Conforme relataram os alunos, o primeiro quadro que ela pintou foi o retrato do seu próprio marido e depois não parou mais, tendo inclusive exposto seus trabalhos em Paris. Sua obra “Flores”, recém exposta em Paris, fez grande sucesso na exposição.

Os alunos interessaram-se em saber se a artista vende seus quadros e anotaram: “Ela respondeu que, se fosse viver somente da pintura, isso não daria, mas suas obras são avaliadas em R\$ 650,00 por metro quadrado de pintura e disse que os vende apenas para comprar materiais de pintura, que são muito caros. Por isso não vive apenas da venda de seus quadros, pois pinta por prazer” (Relatório do Grupo 32).

Curiosos sobre sua técnica de trabalho, descobriram que a artista prepara a tela, faz a armação da moldura, depois passa duas mãos de tinta látex e, por fim, realiza a pintura empregando tinta a óleo. E, ainda conforme os alunos "Sua preferência é deixar que a tela fique mais grossa."

Maria Abadia também revelou aos alunos que gosta de pintar flores, como também figuras; que não aprecia fazer cópias de telas, pois em tais trabalhos, que considera pinturas acadêmicas, somente a razão é utilizada.

Relataram os alunos que, apesar da timidez de ambas as partes (dos alunos e da artista), a visita foi muito agradável e Maria Abadia mostrou-se feliz por ter uma de suas obras escolhidas pelos alunos (Relatório do Grupo 37).

3.3.1.3 Atividades de produção

O projeto que desenvolvemos seguiu uma seqüência: primeiro, a apreciação, depois a contextualização da obra de arte e, por fim, o fazer artístico. Esta seqüência, nos diz Elliot Eisner (1999, p. 89), “quando elaborada com inteligência, serve para desenvolver aquilo que os estudantes já aprenderam e os prepara para o que irão aprender, ajudando a internalizar os conteúdos de suas experiências”.

Uma atividade de produção livre, criadora, não pressupõe o abandono do aluno a si mesmo. Por isso, a professora criou condições e procurou adaptar o ambiente da sala de aula para o desenvolvimento das atividades de produção artística.

A falta de material e de instalações adequadas nas escolas não se constituíram em obstáculos ao desenvolvimento destas atividades artísticas.

A professora solicitou dos alunos materiais diversos para desenho e pintura como:

- papel Canson (doado pela Fundação Cultural de Uberaba), papel de embrulho e de presente, cartolina branca e em cores, folhas coloridas de revistas;
- guache(branco, vermelho, azul, verde, preto, amarelo, vez que as outras cores poderiam ser obtidas pela mistura destas cores), aquarela e nanquim preto;
- canetas hidrográficas e pincéis atômicos;
- lápis preto nº 1, lápis de cera e lápis de cor;
- pincéis redondos números 10, 18 e 20;
- tesouras, estilete e cola.

Uma das atividades de produção proposta aos alunos foi a releitura da obra selecionada por eles. Antes, porém, foram orientados sobre o que seria uma releitura, conceito que foi ilustrado com duas obras: "As meninas" de Picasso, (Fig. 35) releitura de "As meninas" de Velázquez, (Fig. 36) e a releitura de Magritte do "Balcão", de Manet (Fig. 37).



(FIG. 35) "As Meninas" de Picasso - 1957



(FIG. 36) "As Meninas" de Velázquez - 1656



(FIG.38) “Balcão” de Edouard Manet - 1868



(FIG. 37) “O Balcão” de Magritte

Após a discussão e ilustração do conceito de releitura em artes visuais a professora propôs a releitura da obra escolhida pela turma, expondo uma reprodução da pintura e deixando os alunos livres para executarem suas criações.

A atividade de produção foi realizada no decorrer de várias aulas, inclusive no horário de outras disciplinas, através de negociações com os outros professores e a direção da escola.

Nesta atividade a alegria dos alunos foi intensa, porque o ato de poder formar imagens mentais trás em si uma possibilidade enorme de criação, e quase todo mundo gosta de manipular materiais artísticos.

Além disso, o fazer arte envolve a percepção estética, alimentada pelo contato com a obra original durante as visitas aos ateliês, o que possibilitou aos alunos o entendimento da obra como objeto de cultura.

Todos os alunos participaram intensamente desta experiência de fazer arte que, segundo eles, foi muito gratificante.

Após as visitas aos ateliês três artistas foram à escola, a fim de orientaram os alunos na execução de trabalhos como colagens, desenhos e pinturas (Cf. figuras 38 a 44).

Uma das artistas demonstrou aos alunos, passo a passo, como ela executa suas pinturas, propondo aos alunos experimentar proceder da mesma forma.

Para tanto, utilizou uma fotografia das escolas, convidando os alunos a realizarem um desenho com carvão a partir desta fotografia; após o desenho, os alunos foram convidados a elaborar o mesmo trabalho empregando tinta.

Durante a atividade a artista comentava a composição vertical e horizontal do desenho, a distribuição e justaposição das cores primárias e secundárias, a harmonia das cores. Indagava-lhes ainda, como eles se sentiam diante de uma obra de arte.

Nas atividades com as artistas os alunos participaram intensamente, demonstrando grande interesse.



**(FIG. 39) Abertura da Exposição da Fundação Cultural de Uberaba
Fotografia – Cardoso, 2000**



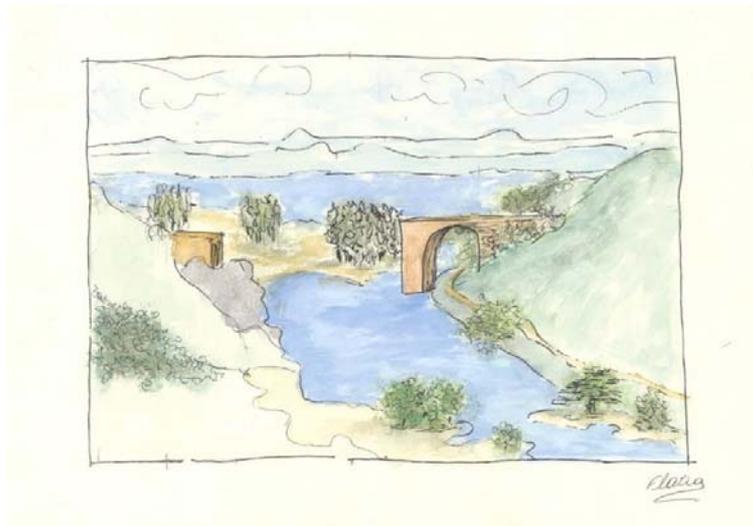
**(FIG. 40) Entrada dos convidados e dos alunos na Galeria de Arte da
Fundação Cultural de Uberaba
Fotografia – Cardoso, 2000**



**(FIG. 41) Visita à Galeria de Arte da Fundação Cultural de Uberaba
Fotografia – Cardoso, 2000**



(FIG. 42 – a – b)
Produção dos alunos da E. E. Minas Gerais – Turma 3º B – Novembro/2000



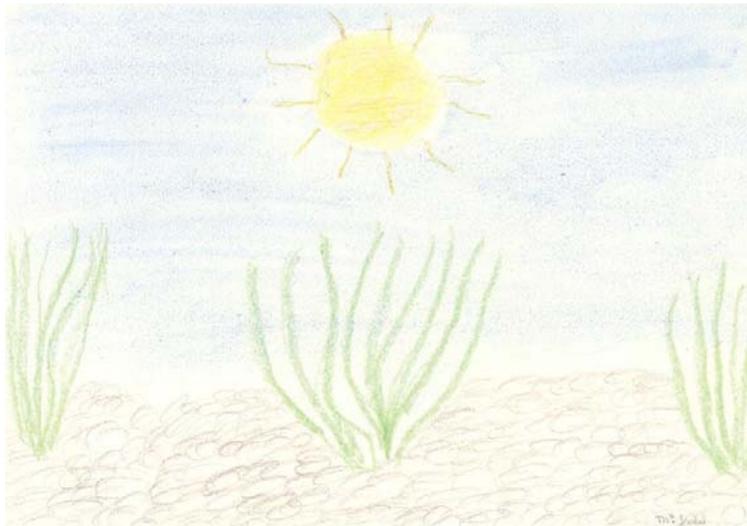


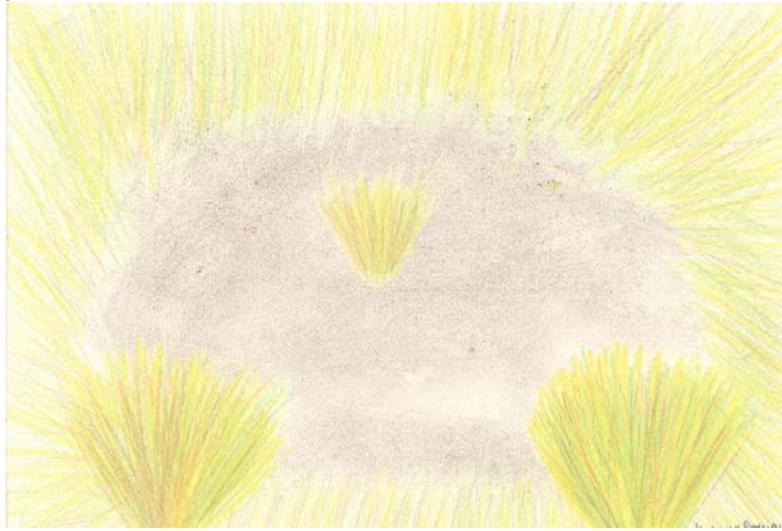
(FIG. 43 – a)

Produção dos alunos da E. E. Edith Franca – Turma 3º 1 – Novembro/2000



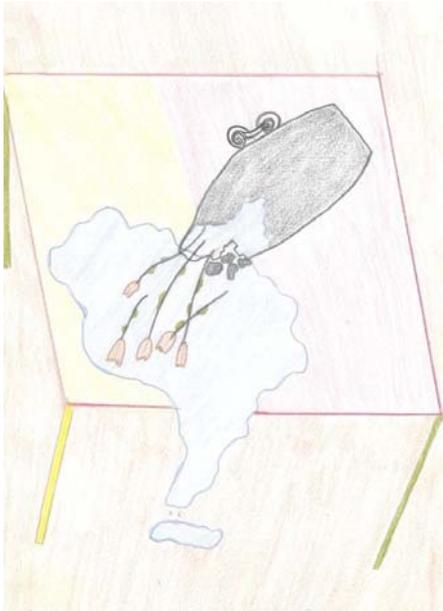
(FIG. 44 – a – b – c – d)
Produção dos alunos da E. E. Minas Gerais – 3º A – Novembro/2000





(FIG. 45 – a- b)
Produção dos alunos d E. E. Edith França – Turma 3º 2 – Novembro/2000



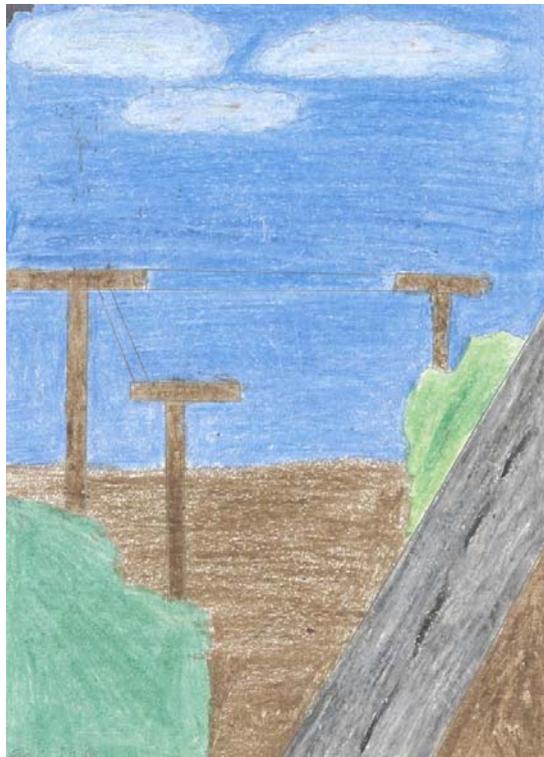


(FIG. 46 – a – b – c – d)
Produção dos alunos da E. E. Minas Gerais – Turma 3º C – Novembro/2000





(FIG. 47 – a – b – c)
Produção dos alunos da E. E. Minas Gerais – Turma 3º D – Novembro/2000





(FIG. 48 – a – b – c)
Produção dos alunos da E. E. Minas Gerais – Turma 3º E – Novembro/2000



Todos os trabalhos executados pelos alunos foram expostos na Galeria de Artes da Fundação Cultural de Uberaba, exposição que recebeu a visita dos artistas que participaram do projeto e da comunidade escolar de Uberaba.

O portfólio foi o último trabalho solicitado aos alunos, e foi utilizado como estratégia de avaliação do Projeto “ Artistas uberabenses na escola” pois, segundo Hernández (1998 e p.165), o portfólio possibilita

“[...] levar adiante um processo de seleção e ordenação de amostras que reflitam a trajetória de aprendizagem de cada estudante, de maneira que, além de colocar em evidência o seu percurso e refletir sobre ele, possam contrastá-lo com as finalidades iniciais de seu processo e as invenções educativas e formativas dos docentes”.

Assim, com o objetivo de recuperar todo o processo de desenvolvimento do projeto, os portfólios foram elaborados em regime de participação coletiva.

Apesar das dificuldades decorrentes do período em que a atividade de execução do portfólio foi proposta – final do ano letivo, momento em que os alunos estavam preparando as festividades de formatura – também esta atividade foi realizada com muita originalidade.

Para finalizar o projeto foi organizada uma exposição com trabalhos realizados pelos alunos e também com as obras das artistas estudadas que serviram de inspiração à realização dos trabalhos dos alunos.

A organização dessa exposição contou com o apoio da Fundação Cultural de Uberaba, que cedeu os salões da Galeria de Artes da Fundação, no período de 10 a 14 /12/2000, como também providenciou a confecção dos convites, distribuídos aos alunos e à comunidade em geral.

A professora da escola e a pesquisadora deste projeto selecionaram cinco trabalhos de cada uma das turmas e montaram a exposição. A intenção inicial era que os alunos participassem da seleção dos trabalhos e montagem da exposição, mas isto não ocorreu porque estavam, na época, preparando-se para a formatura.

A exposição foi aberta na Fundação Cultural de Uberaba, na Galeria da Fundação Cultural de Uberaba, no dia 11/12/2000, às 20 horas (Fig. 35, 36 e 37).

A solenidade de abertura foi dirigida pelo Presidente da Fundação Cultural de Uberaba, Prof. José Thomaz da Silva Sobrinho, que enalteceu a iniciativa do projeto. Na ocasião, a professora pesquisadora, ressaltou o valor do conhecimento da arte e o fato inédito de o projeto ter integrado artistas da cidade, a Universidade de Uberaba, duas Escolas Estaduais e a Fundação Cultural de Uberaba. Em sua fala a professora destacou, ainda, a participação dos alunos no projeto e a atuação das artistas presentes.

Cerca de quase 200 pessoas estiveram presentes à solenidade de abertura da exposição, seguida de coquetel oferecido pela Fundação Cultural. Alguns depoimentos deixados no Caderno de Atas da Fundação Cultural por pessoas que estiveram presentes à exposição (Cf. APÊNDICE D).

3. 4 Avaliação do projeto “*Artistas uberabenses na escola*”

3.4.1 Avaliação dos alunos

O questionário de avaliação encaminhado aos alunos encontra-se no apêndice D página 147.

Na avaliação dos alunos, realizada através de questionário, os 131 alunos respondentes (dentre 280) manifestaram seu interesse pelo projeto.

Dentre as atividades desenvolvidas, as preferidas pelos alunos foram:

estudo da obra escolhida e preparação para visita ao ateliê do artista (119 alunos);

apreciação de obras de artistas plásticos de Uberaba (104 alunos);

visita ao ateliê do artista (98 alunos);

escolha, apreciação e registro de suas impressões sobre a obra escolhida pela classe (84 alunos);

produção artística - desenho, pintura, colagem etc. (70 alunos);

visita da artista à escola e execução de um trabalho sob orientação da artista (63 alunos);
elaboração de um projeto para execução de um trabalho inspirado na obra da artista (62 alunos);
transcrição da entrevista e elaboração do relatório (54 alunos);
montagem da exposição (51 alunos);
montagem do portfólio (40 alunos).

Os alunos justificaram suas preferências de diferentes formas. Alguns afirmaram: “Tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho dos artistas plásticos”. Doze alunos afirmaram ter apreciado as atividades porque elas resultaram em “aulas boas e diferentes”. Outros 12 porque o projeto contribuiu para desenvolver sua criatividade. Nove afirmaram que as atividades possibilitaram-lhes “Conhecer um modo novo e diferente”, enquanto seis afirmaram que o projeto proporcionou interesse pela arte. Quatro afirmaram que aprenderam algo que nunca tinham aprendido. Outros quatro afirmaram que o projeto proporcionou o desenvolvimento de “atividades gostosas e divertidas”.

Dentre as atividades menos apreciadas os alunos mencionaram: a transcrição da entrevista e elaboração de um relatório (30 alunos). Outros mencionaram a execução do desenho, pintura e colagem (21 alunos). Alguns mencionaram ter tido dificuldade na escolha, apreciação e registro de suas impressões sobre a obra escolhida pela classe. Treze alunos disseram ter tido dificuldade na execução de trabalho inspirado na obra de um artista.

Cinco alunos destacaram sua frustração porque os artistas não foram à escola. Um aluno afirmou que o tempo foi curto para o desenvolvimento das atividades; outro, que a visita aos ateliês poderia ter sido mais longa.

As atividades nas quais os alunos sentiram dificuldades para realizar foram:

- execução de desenho, pintura e colagem (34 alunos);
- elaboração de um projeto para a execução de um trabalho inspirado na obra do artista (23 alunos);

- fazer entrevista (10 alunos);
- transcrição da entrevista (10 alunos);
- elaboração do relatório (10 alunos);
- montagem do “portfólio” (10 alunos);
- apreciação de obras de artistas plásticos (09 alunos);
- relatar impressões sobre a obra.

Sobre o projeto como um todo, 34 alunos disseram ter sido um projeto muito interessante e educativo. Quinze mencionaram que o projeto possibilitou-lhes conhecer os artistas e incentivou-os a gostar de arte. Dois alunos afirmaram que o projeto lhes deu a oportunidade de olhar a arte de forma diferente, e outros dois alunos disseram que o projeto “aumenta a cultura”.

Quando solicitamos a eles para se expressarem livremente sobre o projeto “*Artistas uberabenses na escola*”, muitos responderam que foi uma iniciativa interessante, educativa e que promoveu os artistas uberabenses. Muitos afirmaram que o projeto envolveu-os de tal modo, que jamais se esquecerão de tudo que nele fizeram, além de terem sido incentivados a gostar de arte.

O projeto “*Artistas uberabenses na escola*”, segundo os alunos, propiciou-lhes “atividades diferentes “ e “instrutivas” e deu a eles a oportunidade de conhecer de perto o trabalho de alguns artistas plásticos. Segundo os alunos, o projeto lhes possibilitou o acesso a um mundo novo e diferente: “Foi a melhor coisa que aconteceu, este ano, na escola”; “Coisa que não se esquece”; “É um projeto que deve seguir em frente”.

Alguns alunos se sentiram um pouco frustrados por sua obra preferida não ter sido escolhida pela maioria. Também manifestaram sua frustração e tristeza pelo fato de que apenas três artistas visitaram as escolas.

Gostaram tanto do projeto que muitos afirmaram ter sido muito curto o tempo de sua execução (final de agosto até dezembro).

3.4.2 Avaliação da professora

A avaliação da professora referente ao projeto como um todo, foi feita através de um diálogo com a pesquisadora, nas reuniões semanais realizadas durante toda a implementação do projeto e seu desenvolvimento.

Adriana, a professora de Arte, ressaltou que o projeto “*Artistas uberabenses na escola*” foi valorizado a partir do momento em que as diretoras perceberam a dimensão que o trabalho poderia trazer, tanto para os alunos, quanto para a escola.

No dizer de Adriana, o projeto a fez crescer muito: “Este projeto teve começo, meio e fim”. Na sua avaliação, a maioria dos alunos interessou-se pelo projeto e a totalidade dos alunos realizou as atividades propostas: “Este projeto enriqueceu muito a vida dos alunos”.

Na sua opinião o ponto alto do projeto foi a visita aos ateliês e as visitas dos artistas às escolas. Na sua opinião, o projeto foi diferente porque garantiu a proximidade dos alunos com os artistas, propiciada tanto pela visita aos ateliês quanto pela visita dos artistas às escolas.

Segundo ela, a única atividade que não teve total adesão dos alunos foi a elaboração do “portfólio”. Mas isto ocorreu porque foi proposta ao final do ano letivo, ocasião em que os alunos estavam muito envolvidos com a formatura.

Considerou a professora que mesmo tendo o projeto sido desenvolvido em apenas dois bimestres letivos - com uma aula semanal de 50 minutos – foi possível alcançar os resultados propostos. Adriana ressaltou que, com o projeto, aprenderam a olhar uma obra de arte, observando as formas e cores.

A professora participou ativamente do projeto, organizando as turmas e conduzindo os alunos aos ateliês dos artistas.

3.4.3 Avaliação da pesquisadora

O projeto iniciou-se com timidez da nossa parte. Não avaliamos, a princípio, a dimensão que ele iria alcançar. Mas, nos empenhamos muito para que pudesse atingir um nível excelente.

Em geral, a arte não é valorizada em nossas escolas e, muitas vezes, não desperta interesse nos alunos. Isso decorre, em parte, porque os professores não têm conhecimentos necessários ao suporte de conteúdos a serem trabalhados e também porque se utilizam de práticas que não despertam interesse nos alunos. O ensino da arte também não é valorizado nem pelos alunos e por alguns professores, que julgam a arte como sendo uma disciplina inferior do Português, Matemática, Geografia e História.

A escola precisava, portanto, de um projeto que levasse os alunos a ampliarem seus repertórios estéticos, e consideramos que isso poderia ser alcançado através do contato direto com os artistas e suas obras.

Sabemos que as escolas públicas brasileiras não possuem condições específicas satisfatórias para viabilizarem certos projetos, pois lhes faltam condições materiais e físicas, no entanto isso não se constituiu uma barreira para que pudéssemos levar em frente o projeto “*Artistas uberabenses na escola*”.

As diferentes atividades propostas pelo projeto foram sendo avaliadas, repensadas e reelaboradas durante o período da pesquisa. A avaliação que se fez do projeto “*Artistas uberabenses na escola*” está fundamentada nos dados recolhidos dos relatórios e questionários respondidos pelos alunos e professora, bem como na análise dos trabalhos realizados pelos alunos no desenvolvimento do projeto.

Podemos afirmar que o envolvimento dos alunos no projeto foi, em geral, prazeroso, no sentido de que, em cada etapa desenvolvida, crescia o interesse deles em participar cada vez mais. O modo como expressaram por escrito suas impressões a respeito da obra escolhida pela turma par

apreciação foi uma maneira deles analisarem a obra de arte. Isso possibilitou aos alunos a sensação de equilíbrio do ser no contato e conhecimento do mundo e de si mesmo.

Podemos dizer que, ao mostrar-se a obra como linguagem a ser decodificada, a pintura proporciona ao aluno um conhecimento específico, próprio do objeto artístico, pois a pintora, por meio de seus desenhos e cores, dá forma concreta às suas sensações e percepções.

Nas visitas aos ateliês os alunos compreenderam que nossa intenção não era simplesmente proporcionar-lhes um passeio de ônibus, mas sim dar-lhes a oportunidade de conhecerem de perto a obra original de uma artista, de saberem como é o processo de criação artística da pintora, de conhecerem outros trabalhos de sua autoria, de saber sobre história de vida através da entrevista.

A visita aos ateliês proporcionou aos alunos uma “aula” diferente, e eles perceberam a diferença. Ver, observar, expressar, interpretar, conhecer as formas visuais através das obras dos artistas uberabenses foram momentos importantes para os alunos.

A presença do artista na escola também foi uma atividade inédita nas escolas, muito apreciada pelos alunos e professora, tanto que alguns alunos manifestaram sua frustração pela ausência de dois artistas, que não puderam ir à escola.

Apesar de alguns afirmarem não saber desenhar, os trabalhos de releitura feitos pelos alunos foram muito expressivos. Como o tempo da aula (50 minutos) não foi suficiente para que pudessem finalizar seus trabalhos artísticos, muitos alunos solicitaram à professora levar para casa esses trabalhos para terminar, o que demonstra seu interesse pela atividade.

Conversamos com a professora, quando desenvolvia essa etapa do projeto, ressaltando que a releitura não consiste simplesmente em copiar o trabalho do artista, mas que o objetivo da mesma era aproximar os alunos do objeto estético, estimulando-os a criarem seus próprios trabalhos de arte, movidos pelo contato visual e discussões que a fundamentam. As atividades de produção artística foram incentivadas por considerarmos que a obra artística comunica idéias, sentimentos e

reflexões provindas das relações do homem com a realidade vivida. Ao produzir trabalhos de arte, o aluno reflete também suas relações com o mundo.

Entendendo, ainda, que não devemos valorizar apenas o processo, mas também o produto final como realização prazerosa de um objetivo cumprido, os alunos foram estimulados a descobrir buscar saídas e soluções nas atividades de produção.

Nas visitas aos ateliês os alunos tiveram oportunidade de conhecer o ambiente de trabalho dos artistas e de ver a obra escolhida para estudo em sua forma original.

A ida aos ateliês exigiu dos alunos aprender a lidar com gravadores e máquinas fotográficas, pois tiveram que registrar aqueles momentos desenvolvendo assim, outros interesses e habilidades como: aprender a fazer perguntas, aprender a transcrever fitas gravadas e a fazer relatórios, sistematizando as informações recolhidas. Na prática, o princípio preconizado pelos PCNs, da interdisciplinaridade foi sendo tecido de maneira natural, conferindo ao ensino da arte um caráter vivo e integrado no processo de construção do conhecimento, competências e habilidades.

Especificamente no campo do ensino artístico, as entrevistas proporcionaram aos alunos conhecer mais sobre as técnicas utilizadas pelos artistas e sobre os materiais empregados em suas obras. Também ficaram sabendo sobre as dificuldades que os artistas enfrentam para viver e até para comprar os materiais necessários para sua produção artística.

As visitas aos ateliês das artistas foram consideradas pelos alunos como uma atividade muito interessante, pois foi um fato inusitado na escola e na vida deles saírem para conhecer de perto os lugares onde os artistas trabalham.

Os alunos, na visita ao ateliê, expressaram grande alegria de ver a obra original e não apenas sua reprodução. Também ficaram felizes em serem recebidos pelas artistas e ao perceberem a satisfação das artistas por terem suas obras sido escolhidas pelos alunos.

Durante a visita os alunos manifestaram interesse em descobrir como se dá o processo de produção da obra, desde o seu início até seu estágio final. Demonstraram grande interesse em

pesquisar como os quadros são elaborados, e como o tema para a obra é escolhido. Os alunos também mostraram curiosidade em saber sobre a formação profissional das artistas.

As artistas, por sua vez, mostraram que cada obra realizada tem, por detrás, uma história. Relataram aos alunos que gostam e preferem escolher os temas de suas obras, pois isso faz com que a composição artística passe a ser definida pela emoção e não apenas pela razão. As artistas evidenciaram uma certa preocupação com o fato de que o material para a pintura é caro e que, muitas vezes, elas têm que priorizar as necessidades familiares, para depois poderem dedicar-se ao seu ofício com mais tranquilidade. Isso impressionou os alunos, fato que foi colocado em relevância nos relatórios, quando disseram da dificuldade do artista, sobreviver de sua arte.

O modo como os alunos se portaram em relação às obras vistas nos ateliês demonstrou um salto qualitativo na maneira de interagirem com a obra de arte. A compreensão da proposta de cada artista serviu de mediação para “um outro olhar” dos alunos. Tanto a técnica definida e/ou escolhida pelo artista, quanto sua pessoa e modo de ser, seu ambiente de trabalho quanto a “história” da obra produzida conseguiram abrir espaço para outros questionamentos e posicionamento dos alunos.

No mundo atual, exige-se cada vez uma utilização da visualidade em quantidades diversificadas na história, gerando a necessidade de uma educação que saiba perceber e distinguir sensações, idéias e qualidades afetivas.

É neste sentido que a educação das visualidades, pode ser inserida nos projetos educacionais de nossas escolas. Através da educação visual o aluno pode desenvolver mais a sua sensibilidade, a imaginação e também a afetividade, e se posicionar criticamente diante daquilo que é capaz de ver.

O conhecimento em arte implica a união da razão e do sonho, permitindo que os alunos se maravilhem, brinquem com o desconhecido e se alegrem com suas descobertas.

O projeto “Artistas uberabenses na escola” permitiu aos alunos passarem por um conjunto de experiências, levando-os a aprender e criar, articulando percepção, imaginação, conhecimento e produção artística pessoal e coletiva. Também facilitou a aproximação do universo cultural dos alunos com obras que fazem parte do cenário cultural uberabense.

CONCLUSÃO

O estudo aqui relatado teve como propósito descrever e avaliar uma proposta de educação em artes visuais para o ensino médio público desenvolvida através do projeto “Artistas Uberabenses na Escola”. Centrou-se esta proposta no pressuposto de que a escola precisa implementar experiências que sejam significativas para os alunos, possibilitando-lhes o contato direto com a produção artística de seu ambiente sócio-cultural.

Dentre os referenciais teóricos utilizados neste estudo prevaleceu o posicionamento de Ana Mae Barbosa exposto em sua “proposta triangular”, na qual a arte é entendida como conhecimento a ser aprendido e valorizado através da integração da história da arte com a análise da obra de arte e o fazer artístico do aluno.

Algumas questões nortearam a busca, sistematização e interpretação dos dados da pesquisa: O contato direto com artistas e suas obras pode provocar nos alunos um maior interesse pela arte? Como se dá o processo de leitura da obra de arte visual entre os alunos do ensino médio? Que conhecimentos, habilidades e valores os alunos desenvolvem em atividades de apreciação artística? Que elementos da obra de arte visual despertam maior interesse entre os alunos? Qual é o gênero ou estilo de obra visual preferida pelos alunos? Na escola, que fatores interferem no desenvolvimento das atividades de apreciação?

A descrição e avaliação da proposta propiciaram um diagnóstico a respeito das concepções prévias dos alunos sobre arte, e também sobre quais seriam os conhecimentos em arte a serem aprendidos e valorizados na educação escolar.

A análise das interpretações dos alunos a respeito de algumas obras de arte visuais demonstrou a precariedade dos seus conhecimentos sobre arte, ainda na terceira série do ensino médio. Suas interpretações espontâneas sobre as obras apreciadas revelam a inexistência de conhecimentos prévios, que deveriam ter sido construídos ao longo do ensino fundamental e

médio. As interpretações reduziram-se a expressões de sentimentos subjetivos experimentados e revelaram uma leitura linear e superficial a cerca da obra em apreciação.

Observamos que as interpretações se deram apenas no nível de emoção estética, expressa em linguagem repleta de “lugares comuns”, denunciando a falta de experiências anteriores em atividades de fruição no campo das artes visuais. Acreditamos que tais lacunas decorrem tanto do fato de os alunos pertencerem a um grupo sócio-cultural não familiarizado com produções artísticas eruditas como de um ensino voltado exclusivamente para o fazer artístico, relegando a um segundo plano ou mesmo excluindo das aulas de Arte as atividades de apreciação.

A apreciação da obra de arte permaneceu no nível da emoção transmitida pela obra. A cor foi o elemento visual que despertou maior interesse entre os alunos, porém nenhum demonstrou ter conhecimentos elementares sobre este elemento, como, por exemplo, sua classificação em cores primárias, secundárias ou complementares. Nenhum aluno referiu-se à estrutura formal da obra, e, com exceção da cor, nenhum mencionou os demais elementos visuais constitutivos da obra visual como linhas, formas, espaço, luz e sombra.

O projeto alcançou parcialmente os objetivos propostos. Em relação aos alunos, despertou-lhes o interesse pela arte, contribuiu para a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades, além de possibilitar a aquisição de valores e atitudes, promovendo, enfim, uma aprendizagem significativa dos conteúdos artísticos. Também contribuiu para o desenvolvimento profissional da professora de arte que, através de sua participação no projeto aprendeu a refletir sobre sua prática e a construir novos modos de pensar, sentir e agir em sua prática docente. Finalmente, o projeto teve êxito em seu intento de aproximar a escola da vida social e cultural da cidade, vez que conseguiu não apenas sensibilizar alguns artistas de Uberaba sobre a problemática do ensino de arte na escola, bem como instituições e agentes culturais, mobilizando-os e obtendo sua participação direta no projeto.

Apesar do projeto ter partido do pressuposto de que uma intervenção fosse capaz de superar as limitações identificadas, podemos concluir que, a despeito do interesse e participação nas atividades proporcionadas pelo projeto, a falta de determinados saberes prévios dos alunos, aliada a outros fatores intra-escolares, como horários fragmentados, falta de material para a realização de atividades de produção, e inexistência de recursos didáticos prejudicaram a concretização deste objetivo.

No entanto, as lacunas institucionais e as decorrentes da trajetória pessoal de cada um não foram suficientes para minimizar o interesse e entusiasmo dos alunos e professora pela proposta.

Os dados recolhidos através de entrevista com a professora, de questionários respondidos pelos alunos e da análise dos trabalhos por eles realizados permitiram concluir que a interação com os artistas, as visitas a seus ateliês, a presença dos artistas nas escolas, as atividades de apreciação e produção desenvolvidas pelos alunos em sala de aula foram aspectos relevantes que conferiram um sentido novo ao ensino de Arte nas duas escolas enfocadas nesta pesquisa.

Há que se ressaltar que os alunos se interessaram pelas atividades propostas, e que, através do contato direto com os artistas e suas obras, puderam compreender-se melhor, bem como ao meio cultural onde vivem. A proposta foi altamente enriquecedora enquanto mecanismo de inclusão cultural dos alunos. Em diversas ocasiões e de diferentes modos – mas principalmente ao conhecerem os artistas e suas obras originais – os alunos manifestaram sua satisfação e sentimento de pertença, sobretudo quando se tornaram sujeitos da mostra de arte ocorrida na Fundação Cultural de Uberaba. O desenvolvimento do projeto, portanto, ressaltou a interlocução com a arte como fonte de humanização da pessoa.

A experiência realizada nos permitiu demonstrar a possibilidade de atrelar o ensino escolar de arte a projetos voltados para a produção artístico-cultural da cidade, município ou região, orientados pelas diretrizes metodológicas da “proposta triangular”. O estudo também nos possibilita afirmar ser possível promover a inclusão cultural de alunos provenientes de uma parcela

da sociedade em geral excluída do usufruto de determinados bens culturais, levando-os à compreensão de que a arte revela o processo de humanização das pessoas e sociedades, a partir do estudo da produção artística local em articulação com o estudo de obras de arte consagradas.

Para que isto aconteça, no entanto, é fundamental a integração dos professores de arte num processo de formação continuada que lhes possibilite o necessário desenvolvimento profissional, a fim de que possam acompanhar as propostas mais recentes de educação, bem como reafirmar seu compromisso com a escola, implementando novas práticas educativas em arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Professores da universidade e da escola básica: parceiros no ensino e na pesquisa. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 11 , n. 1 (31), p. 43-55, março 2000a.

_____. **Arte no cotidiano e na escola**. Relatório parcial do subprojeto de pesquisa do projeto integrado “Pesquisa em parceria – Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas”, encaminhado à FAPESP, 2000b.

_____. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus 2001.

BARBOSA, Ana Mae T. B. **Recorte e colagem**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 1976.

BARBOSA, Ana Mae T. B.(Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **História da arte-educação**. São Paulo: Max Limonad. São Paulo. Cortez, 1986.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BERENSON, Bernard. **Estética e História**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Ensino de quinta e oitava séries. Brasília: MEC / SEF, 1997.

DELORS, Jacques et. al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 1999.

FERRARO, Mara. Procura-se um lugar para a arte contemporânea no currículo escolar. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 30 [30], p. 76-83, novembro 1999.

FERRARO, Mara e NARDIN, Heliana Ometto. Artes visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus 2001.

FERREIRA, Sueli. Arte e escola: interação de espaços plurais. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 30 [30], p.20-29, novembro 1999.

FERREIRA, Sueli (Org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus 2001.

FOURQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANGE, Lucimar Bello P. Arte e seu ensino: visualidades e visibilidades. Ponto de Vista. **Arte na Escola**. São Paulo, boletim 31, maio 2003.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.

MASON, Rachel. **Por uma arte-educação multicultural**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

OSINKI, Dulce R. Baggio. **Arte, História e Ensino – uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2001.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário de Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

REIS JÚNIOR, José Maria dos. **História da Pintura no Brasil**. São Paulo: Editora Léia, 1944.

SANTOS, Denise. **Orientações didáticas em Arte Educação**. Belo Horizonte: CINTE; FCH/Fumec, 2002.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.

TREVISAN, Armindo. **Como apreciar a arte:** do saber ao sabor: uma síntese possível. 2. ed.
Porto Alegre: Uniprom, 1999.

TRIANGLE des Arts. Catálogo de exposição. 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Professores da universidade e da escola básica: parceiros no ensino e na pesquisa. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 11 , n. 1 (31), p. 43-55, março 2000a.

_____. **Arte no cotidiano e na escola**. Relatório parcial do subprojeto de pesquisa do projeto integrado “Pesquisa em parceria – Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas”, encaminhado à FAPESP, 2000b.

_____. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org) **O ensino das artes: construindo caminhos**. São Paulo: Papyrus 2001.

ARGAN, Giulio C. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras ,1996.

BARBOSA, Ana Mae T. B. **Recorte e colagem**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 1976.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; PortoAlegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BARBOSA, Ana Mae T. B.(Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **História da Arte-educação**. São Paulo: Max Limonad. São Paulo. Cortez, 1986

_____. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BERENSON, Bernard. **Estética e História**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sarin Klen. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1991.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Ensino de quinta e oitava séries. Brasília: MEC / SEF, 1997.

BUSQUETS, Maria Dolores et al. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**, 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DELORS, Jacques et. al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 1999.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRARO, Mara. Procura-se um lugar para a arte contemporânea no currículo escolar. **Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 30 [30], p. 76-83, novembro 1999.

FERRARO, Mara e NARDIN, Heliana Ometto. Artes visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. São Paulo: Papirus 2001.

FERREIRA, Sueli. Arte e escola: interação de espaços plurais. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 30 [30], p.20-29, novembro 1999.

FERREIRA, Sueli (Org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus 2001.

FOURQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANGE, Lucimar Bello P. Arte e seu ensino, visualidades e visibilidades. Ponto de Vista. **Arte na Escola**. São Paulo, boletim 31, maio 2003.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação. Os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LOPERA, José Alvarez et al. **História Geral da Arte.** Pintura V. Madrid: Ediciones del Prado, 1997.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.

MASON, Rachel. **Por uma arte-educação multi-cultural.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

_____. Arte educação multicultural e reforma global. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 30 [30], p.07-19, novembro 1999.

MOLES, Abraham. **O Kitsch.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

NAVES, Rodrigo. **A forma difícil, ensaios sobre arte brasileira.** São Paulo: Ática, 1997.

NOVAES, Adauto (Org.) **O Olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OSBORN, Harold. **Estética e teoria da arte.** 2. ed. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São paulo, 1974.

OSINKI, Dulce R. Baggio. **Arte, História e Ensino – uma trajetória.** São Paulo: Cortez, 2001.

PENNA, Maura (Coord.). **É este o ensino de arte que queremos?:** uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares nacionais. João Pessoa: Editora Universitária / CCHLA / PPGE, 2001.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário de Artes Plásticas no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

PORCHER, Louis. **Educação Artística.** Luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1973.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** Lisboa: Edições 70, 1982.

REIS JÚNIOR, José Maria dos. **História da Pintura no Brasil.** São Paulo: Editora Léia, 1944.

RICHTER, Ivone Mendes. A multiculturalidade no ensino de arte e sua influência nos códigos estéticos. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 30 [30], p.30-36, novembro 1999.

SANTOS, Denise. **Orientações didáticas em Arte Educação.** Belo Horizonte: CINTe; FCH/Fumec, 2002.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade.** São Paulo: EPU, 1991.

THIOLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1980.

TREVISAN, Armindo. **Como apreciar a arte:** do saber ao sabor: uma síntese possível. 2. ed. Porto Alegre: Uniprom, 1999.

TRIANGLE, des Arts. (Catálogo)1996.

APÊNDICE A – Pensamentos de Josep Tharrats

“Inventamos trabalhos, transformações ilusórias dos produtos naturais em novos engenhos. Esta quimera é o que nos distingue do restante animais. E foi assim que a Arte e a Indústria deram uma nova dimensão ao homem.”

“Qualquer trabalho ou invenção artística é uma viva transgressão à rotina e ao aborrecimento que os poderes públicos nos impõem. A prática da Arte pode ser a via que nos libertará e afastará do tédio.”

“A Arte pode ser aquilo que nos distingue dos outros. Consiste em exprimir o que já existe com uma linguagem nova. Mas a Arte pode ser, do mesmo modo, aquilo que nos aproxima dos outros”.

“A Arte deve seguir a época em que foi criada ou antecipar-se à que virá imediatamente depois.”

“A Arte é, antes de tudo, comunicação e tem que se valer de todos os recursos que possam significar uma maior difusão de nossa obra”.

“Nem o Estado pode fazer artistas por decreto, nem um artista deve submeter-se às ordens de um poder estabelecido. A arte está fora de qualquer medida”.

“Encho os meus quadros de formas flutuantes com flechas de fogo, eclipses. A minha missão pode ser a de transcrever ou transformar alguns elementos vivos e dar-lhes um sentido particular”.

“O quadro deve oferecer um motivo de meditação: que o espectador pare e veja a forma de penetrar nesta miniatura de universos que lhe ofereço”.

“Decidi-me pelo exercício da pintura para dispor, mais do que nas letras, de liberdade de ação e independência”.

“Na consciência do criador plástico, a imaginação é superior à razão”.

“O artista, como ser humano, não pode subtrair-se ao influxo que o rodeia”.

APÊNDICE B – Entrevista com a professora de Arte

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Formação e Histórico Profissional

- 1) Fale sobre a sua formação, sobre os estudos que realizou. Além da Universidade, você fez algum outro curso relacionado com a área artística? Que cursos? Quando se formou? Estudou em escola pública ou particular?
- 2) Depois de formada, continua a fazer cursos?
- 3) O que a levou a gostar de Artes?
- 4) Em que escola trabalha (rede estadual, municipal ou particular)?
- 5) Você costuma ir ao cinema, teatro, concertos? Com que frequência? O que você mais gosta de assistir?
- 6) Acompanha os temas sobre arte, lendo revistas e livros?

A situação profissional

- 1) Como é a sua experiência na condição de professora de Artes?
- 2) Qual a sua carga horária de trabalho?
- 3) A experiência como professora de Artes acontece somente em escola pública ou inclui também a rede particular?

O ensino de arte

- 1) Na sua opinião, quais são os problemas do ensino de Artes, em especial, da escola pública?
- 2) Como planeja suas aulas?
- 3) Quais os critérios para a seleção dos conteúdos?
- 4) Usa recursos audiovisuais?
- 5) Como avalia os alunos?
- 6) Considera a carga horária de 50 minutos de aula semanal suficiente para o ensino de Artes?
- 7) As salas de aula são adequadas para se trabalhar com Artes?
- 8) O conteúdo de Artes pode ser integrado em outras áreas do currículo?
- 9) A direção valoriza o ensino de Educação Artística?
- 10) Qual a participação da comunidade nos eventos artísticos promovidos pela escola?
- 11) Com que tipo de arte e quais artistas você trabalha nas aulas de Educação Artística?
- 12) Qual a sua opinião sobre o ensino de Artes na escola pública?

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ADRIANA MARIA PEREIRA ROCHA BATISTA

FORMAÇÃO E HISTÓRICO PROFISSIONAL

P - Adriana, fale sobre a sua formação, sobre os estudos que realizou. Além da Universidade, fez algum outro curso relacionado com a área de Educação Artística?

Prof.a. Bom, os cursos que eu realizei dentro da área de Educação Artística foram os seguintes: curso de Magistério de Educação Artística, aqui, no Conservatório Estadual de Música “Renato Frateschi”. Na época, estudava também o Curso Técnico Instrumento, fazia piano. Nesses dois eu me formei.

Alguns anos atrás, ingressei na Universidade de Presidente Prudente, na área de Educação Artística, mas não pude continuar, por problemas familiares. Hoje, estudo Teclado também e vou me formar. Tenho a pretensão de continuar, seja na área de Educação Artística ou seja de Música, Eu quero é ir mais além.

P - Quer dizer que você não concluiu um curso superior, que você não tem a "licenciatura" em Educação Artística?

Prof.a. Não.

P - E você dá aulas. Consegue essas aulas, porque fez um curso técnico é isso? Eu queria entender direito, como é que você tem autorização para dar aulas.

Prof.a. Ah, sim! É que em Uberaba não existe, como até hoje. Quando comecei a lecionar, na década de 80, não havia pessoas com licenciatura em Educação Artística. Então, através da subdelegacia de Ensino, aqueles que tivessem um título de Magistério em Educação Artística pelo Conservatório poderiam lecionar até a 6ª série. Se não me engano, eram habilitados. Daí em diante, eram autorizados a lecionar. É por esse motivo.

P - Que cursos? Quando se formou? Estudou em escola pública ou particular?

Prof.a. Na área de Música?

P - Esse curso que você fez, lembra-se mais ou menos quando foi e se foi em escola particular?

Prof.a. Em 70.

P - Na década de 70?

Prof.a. Sim, no comecinho de 80, acho que me formei em escola pública estadual.

P - Depois de formada, continuou a fazer cursos?

Prof.a. Não.

P – Por que não?

Prof.a. Porque, logo após a formatura, eu me casei! Fui morar fora de Uberaba, em uma cidade muito pequena, e tive muitos filhos, 4 meninos, e fui cuidar deles. Então, por longos anos, eu fiquei só cuidando dos meninos, e não tinha, assim, uma ajudante, pessoa que ficasse no lugar. Minha boa vontade não bastava, Então, eu fiquei quieta. Depois surgiu a oportunidade de frequentar outro curso, que era Direito. Consegui fazer. Comecei a trabalhar depois. No ano passado, comecei a lecionar Educação Artística.

P – Adriana, onde e quando você fez esse curso de Direito?

Prof.a. Bom o curso de Direito eu fiz aqui, na Universidade de Uberaba, entre 89 e 93.

P - Você vem exercendo a profissão?

Prof.a. Venho. Eu gostaria de complementar que também tenho licenciatura plena de Pedagogia. O curso de Pedagogia que eu fiz, na época, para me ajudar, é porque eu gostaria de lecionar na área de Educação Artística. Então, eu achava que era um complemento, já que não podia fazer a outra, já que é tão longe.

P - E essa de Pedagogia, onde a fez?

Prof.a. Foi na Faculdade de Ciências e Letras de Ituverava, Estado de São Paulo.

P - Quando a concluiu?

Prof.a. Em 1984. Era o local mais perto de onde eu morava. Daí a minha preferência.

P - O que a levou a gostar de arte?

Prof.a. Eu acho que durante, a vida inteira, eu gosto de arte. Sempre fui uma pessoa assim muito alegre, muito alto astral, muito sensível. Quer dizer, numa análise, que eu faço de mim, é o que eu acho de minha pessoa! Uma sensibilidade assim aflorada em termos de apreciar o que é belo, de ver o trabalho que as pessoas desenvolvem nesse sentido, de valorizar esse trabalho. Então eu acho que o primeiro ponto de partida está lá no Colégio Nossa Senhora das Dores, onde fiz todo o 1º Grau e, através de leitura de livros, de poemas, através de teatro que a gente encenava e também escrevia pequenas peças, naquela época. Então, desde aí, eu sempre li muito. Houve uma época, eu lembro bem, em que cuidei praticamente de tudo. Escrevi a peça, fiz a cenografia... tudo isso sem ter a devida noção. Tudo só por gostar. A arte sempre está presente na minha vida, esse gostar da

arte de vislumbre, de sentir, de ver, de poder. Observar assim que seja até um por do sol. Ainda hoje, 40 anos, ainda eu me vejo assim.

P - E você teve algum incentivo em casa?

Prof.a. Tive sim. Esse incentivo, devo-o a minha mãe. Para você ter uma idéia, quando ela me levava, na época, ao Colégio Nossa Senhora das Dores, havia uma moça que tocava piano. Então ela pensava assim: “Um dia minha filha vai tocar piano”. Ela sempre dizia aquilo tudo, ao passo que eu sempre gostei de música. A gente juntava os primos para fazer um teatrinho. O papai e a mamãe, os primos, parentes estavam todos ali: Vamos tocar. O único que não me incentivava muito nesse sentido era o meu marido; Nesse ponto, ele acha que é bobagem... Eu comparo as palavras dele à dos meninos de hoje, como no ano passado, eu dando aulas no 3º colegial e um aluno achando que é bobagem: “Arte? Pra que estudar essa matéria no 3º Colegial?” Eu sinto um pouquinho de pena!

P - Em que escola trabalha: rede estadual, municipal, particular?

Prof.a. Hoje, eu trabalho na rede estadual.

P - Você costuma ir ao cinema, teatro, exposições, concertos? Com que frequência? O que você mais gosta de assistir?

Prof.a. Eu gosto muito de ir ao cinema, ir ao teatro; exposição, gosto, não muito. Gosto, mas não vou muito. Reconheço que de uns anos para cá, não sei se meu ritmo de trabalho está demais, então é eu me ver um pouco impossibilitada de comparecer. Vejo e observo pela televisão, revistas ou mesmo jornais. Estou acompanhando.

P - Acompanha os temas sobre artes, lendo revistas e livros?

Prof.a. Isso sim, livros também. É conforme a minha necessidade ou então, às vezes, preciso fazer alguma pesquisa, alguma coisa assim que normalmente você tem que fazer. Eu me desloco para as bibliotecas ou que seja o Conservatório ou que seja municipal ou pessoas que tenham um acervo de livros.

P - Que livro você leu mais recentemente, de que gostou ou artigo de revista de que se lembra?

Prof.a. Bom, o livro que eu tenho lido mais recentemente é esse de Renata Cantela: “Arte Linguagem Visual”, que eu pedi e recebi, porque ele está direcionado ao 1º Grau. Como ia

lecionar na 7ª série, com 2 turmas, pedi um livro; vi este, que está mais atual. Não sei se é o melhor, mas mais atual; aí, eu pedi para ver.

P – Alguém o indicou ou você viu em algum lugar?

Prof.a. Não, eu vi em revista, foi em propaganda; talvez na revista "Veja". Há uns que encomendei também do ano passado. Foram dois que tratam também de arte. Um é da arte no mundo; vem fazendo aquela história, aquele retrocesso, e o outro da arte brasileira. São dois volumes, mas eu não estou lembrada aqui, agora.

P – Depois, então, quando você for fazer a revisão, poderá ver em casa e acrescentar?

Prof.a. Pode deixar.

A Situação Profissional

P – Fale da sua experiência como professora de Arte.

Prof.a. Olhe, a minha experiência tem duas etapas: na década de 80 e do ano passado para cá.

P - Você começou a lecionar quando?

Prof.a. Na década de 80. Em 83, comecei por uma substituição. No decorrer desse tempo, eu já lecionei desde a 1ª à 4ª série e 5ª à 8ª. No ano passado, 2º Grau. Este ano, voltei para o 1º Grau. E lembro também que, no ano de 94, lecionei na rede particular, por um período, na escola, se não me engano, a Corujinha. É desde uns meninos pequeninhos do Maternal, até a 4ª série. Foi também uma experiência fantástica!

Você quer ver, o interesse do aluno, criança ou jovem, em participar, querer saber, às vezes, até mesmo cobrar do outro: “Não, fulano, você tem que participar, tem que fazer uma coisa que apresente na vida”. Então, você está vendo. Isso é muito bom saber! E tanto é, que eu gosto tanto, que este ano, para você ter idéia, eu tenho apenas duas aulas numa escola. Meu marido perguntou se compensa? Mas eu gosto. Levar um assunto, trabalhar com eles e chegar à aula seguinte verificando que eles estão atentos: “O que vamos fazer hoje? A senhora demorou! A gente achou que a senhora não vinha!” Então, para mim, é muito bom. Eu gosto muito e gostaria de fazer melhor.

P - Qual é a sua carga horária no Estado?

Prof.a. Bom, como professora de Educação Artística, tenho duas aulas semanais.

P - E só tem essas aulas?

Prof.a. Não, como o currículo inclui música, este ano estou lecionando Teclado. São 18 aulas semanais.

P - No Conservatório?

Prof.a. No Conservatório.

P – E, fora isso, atua como advogada?

Prof.a. Sim.

P - Concilia as duas coisas?

Prof.a. Sim.

P - Na pergunta anterior, você fez referência a dois períodos na década de 80. E depois?

Prof.a. Ah, sim!

P - Mas não explicou por que fez essa divisão?

Prof.a. Não, eu vejo o seguinte: na década de 80, a minha preocupação era outra: eu queria trabalhar; não importava a forma. Ia trabalhar e receber meu dinheiro, mas eu sempre tive a preocupação de fazer o melhor. Essa é uma coisa que está sempre dentro de mim.

Desde o ano passado, minha preocupação é passar a esses jovens alunos a vontade de vivenciar isso, de ver que existe beleza, existe arte, no dia-a-dia deles. A minha preocupação não foi mais o trabalho, a remuneração. Já não foi isso mais realmente igual no ano passado. Por exemplo, tive vários alunos que chegaram a mim, dizendo que deixaram uns bilhetinhos lá em casa, em que me abençoavam, que eu pude dar a eles essa visão de arte que não existia mais na vida deles. Então, isso pra mim é gostoso.

P - Você passa esses bilhetinhos para eu ver?

Prof.a. Tá, eu passo sim!

P - A experiência como professora de Arte acontece somente em escolas públicas ou inclui também a rede particular? Acho que você já respondeu lá na Corujinha, rede particular.

Prof.a. É. Lá, eu só gostaria de abrir uns parênteses referentes à rede particular. Você tem uma estrutura muito diferente da rede estadual, vamos dizer assim. Lá eu lecionava separado Artes Cênicas, Artes Plásticas, Artes Musicais com toda a meninada. Então, o rendimento era muito bom, e você tem o material.

P - Mas era você quem dava aula das várias linguagens ou não?

Prof.a. Era eu quem dava sim.

P - Eram aulas separadas?

Prof.a. Sim. Cada dia. Por exemplo: hoje, Artes Plásticas, amanhã Musicais depois Artes Cênicas. E consegui, em pouco tempo, na época, consegui realizar trabalhos. Tinha a aceitação de todos da escola também.

Então, nesses termos, é diferente. Para você ter idéia, havia Teclado violão. Quer dizer se lá não houvesse, eu poderia levar o meu violão. A flauta ficava a meu critério. Então, eu acho que o trabalho lá se apresentava melhor. Apesar de que, ano passado, Márcia, nós fizemos um na rede estadual, que ficou muito bom. Quer dizer, houve boa vontade, aceitação por parte da direção da escola, um trabalho que acho que nem os diretores mesmo acreditavam que ia ter aquela culminância.

O Ensino da Arte

P - Adriana, na sua opinião, quais são os problemas do ensino da Arte, em especial, na escola pública?

Prof.a. São vários os problemas. Eu os enumero assim: uma coisa é que falta a valorização por parte de quem rege a Educação no nosso País; às vezes, fala-se muito e fica muito no papel. Educação Artística, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas, nos termos de existência, de vivência mesmo, ainda fica muito a desejar. Você não tem uma sala adequada para trabalhar, os seus minutos são praticamente contados. Este ano, eu dou aula em salas muito pequenas, e aquele monte de alunos. Eu até lhe contei: fiz a experiência de levá-los para fora, e o pessoal parece que ficou meio assim. Precisava você estar olhando mais um pouco. Então seria um ponto, seria a sala, seria maior valorização do profissional, que cursa, que estuda e não tem esse retorno. Nem vou dizer um retorno de remuneração; estou dizendo em termos de valorização de seu trabalho, de reconhecimento. Eu vejo assim: o profissional que sai de casa para trabalhar não pode só pensar nos vencimentos, na remuneração: ele tem que pensar em estar fazendo um bom trabalho, realmente desenvolvendo um trabalho, um projeto em si. Então, olhe, a não valorização, a falta de um lugar adequado até mesmo nas escolas, é você não serve assim: “Ah, o professor de Educação Artística não fez nada! Não desenvolve nada!” Quer dizer, ante o descaso da própria escola, ou às vezes, você discute, coloca o seu posicionamento, ou então larga de mão. Não vai mudar a idéia daquele. Então, tem de preocupar-se com aqueles que você for trabalhando.

Esses são os principais. Hoje, devido ao grave momento econômico que a gente está vivendo, muitos profissionais estão indo em busca da sobrevivência. Por isso eles deixam um pouco a qualidade do próprio trabalho.

P - Como planeja suas aulas?

Prof.a. Olhe eu faço o planejamento semestral. Este ano e o ano passado, dentro dos Parâmetros Curriculares, eu faço aquela leitura, vejo o que se está pedindo. É semestral. Toda semana, eu tenho o hábito, sábado e domingo eu vejo se o que foi feito foi bem feito, se o conteúdo foi aprendido, se o trabalho foi desenvolvido e se preciso fazer alguma mudança. Aí, eu faço. É essa verificação constante.

Eu observo muito o aluno na sala de aula, o que se propõe fazer. Eu busco muito isso, a idéia deles, conversando e estimulando, mas deixo por conta deles. Eu estava até dizendo que realizei trabalho, agora, com os meninos, sobre a Composição Plástica. Dentro desse trabalho, fui fazendo aquela correlação assim: Se você trabalha com uma série de palavras dentro disto e daquilo, faz uma composição literária. “Se você trabalha sons, faz uma composição musical. Se você está trabalhando cores e formas, trabalha uma composição plástica”. Levei-os para fora; fiz esse trabalho com as pessoas deles, usando as roupas, tamanho, altura, usando as mãos, usando a folha que achei lá no terreiro. Então, eles gostaram muito.

P - Fiquei muito interessada no que explicou: que, no final da semana, você pensa um pouquinho no que vai usar na semana. Explique um pouquinho esse processo muito interessante, isto é, que você faz uma espécie de avaliação, reflexão de seu trabalho. Como é isso?

Prof.a. Sim, eu o faço nesse sentido.

P - Você analisa o trabalho de seus alunos, o seu... Como é isso?

Prof.a. Com o meu, principalmente, eu tenho muito essa preocupação. Não é perfeccionismo, isso não! Mas é ver, verificar se realmente eu estou fazendo um bom trabalho. A minha primeira preocupação é essa: se eu estou conseguindo fazer com que os meus meninos, os meus alunos tenham esse interesse.

P - Como é que você avalia se seu trabalho foi bom ou não?

Prof.a. Eu avalio assim: observando o interesse deles. Esse é um item primordial, se eu estou conseguindo chamar a atenção de todos. Então, vou citar um exemplo: a primeira aula, observar o que é arte no nosso dia-a-dia, o que é a arte na palavra deles, observar na vivência deles, em casa, no ambiente escolar. Então, o que se pode fazer com isso? Aí, eles mesmos "Ah, vamos fazer uma dança, vamos fazer um painel!" Não, não foi um painel que eles mencionaram. “Vamos fazer uma cartolina, não, um cartaz”, na linguagem deles. “Então, vamos melhorar, vamos fazer um mural, vamos pesquisar em casa. O que vocês acham da idéia?” E tudo direitinho. Trouxeram revistas. Fiz em conjunto então todos, de um modo geral, todos com as gravuras, ali participando. Eles participaram daquela colagem coletiva. Quer dizer, quando eu vi isso, que todos têm interesse de participar, na outra seguinte, trouxe material, participaram. Foi iniciativa deles, eu não estou cobrando nada, não ofereci pontos nem nada. Então, eu vejo um pouquinho importante que consegui atingir. Agora, se eu não consigo, procuro, de uma ou outra forma, retornar àquele conteúdo. Fiz o trabalho com eles, Artes Visuais. Vocês vão olhar em casa e ver o que têm. “Eu olhei em casa e trouxe isto, isso e aquilo. Vamos fazer?” “Vamos!” Fez outro mural, quer dizer parte dele. Outros quiseram fazer e fizeram no caderno, caderno deles. Dessa maneira é que eu vejo o interesse deles.

P - E, quando constata que o interesse deles não é tão grande, aí você pensa?

Prof.a. Nessa situação, eu penso em outra coisa. Então posso passar “slides”

P - Você concluiu que não foi legal?

Prof.a. De fato, eu tenho essa preocupação. É igual. Hoje, a mãe de uma aluna de música contou que ela está muito entusiasmada, querendo fazer direitinho tudo. Outro dia, estive com outra menina aqui, da 6ª série. São só duas alunas que tenho da 6ª série, e ela tem uma dificuldade muito grande que veio da 5ª. Começou a chorar. Expliquei a ela que não precisava chorar, que eu estava ali e, se eu não desse a ela uma boa aula e cobrasse tudo, eu não conseguiria dormir de noite. Acrescentei que eu estava ali, para ela ter um aproveitamento muito bom, que eu ia ajudá-la. Esse era o meu propósito. Acho que, quando lhe fiz ver isso, ela melhorou, expandiu-se, teve vontade. Então, acho que procuro assim: eu me cobro muito, não consigo ir lá e dar uma coisa assim preestabelecida.

P - Você usa recursos audiovisuais?

Prof.a. Uso recursos, “slides”, uso vídeos.

P - Como avalia os alunos?

P - Espere só um pouquinho. Primeiro, em relação aos recursos audiovisuais, são da escola, são seus? Como é ?

Prof.a. Não. As escolas, no ano passado, tinham retroprojetores. Então compro aquelas folhas.

P - As transparências?

Prof.a. Sim, as transparências. Eu faço, tenho todo o capricho de fazer. Por exemplo, estava fazendo a História da Arte. Então, muita coisa eu fiz em “slide” ali. Vídeo, às vezes, eu alugo. A TV Escola, agora que eu tenho em casa, eu gravo, apesar de que adquiri agora, em janeiro, mas já tem ajudado muito. Essa escola tem o vídeo. O retroprojetor eu ainda não usei, então não sei se tem.

P - “Slides” você os faz como?

Prof.a. Não, a transparência. “Slides”, eu já tive uns, Há muito tempo atrás, que era sobre sons, música. Era isso, quando eu usava, se não me engano, usei na "Corujinha" quando eu mandei fazer uns “slides”.

P - Como você avalia seus alunos?

Prof.a. Bom, são duas formas. Primeiro eu avalio a turma como um todo. Observo o interesse, a participação deles, se eu consegui aglutinar o maior número de alunos possível para realizar essa tarefa e olho também, de forma particular, aquele que noto mais disperso, que não pára, atento, que, às vezes, faz por fazer, que logo eu já decoro o nome dos meninos todos, já conheço todos rapidinho. No ano passado, eu tinha 280 alunos e sabia o nome deles todos. Então procuro trabalhar mais com estes. Hoje na escola, é muito assim se você conversa com eles qualquer assunto ou mesmo o tema, se eles acharem que você, tá, eles tem mania de falar assim: "Tá me tirando, tia!"

P - “Tá me tirando?”

Prof.a. Sim, eles estufam o peito: “tá me tirando?”

P - O que eles querem dizer com isso?

Prof.a. Assim, é se como você os estivesse peitando, eu acho. Às vezes, se eles perguntam alguma coisa ou gritam, falam alguma coisa e você lhes fala muito educadamente, eles dizem "Tá me tirando". Então, são duas as avaliações que faço. A primeira é como um todo e a Segunda é individual.

P - Você considera a carga horária de 50 minutos de aula semanal suficiente para o ensino de Arte?

Prof.a. Muito pouco, principalmente quando eu pego os alunos da 7ª série que estão voltando da aula de Educação Física. Todos alucinados, querem beber água, até que você os coloca pelo menos para ouvir a fim de começar, já perde uns minutinhos. E até de que o lugar é muito apertado.

P - Adriana, voltando à avaliação, que aspectos você considera na avaliação? Disse que leva muito o interesse desses alunos. O que mais?

Prof.a. A participação tem aqueles aspectos, que você quer ver naqueles livros, nos Parâmetros. Portanto a gente segue aquilo ali, devendo atingir aqueles vários itens!

P - Você já, pela segunda vez, falou nos Parâmetros. Conhece bem os parâmetros de Artes. Tem trabalhado com eles?

Prof.a. Não, eu procuro, veja bem, eu procuro. Não é que eu tenha conhecimento integral, não. Eu li os Parâmetros no ano passado, da interdisciplinaridade das matérias, artes e as matérias pedagógicas. Li tudo que se referia ao 2º Grau.

E o 1º Grau também. Tenho até em casa o livro dos Parâmetros, que trata dos objetivos, da avaliação, aquela coisa toda .

Portanto, às vezes eu procuro fazer a minha própria, tirando alguns itens dali.

P - E, para as aulas, o conteúdo mesmo, você já usou os Parâmetros ou não?

Prof.a. Dentro do conteúdo?

P - Porque dentro do Parâmetro existem algumas orientações gerais a respeito do planejamento, dos objetivos, da avaliação, interdisciplinaridade, temas transversais. E tem orientação sobre os conteúdos Arte, Música, Teatro. Você usa também?

Prof.a. Não!

P - O conteúdo de Arte pode ser integrado a outras áreas do currículo?

Prof.a. Acho. Não só pode, mas também deve. Em determinado momento ajuda! Se um aluno está estudando Literatura, aqueles movimentos literários, adequar tudo ali aos movimentos da Arte, momentos da Arte. Acho que a concepção dele melhora, em termos de ficar só assim decorando dentro da História, Geografia, você pode fazer um acompanhamento. No ano passado, nós fizemos um trabalho na escola, dentro do Movimento Romântico. Então, usou-se a Literatura, utilizou-se a Música, as Artes.

P - Você trabalhou com outros professores também ou não?

Prof.a. Com os professores de Português e Literatura.

P - A direção das escolas em que você trabalha ou trabalhou valoriza o ensino de Educação da Arte?

Prof.a. Olhe, de uma forma geral, eu acho que, quando vou citar o seu trabalho, quando aquele trabalho foi dando resultado, então o interesse foi crescendo. Quando realmente se viu a dimensão que ele poderia alcançar, o que poderia fazer para os alunos e para o nome da escola, aí eu acho que foi diferente.

Ajuda, apesar de, no primeiro momento, eu decidi com você antes mesmo de falar com a direção da escola para realizar o trabalho. Porque eu senti que poderia fazer o que ele bem entendesse, em termos assim na minha disciplina.

Então, no momento em que começou, eu falei com elas. De repente, foi crescendo. De certa forma, eu não posso dizer que não, mas acho que faltou. Como foram duas escolas, por parte de uma escola, faltou.

P - Mas você está se referindo a essa experiência?

Prof.a. Sim.

P - E, no geral, você sente o apoio?

Prof.a. Estes anos em que já trabalhei?

P - Sim.

Prof.a. Eu já senti em umas escolas, em outras não.

Em algumas escolas o professor de Educação Artística é para ensaiar quadrilha, fazer festa do Dia das Mães, Dia dos Pais... e você, na época, na década que eu estou citando, me prestei a isso. Eu trabalhei no ano passado, e tudo que eu quis fazer, consegui fazer, da seguinte forma:

A cada fim de bimestre, eu fiz apresentações nas escolas. Então levei o projeto “Brasil 500 Anos”. Depois uma participação livre dos alunos poderia fazer o que bem quisesse a cada final de semestre, e nunca ninguém me falou; foi muito bom. Às vezes, eu acho que o profissional da Educação Artística é um pouco deixado para lá, vamos assim dizer.

P - Qual a participação da comunidade nos eventos artísticos promovidos pela escola?

Prof.a. Toda época em que eu dei aulas, estes anos todos, é muito pouca a participação, a não serem as datas que façam já parte do calendário da escola: Dia das mães, dos Pais, do Folclore, etc.. Então, eu não vejo a comunidade escolar aliada à comunidade de pais, alunos aliados à escola. Eu não vejo isso. Acho que cada um está ilhado; aqui está o aluno, ali está o professor, aqui está a direção da escola e ali então os pais. Eu não sei se é devido ao momento em que a gente vive, mas não vejo essa participação escolar.

P - Que tipo de arte e quais os artistas que você trabalha nas aulas de Educação Artística?

Prof.a. Bom, em termos de releitura, o primeiro trabalho que comecei a fazer foi no ano passado; foi com você. Até então, não tinha feito. Passava simplesmente uma fase ou outra, mostrava é, às vezes, com livros, revistas, mas não em termos assim de trabalhar mesmo, de fazer uma releitura, um projeto mesmo em cima dele. O primeiro foi no ano passado, com nossos artistas aqui, de Uberaba. E foi uma experiência muito boa, assim que eu pude ver, tanto por parte de meu crescimento e de saber e de vivenciar fazer e também como dos alunos; eles queriam trabalhos para casa! Antes, eu seguia muito a orientação da escola eles queria trabalho para casa. Então eu trabalhava muito, trabalhos manuais, usando sucata, esse tipo de coisas, fazendo coral, neste sentido, assim.

P - Qual é a sua opinião sobre o ensino de Arte na escola pública?

Prof.a. Eu gostaria que a Arte hoje em ensinada na escola pública tivesse o seu lugar como realmente merece. Porque, além de ela fazer parte da nossa vida, da nossa história e vai continuar fazendo nosso futuro, ela ainda, permite a integração que se pode fazer com as outras

disciplinas. É transformar. Isto traz um melhoramento muito grande em termos de passar estes conhecimentos do professor para o aluno. Vejo que hoje ela não tem igual. Talvez, falte uma preparação maior do professor de Educação Artística, e falte também uma conscientização que saia do papel, que saia da lei, que realmente voltada para o reconhecimento da Arte, dessa disciplina dentro da escola.

Acho que a soma de tudo isto vai florescer, porque não basta, como no meu caso, ter boa vontade de realizar, sendo que faltam determinados elos, vamos dizer, da corrente. Às vezes, você prejudica; às vezes, você tem criatividade; mas, às vezes, você é brecado por mecanismos, seja da escola ou seja por parte da comunidade escolar.

P - Você disse que falta melhor preparo do professor. Na sua opinião, o que falta para formar o professor de Artes, que tipo de formação esse professor devia ter para ser um bom professor de Artes?

Prof.a. Olhe, eu vejo pouco assim. Eu fiz Educação Artística aqui. Na época, foi um pouco dirigido. Você vai fazer essa folha, não deverá ser do jeito que está ali, quer dizer, dirigido. Eu acho que falta é realmente você aprender, perceber as qualidades que cada aluno tem. Porque, de repente, ele se forma e ele se formou e quer ser professor, ele precisa preparar-se melhor.

Preparar-se não só um termos de graduação não. Vimos, lá naquele caso específico, pessoas que tinham faculdade de Educação Artística, mas que não quiseram participar; uma ou duas tinham e não quiseram participar do projeto. Então, quando eu digo preparo, não é em títulos não, é ele realmente não ser, mas estar professor; é ele ser professor de Artes; ele ter boa vontade, participar de fazer, ter aquela preocupação de passar isso para o aluno e ter esse retorno.

P - O que você achou da experiência desse projeto?

Prof.a. Ótima! Adorei trabalhar e cresci muito.

P - E em que termos você cresceu e por que você adorou? Quais foram os ganhos?

Prof.a. Eu cresci em termos de participar da continuidade de um projeto que, até então, alguns que eu quis fazer, que tenho engavetados, não consegui, seja por vários impedimentos.

P - Foi para dar um começo, meio e fim de você ter um determinado resultado?

Prof.a. Sim, isso. Eu vi um resultado. O resultado para mim não é aquele da exposição. O resultado para mim foram 231 trabalhos que os meus alunos, praticamente todos eles, quase 100%, fizeram. Não foi, pois, só a nota não, porque a nota do trabalho em si, o que foi avaliado, foram os passos do trabalho nesse sentido, porque eu tinha que dar uma nota. Mas, no final, foi ter esse trabalho, não foi todos participarem, porque faltou um pouco de empenho

talvez da direção de uma escola. A data não ajudou muito. Muitos já estavam em férias. Então, nem queriam saber, e muitos não ficaram sabendo.

Mas, voltando ao assunto, do que eu gostei foi disso, foi de ver todos eles participarem de boa vontade. Quiseram e foram visitar os artistas, chegaram, falaram, escreveram; muitos projetos como esse tinham que ser desenvolvidos na escola. E eu adorei, porque, além do aprendizado, eu consegui chegar ao fim desse trabalho. Eu vi assim, eu observei os passos do trabalho, quer dizer, uma coisa mais acadêmica, coisa de que, até então, eu não conseguira participar. Gostei muito, cresci muito.

P - E, em relação aos alunos, me é que você acha, que fez o interesse, o desempenho deles?

Prof.a. O interesse deles foi muito grande, em grande maioria. Você podia tirar de cada sala 2 ou 3 que "isso é "enjoado" mas todos eles quiseram participar, gostaram daquela intimidade com o artista, coisa de que, até então, eles nunca tinham participado, deslumbrados. E gostaram de trabalhar em cima. Outra coisa que eu achei muito importante: eles perceberam que qualquer um deles pode ser um artista, desde que queiram e tenham certas habilidades. Eles perceberam isso, conforme o depoimento que cada um passava para si. Então, acho que isso enriqueceu muito a vida deles. Existem várias pessoas: fulano foi seu aluno, contou o que você fez, o seu trabalho e tudo direitinho. Sempre existe alguém chegando e falando a respeito desse trabalho.

P - E, particularmente, o fato de ter sido um projeto desenvolvido com artistas de Uberaba, poderia ser tudo isso que você está dizendo, do interesse da participação, etc. e tal, cabe em qualquer tipo de projeto. Agora, especificamente, o fato de ter trabalhado assim com artistas de Uberaba em que você acha que foi diferente?

Prof.a. Foi diferente sim, o contato, a proximidade. Veja bem: se você exercita com artistas que já morreram, não existe aquele contato físico ali, que eu achei muito importante para o aluno. É muito diferente você pegar um livro e ler do que escutando a pessoa ali contar manifestando-se. O ponto principal desse trabalho foi o contato dos alunos com o artista, tanto no ateliê quanto aqueles que aconteceram na escola.

Houve uma turma que a artista não pôde ir, e eles ficaram tristes, decepcionados.

P - De todas as atividades propostas, do que você mais gostou? Do que os alunos mais gostaram? O que você sentiu que teve uma certa dificuldade para desenvolver e os alunos tiveram uma certa dificuldade de executar a atividade proposta a eles?

Prof.a. A fase de que eu mais gostei foi a do comprometimento deles em fazerem o trabalho deles, porque não precisei falar: "Olha, vale tanto". E também houve a ajuda do material; de uma certa forma estava ali; era só fazer. Mas eles tiveram boa vontade, cuidando de fazer

aquele trabalho; então eu achei aquilo muito importante. A fase, por exemplo, do portfólio não os interessou muito. O motivo que eu acho também era fim de ano eles já estavam lidando com formatura; logo o interesse deles foi vago. A visita deles ao ateliê do artista, com eles fazendo o trabalho, foi o suficiente para eles. E outra coisa que eu observei e vários vieram me dizer foi que eles aprenderam a olhar uma obra de arte. Saíram daquele gosto, não gosto, e então ali já olharam, procurando vislumbrar as cores, coisas assim. Foram mais além: tiveram esse conhecimento extra e muitos vieram afirmar que aprenderam a observar uma obra de arte. Eu achei muito interessante também.

P - Há mais alguma coisa que você gostaria de comentar? Em termos de dificuldade, foi o portfólio?

Prof.a. Sim.

P - Alguma outra dificuldade ou alguma coisa que você queira acrescentar?

Prof.a. Sobre o projeto num todo?

P - Se a gente tiver que repetir esse projeto suponhamos, o que você mudaria, que sugestões você daria: “Olhe, não faço assim, faço assado”, alguma sugestão na experiência?

Prof.a. Não, na experiência que eu tive, apesar de que nós trabalhávamos 2 bimestres, eu achei pouco, porque uma aula semanal, então achei pouco.

P - Numa aula de 50 minutos?

Prof.a. Sim, 50 minutos. Eram 9 turmas, e pense bem, você repetindo aquele mesmo assunto. Em 9 turmas pouco, sabe: aí um faz, outro não faz, e às vezes tinha que repetir aquilo na aula. Então, concluí que, conforme o assunto, deve haver um prazo maior. Se você faz um planejamento, todas as etapas você cumpre, você está fazendo um trabalho muito bom dentro de uma programação, e talvez seria isso: eu acho que tudo, no meu caso, tudo que foi para fazer, nós conseguimos. Penso que, se fossem realizados outros, seria muito bom. Outro dia, eu em casa, pensando em que poderia atuar diferente com esses meninos, mas assim é muito difícil. Falta ao professor, como você é polivalente e está fazendo várias coisas ao mesmo tempo, de repente que você está faltando, sentar-se e fazer uma coisa. Por exemplo, ela sentou-se para desenvolver o projeto, ela fez e sentou-se, não é assim? É onde, às vezes, eu me cobro quando não realizo alguma coisa nesse sentido. Pelo menos, aquelas que eu estou fazendo sejam pelo menos satisfatórios, vamos assim dizer.

P - Como você não tem mais nada a dizer...

Prof.a. Eu agradeço a Márcia a oportunidade. Quando eu vi, pensei: “Nossa Senhora! Vou lá ver o que é isso”. Eu nem sabia que era ela. Foi bom, por ser improvisado, não?

APÊNDICE C – Depoimentos sobre a exposição de trabalhos plásticos realizados pelos alunos

“A Fundação Cultural de Uberaba está honrada com a exposição 'Artistas Uberabenses', da autoria da Profa. Márcia Queiroz Silva Baccelli, e que contou com a participação de artistas plásticos, alunos das escolas Estaduais “Profa. Edith França” e “Minas Gerais”, sob orientação da Profa. Adriana Maria Pereira Rocha Batista e interação da Fundação Cultural, Universidade de Uberaba, Escolas Estaduais, artistas, professores e alunos aliou-se ao talento e a oportunidade de expressão dos futuros artistas de nossa cidade.”

José Thomaz Silva Sobrinho
Presidente da Fundação Cultural de Uberaba

“Entre os objetivos que permeiam o trabalho da arte-educador, devemos oferecer oportunidades aos alunos do contato com a “visão” do artista, promover momentos de reflexão, de leitura do mundo e da realidade através de experiências plásticas, principalmente contribuir de forma lúdica na formação de cidadãos conscientes. Podemos observar estes objetivos alcançados no resultado do trabalho tão bem elaborado pela Profa. Márcia e executado pelos alunos das Escolas Estaduais “Minas Gerais” e “Edith França”. Que, através desta experiência, outros projetos possam surgir!... E, quem sabe, uma geração futura repleta de artistas... Parabéns a todos!”

Rosana Prata Santos
Professora de Arte e Diretora Cultural da Fundação Cultural

“Percebi nesta exposição o valor do esforço do professor em levar a sua escola o artista e a sua obra, demonstrando que tudo é possível quando se acredita no trabalho e na criatividade.”

Terezinha Queiroz Silva
Psicóloga

“Tudo em nossa vida vale a pena tentar. Parabéns a toda a equipe pelo carinho e oportunidade oferecida à escola pública. Valeu a pena!”

Rosângela Maria Goulart Manso
Diretora de escola.

“A arte é uma inspiração divina que capta os nossos mais íntimos sentimentos. Que essa realização possa ter continuidade, dando aos nossos jovens a chance de demonstrarem os seus mais puros sentimentos. Parabéns a toda a equipe!”

Marize Idaló
Supervisora Pedagógica.

“Parabéns pela iniciativa e pela oportunidade que foi dada aos nossos alunos de retratarem a personalidade e exaltar os sentimentos mais profundos e significativos.”

R. Santos

“Parabenizo a iniciativa da professora Márcia Queiroz Silva Baccelli e a professora das Escolas “Minas Gerais” e “Profa Edith França” pelo envolvimento com o Projeto. Parabenizo também os alunos que demonstraram interesse e participaram do Projeto.”

Zuleica
39ª DRE

“Como professora de Artes dos alunos das escolas 'Profa. Edith França' e 'Minas Gerais', eu me sinto muito feliz por ter conseguido propiciar-lhes um momento diferente, cheio de magia, união de forças e de espiritualidade. Agradeço a Márcia, Maria José, Rosângela, Prof. José Thomas, artistas plásticas Abadia, Rosalina, Cláudia, Maria Délia e Cacilda pelo carinho e oportunidade. Queridos alunos da 3ª série do 2º grau das Escolas 'Minas Gerais' e 'Edith França', obrigada!”

Adriana Maria Pereira Rocha Batista
Professora das escolas "Profa. Edith França" e "Minas Gerais"

“O trabalho realizado com o projeto Artistas Uberabenses muito nos emocionou por estar participando e também por averiguar o ótimo nível dos trabalhos. Que continue a florescer esta 'semente da arte' tão bem plantada neste momento. Obrigada!”

Maria Délia Prata
Artista plástica

“Senti-me muito honrada com a escolha do meu trabalho para este projeto, que considerei de grande importância. Queira Deus que todos os educadores se empenhem cada vez mais em aproximar a Arte dos jovens que estão iniciando sua caminhada para a construção de um mundo melhor.”

Cláudia Kremp Cazadei
Artista plástica

“Desde os primórdios, o homem procura deixar suas marcas em vários lugares por onde passa e hoje com os múltiplos meios de registrar os momentos atuais, do moderno ao contemporâneo. O artista plástico deixa suas marcas na tela e em outros suportes. O projeto fez os alunos buscar-lhe o mais profundo da criação dos artistas.”

Maria Délia, Rosalina Aparecida de Moraes Cardoso,
Maria Abadia Ulhôa Barbosa, Cláudia Kremp Cazadei,
Cacilda Mariano e Aguiar
Artistas plásticos

APÊNDICE D – Questionário de avaliação respondido pelos alunos

Projeto ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA

Caro(a) aluno(a),

Nestas últimas semanas, você esteve envolvido(a) no projeto "ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA". Nesse projeto, você participou de várias atividades:

- a) apreciação de obras de artistas plásticos de Uberaba;
- b) escolha, apreciação e registro de suas impressões sobre a obra escolhida pela classe;
- c) estudo da obra escolhida e preparação para visita ao ateliê da artista;
- d) visita ao ateliê da artista;
- e) elaboração de um projeto para execução de um trabalho inspirado na obra da artista;
- f) execução da obra (desenho, pintura, colagem...);
- g) visita da artista à escola e execução de um trabalho sob orientação da artista;
- h) transcrição da entrevista feita com o artista e elaboração de relatório;
- i) montagem do “portfólio”.

Refleta sobre cada uma dessas atividades e responda:

1) Dentre as atividades relacionadas acima,

as atividades de que mais gostei foram:

a (), b (), c (), d (), e () f (), g (), h (), i ();

e as atividades de que menos gostei foram:

a (), b (), c (), d (), e () f (), g (), h (), i ().

2) Explique por que gostou ou não dessas atividades:

3) Assinale as atividades nas quais sentiu alguma dificuldade para realizar:

a (), b (), c (), d (), e () f (), g (), h (), i ().

4) Explique que dificuldades foram essas:

5) Exprese livremente sua opinião sobre o projeto "ARTISTAS UBERABENSES NA ESCOLA.

ANEXO A – Alguns relatórios de alunos referentes às visitas aos ateliês